

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Teresinha de Oliveira Carmo

ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS: MARCAS DE INTERAÇÃO LINGUÍSTICA NA
OBRA DE JOÃO ANTÔNIO *MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO*

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Teresinha de Oliveira Carmo

ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS: MARCAS DE INTERAÇÃO LINGUÍSTICA NA
OBRA DE JOÃO ANTÔNIO *MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO*

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação Prof. Dr. Dino Preti.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes.” (Martin Luther King)

Dedico este trabalho a Deus, autor e consumidor da
minha fé!

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram de alguma forma para que fosse possível a concretização desse sonho. Meus mais sinceros agradecimentos:

A Deus, por sua presença constante em todos os momentos de minha vida.

Ao Prof. Dr. Dino Preti, meu orientador, pelo exemplo de profissionalismo e pela atenção que me foi concedida.

À Prof. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias, pela dedicação e incentivo que me fizeram acreditar que daria certo.

À Prof. Dr. Jahilda Lourenço de Almeida por sua competência e simpatia e pela valiosa contribuição ao meu trabalho.

Ao meu querido esposo, Denis, por ter suportado minhas ausências e pelo apoio incondicional ao meu trabalho.

Aos meus filhos Beatriz e Gustavo, razão que faz todo meu esforço valer a pena.

A minha mãezinha (*in memoriam*) pelo exemplo de força e perseverança.

Ao meu amado pai, por tudo que tem feito e vem fazendo por mim.

Aos meus irmãos, pelo exemplo de honestidade e coragem.

As minhas irmãs por todo apoio, carinho e dedicação, sem elas eu não teria conseguido.

Aos meus sobrinhos que sempre me apoiaram e em especial a Thamires que, mesmo longe, trouxe grande contribuição a minha pesquisa.

Ao meu amigo João Alves Almeida pelo precioso apoio a minha pesquisa.

A minha amiga Rita de Cássia de Deus pela paciência e pelas valiosas contribuições que trouxe ao meu trabalho e que durante toda essa caminhada esteve ao meu lado.

Aos amigos do E.E. Roberto Mange por terem suportado meus momentos de desabafos e pelo grande incentivo.

Aos meus amigos da PUC e em especial aos meus companheiros Ana Paula Santos Moura e Hamilton Fernandes de Souza, que caminharam comigo até o final dessa trajetória.

À Igreja de Cristo do Jardim Itajaí, sem ela tudo seria mais complicado.

À SEE, pela bolsa concedida.

RESUMO

Esta pesquisa tem como intento destacar as estratégias conversacionais que as personagens utilizam para interagirem em situações comunicativas. O presente trabalho tem como finalidade ser aplicado ao ensino de Língua Portuguesa, visando, dessa forma, a conscientização de que trabalhar a linguagem oral vai além da leitura em voz alta. Também pretende levar o aluno a compreender a importância de estudar as marcas de oralidade presentes nos textos, contribuir para formar uma sociedade consciente, menos preconceituosa e conhecedora das variações linguísticas, bem como saber adequá-las ao seu convívio. Para tanto, utilizamos como *corpus* o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de João Antônio. No conto, o autor descreve a malandragem do centro paulistano, traçando um paralelo entre o que é real – a luta pela sobrevivência de uma classe marginalizada no final da década de 50 – e a ficção, construindo uma aventura vivida por Malagueta, Perus e Bacanaço, apaixonados pelo jogo de sinuca. Buscamos na obra as marcas de oralidades e expressões que foram empregadas pelo autor como estratégias, principalmente, de interação. Além de identificar quais os mecanismos de comicidade presentes na narrativa que contribuem para uma maior clareza e enriquecimento da obra. O autor utiliza mecanismos humorísticos que contribuem para levar o leitor a divertir-se, refletir, interagir e indignar-se com os acontecimentos, às vezes, aparentemente banais, porém com marcas de violências implícitas no contexto. Sendo assim, fundamentamos teoricamente a pesquisa na sociolinguística interacional com o prof. Dino Preti; na análise da conversação, com Marcuschi e na análise do discurso, com Eni Orlandi. A partir da pesquisa, pode-se perceber que as estratégias conversacionais, assim como as marcas de interação linguísticas, evidenciados no conto, contribuíram para fornecer-nos exemplos expressivos da linguagem do submundo paulistano.

Palavras-chave: Marcas de oralidade. Interação. Preservação da face.

ABSTRACT

This research has as its purpose to emphasize the conversational strategies that the characters utilize to interact in communicative situations. The purpose of the current work is for it to be applied to the teaching of the Portuguese Language. Aiming thus for the awareness that working oral language goes beyond reading out loud. Also have the student understand the importance of studying the marks of orality present in texts. Contribute to form a conscience society, less prejudice and knowledgeable of the linguistics variations and know how to adapt them to its convivial. Therefore, we utilized the tale Malagueta, Perus, and Bacanaço by João Antônio as corpus. In the tale, the author describes the trickery of the center of São Paulo tracing a parallel between what is real – the fight for survival – by a marginalized class in the end of the 50th decade and the fiction, a vivid adventure lived by Malagueta, Perus, and Bacanaço, who are passionate about the game of pool. We searched in the work the marks of oralities and expressions that were used by the author as strategies, mainly, of interaction. Beyond identifying which mechanisms of comicality in the present narrative contributed to a greater clarity and enrichment of the work. The author utilizes humoristic mechanism that contribute on taking the reader to have fun, reflect, and be offended with the events, sometimes, apparently banal, but with marks of violence implicit in the text. So theoretically we base research in interactional sociolinguistics with prof. Dino Preti, in conversation analysis, with Marcuschi and discourse analysis, with Eni Orlandi. Since this research, one can notice that the conversational strategies, contribute to provide us with expressive examples of language in the São Paulo sub world.

Key-words: Marks of orality. Interaction. Preservation of the face.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	14
2.1 A obra: Malagueta, Perus e Bacanaço	14
2.2 O autor: João Antônio.....	16
2.2.1 João Antônio – o “trapezista”	18
2.3 O Conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”	19
3 CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO E SOCIAL BRASIL (1954 – 1964) – UM CENÁRIO DE DEMOCRACIA?	22
3.1 Juscelino Kubitschek – Promete e cumpre	23
3.2 Jânio Quadros – O homem da “vassourinha”	24
3.3 João Goulart – no comando – presidencialismo	25
4 TENDÊNCIAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	27
5 LÍNGUA E SOCIEDADE – INTERAÇÃO	29
5.1 A língua como elemento de interação	29
5.2 O humor como meio de preservação da face.....	31
5.2.1 Ironia.....	34
5.2.2 Estereótipo	36
5.3 O silêncio	38
5.4 A gíria	40
5.5 Frases feitas	41

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS	42
6.1 A presença do diminutivo	43
6.1.1 A presença do diminutivo como forma de interação	43
6.1.2 A presença do diminutivo como forma de zombaria.....	44
6.1.3 A presença do diminutivo como forma de provocação	47
6.1.4 A presença do diminutivo como forma de agressão.....	48
6.2 O silêncio	49
6.3 A presença da gíria como forma de interação	60
6.3.1 A gíria sendo influenciada pelo meio	61
6.3.2 Expressões usadas como forma de indignação contra a sociedade	64
6.3.3 As expressões populares.....	67
6.4 As frases feitas.....	70
6.4.1 Frase feita – Forma de proteção e autodefesa por meio da fé	75
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	82

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As marcas de interação linguísticas são estratégias utilizadas pelo autor para fazer uma crítica aos problemas sociais, pois nos mostra, por meio dos diálogos e marcas de oralidade presentes na narrativa, a forma com que as pessoas marginalizadas são expostas perante uma sociedade preconceituosa.

Sendo assim, escolhemos o conto de João Antônio “Malagueta, Perus e Bacanaço”, como *corpus*. Esse gênero conto é um estilo cuja estética modernista passou por profundas transformações, sendo uma delas o enriquecimento temático proporcionado pela contribuição da literatura regionalista.

Segundo Cereja e Magalhães (2010, p. 385):

Do ponto de vista técnico o relato objetivo e linear, com sua estrutura de começo, meio e fim, e a narrativa em crescimento, mantida pelo suspense, deu pouco a pouco lugar à simples evocação, ao instantâneo fotográfico, aos episódios ricos de sugestão, aos flagrantes de atmosfera intensamente poética, aos casos densos de significação humanas. São representantes do gênero, entre outros, Lígia Fagundes Telles, Homero Homem, Osman Lins... João Antônio.

João Antônio se destaca entre os vários representantes desse gênero. *Malagueta Perus e Bacanaço* é o título do seu último livro que contém alguns contos. O autor utiliza as palavras na obra com clareza, sem restrição de forma ou conteúdo. Ele tem liberdade para construir um diálogo – mais próximo da oralidade ou um diálogo livre entre os adversários, de forma pouco usual, mas um texto muito próximo do nosso mundo.

Dessa forma, o foco principal da nossa pesquisa é a busca pelas estratégias utilizadas pelo autor para se construir um texto o mais próximo possível da realidade.

O que podemos observar na obra é a forma com que as personagens vão tornando-se mais fortes na medida em que vai havendo uma maior comunicação e interação entre elas. Até que essa comunicação é interrompida por conta dos padrões e da boa conduta do jogo. E, então, retornam à mesma condição de miseráveis de antes.

Preti esclarece que, apesar das normas serem criadas pela própria comunidade, pelos próprios padrões da boa conduta, é comum as pessoas rejeitarem qualquer tipo de

condicionamento, visto que tendem a reagir contra essas normas. Segundo ele, “sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo léxico), opondo-se ao *uso comum*” (PRETI, 1984, p. 2, grifo do autor). Isso faz com que o grupo sintá-se protegido e acolhido:

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística. (PRETI, 1977, p. 2)

Assim, a língua é vista como prática social entre o indivíduo e a sociedade.

O estilo utilizado por João Antônio faz de sua obra um ideal para o humor, apesar de ser descrita a aventura de três amigos e parceiros de jogo de sinuca de forma muito dura, pois como ressalta Sá (2005, p. 23): "A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de encaixar determinadas contradições da sociedade [...]".

Portanto, um dos nossos objetivos é identificar quais mecanismos de comicidade presentes no conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, contribuem para os efeitos de sentido que o discurso enuncia. Para isso, procuramos a fundamentação nas teorias do humor de Henri Bergson (1983), de Vladimir Propp (1992) e, para complementação, nas explicações de Sírio Possenti (2010) sobre estereótipos.

Além disso, o uso do humor na obra é visto como punição às transgressões das normas sociais; a vida moral, intelectual e profissional do homem como objeto do riso; o uso de nome próprio intencionalmente apropriado à caracterização da personagem; a ironia e os estereótipos como estratégias propícias para a criação do humor.

Assim, pode-se observar que o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” corrobora para provocar o riso no leitor. Além do fato de fazer uma crítica ferrenha à situação econômica da época, que hoje faz parte da memória social do brasileiro como “Os anos dourados”, e continua atual para o leitor atento. A comicidade está atrelada “aos costumes, às ideias — sejamos francos, aos preconceitos de uma sociedade” (BERGSON, 1983, p. 67).

Além disso, encontraremos as gírias, as frases feitas e as expressões proverbiais utilizadas pelo autor como estratégias para mostrar a interação e a forma de indignação que as personagens têm contra a sociedade. Mesmo que essa sociedade não seja participante, ou

melhor, mesmo que não apresente nenhuma ameaça a elas, ele utiliza variações para que haja uma maior aproximação com a realidade. Preti (2004, p. 89) afirma que a gíria “lhe traz uma sensação de originalidade em relação ao falante comum”. A forma agressiva, ou amigável com que se comunicam, em várias situações, demonstra que o convívio entre os jogadores de sinuca força uma atitude mais hostil devido ao processo de autoafirmação. Maingueneau (2011, p. 37) cita: “Como a comunicação verbal é também uma relação social, ela se submete como tal às regras que costumamos chamar de **polidez**”. (grifo do autor) Pelo simples fato de uma pessoa não pertencer ao grupo, já é motivo de se precaver em relação ao adversário para que se sinta protegida, como forma de preservar a face.

Buscaremos atingir nosso propósito de análise das marcas de interação linguística tendo como base os estudos de variações linguísticas.

2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

2.1 A obra: *Malagueta, Perus e Bacanaço*

O livro tem como título *Malagueta, Perus e Bacanaço*, do autor João Antônio e retrata as formas de comunicação entre três personagens que perambulam pelas ruas da capital paulistana, começando em um boteco na Lapa, passando, então, para a região da Água Branca, Barra Funda, Centro, Pinheiros e terminando no mesmo lugar em que se iniciou a narrativa. Ele expõe a relação que tinham os três amigos, cujos nomes dos personagens do conto dão título ao livro.

Malagueta, Perus e Bacanaço representam a malandragem paulistana. Eles encontram-se sucessivamente nos bares e botequins, nas mesas de sinuca, nas esquinas, enfim, nas “noitadas” de São Paulo, sempre com a intenção de tirar algum proveito em benefício próprio.

A obra de João Antônio (2009) mostra-nos como um homem é capaz de “criar linguagem a partir da que se fala no dia-a-dia” (p. 6-7). Sem se preocupar com os críticos, ele não hesitou em utilizar livremente as palavras da forma que julgou conveniente para enriquecer o seu trabalho:

Cada um tem sua bola numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro. Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomeçar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d’Arc o jogo triste da vida. (ANTÔNIO, 2009, p. 164)

Candido faz uma reflexão no próprio livro reeditado de João Antônio, “Na noite enxovalhada”, acerca da ousadia do autor:

Passando por cima das normas, João Antônio repetiu nesse trecho palavras à vontade, acolheu as assonâncias, inclusive explorando a homofonia (‘bola’, ‘bolo’) ou a polissemia (‘vida’, ‘vida’), com uma astúcia que tem ar de desalinho. Deste modo, viola o bom-tom mas cria uma trepidação expressiva

que se ajusta à situação narrada. A fala se torna, portanto, estilo, elaboração que, apesar da aparência, tira a palavra da sua função meramente comunicativa e a traz dentro da literatura. (CANDIDO, *in* ANTÔNIO, 2009, p. 9).

Candido, ainda, faz uma comparação entre duas obras de João Antônio: ‘Meninão do Caixote’ e, sobretudo, ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’.

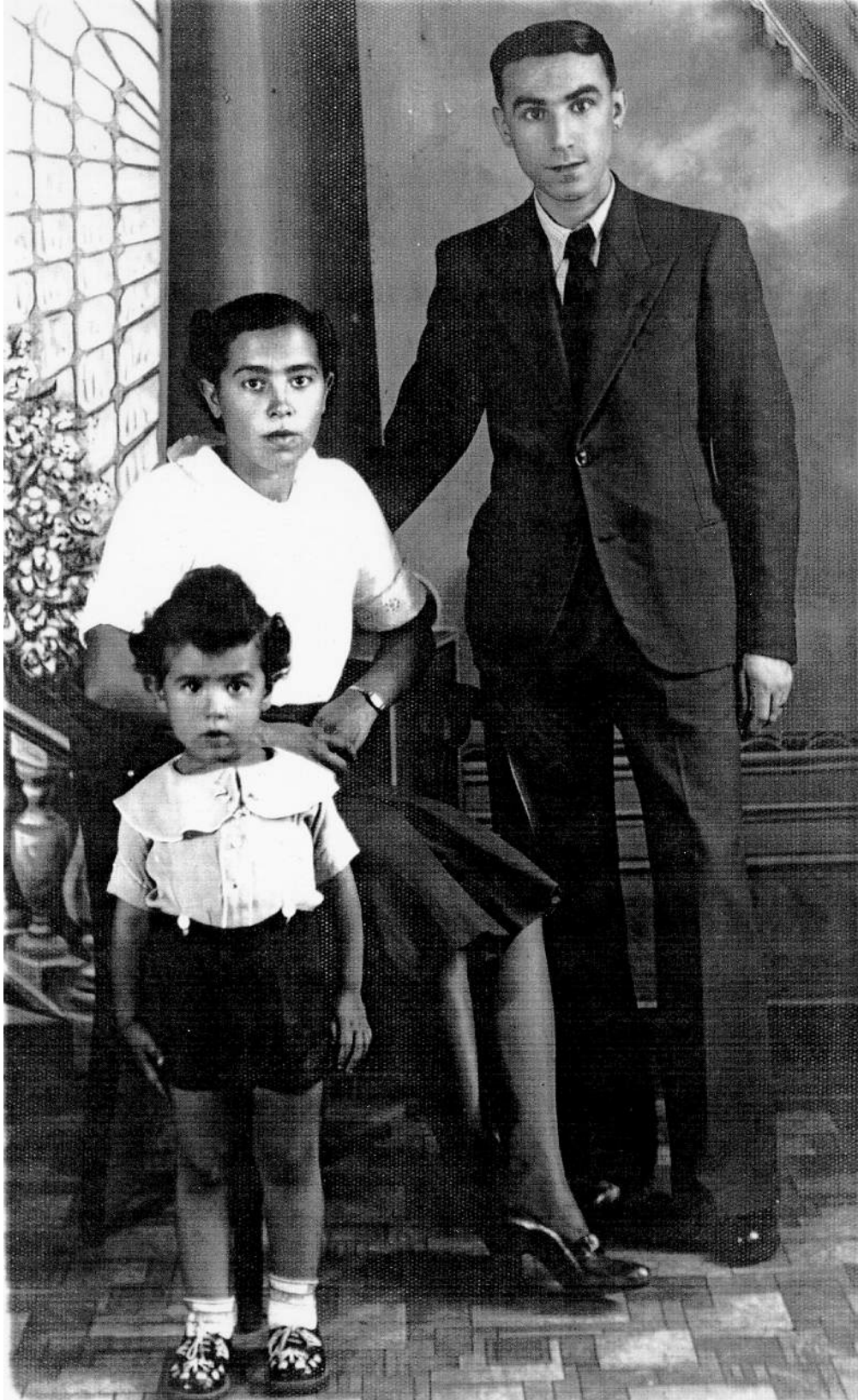
Recapitulando: ritmo de solavanco nas frases mínimas, naturalidade elaborada da linguagem coloquial na sequência, emprego eficiente do subentendido – conferem à prosa narrativa de João Antônio uma energia que vai aos poucos cativando o leitor, sobretudo porque nesse livro, como ficou dito, as histórias são arranjadas de maneira a passarmos das mais singelas e por vezes anedóticas do primeiro bloco para a riqueza das duas últimas: ‘Meninão do Caixote’ e, sobretudo, ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’. (*Ibidem*)

O autor acrescenta também que ambos os contos, assim como os demais, têm a marca daquelas “realizações literárias” de persuadir o leitor com a forma de representar o real de uma maneira tão substancial que consegue criar seu próprio mundo. O conto, de acordo com a reflexão do autor, tem o poder de nos transportar para este mundo, durante as leituras e de nos fazer reviver aquele mundo depois, em nossas memórias:

Neles, a narrativa de João Antônio nos joga no universo noturno de São Paulo. Mas de um certo São Paulo, construindo ao redor de alguns marginais moídos pela vida, procurando um jeito de sobreviver por meio da trapaça, da esperteza ou da brutalidade. Nesses dois contos, mas sobretudo no último, excepcionalmente poderoso, tudo se articula para criar um mundo onde tomamos conhecimento de novas dimensões da vida, como se o autor quisesse nos iniciar na esfera dos excluídos, que procuram contornar a miséria usando esse sucedâneo patético do trabalho que são as artes da malandragem. E tudo vai se organizando para nos encerrar na atmosfera própria do conto: a iluminação soturna das ruas, os bondes rumorosos, a magia das mesas de bilhar, a movimentação no espaço onde o vício se acomoda e a sobrevivência depende de uma lei espúria do mais apto. No caso, do mais apto em sinuca, em torno da qual se desenham uma técnica, uma ética e até uma estética, formando um modo de existir que é principalmente um modo de subsistir. Os três parceiros Malagueta, Perus e Bacanaço representam um tipo de vida graças ao qual o escritor transfigura a noite paulistana e, invertendo os sinais, faz da transgressão um instrumento que nos humaniza. (CANDIDO, *in* ANTÔNIO, 2009, p. 10).

2.2 O autor: João Antônio

O autor João Antônio em sua infância



Fonte: arquivo da família

João Antônio Ferreira Filho nasceu aos 27 de janeiro de 1937 no subúrbio paulistano. No ano de 1949, seus primeiros textos são publicados no jornal infanto-juvenil *O Crisol*. O autor criou o hábito de escrever apenas em seu quarto. Ele não conseguia encontrar inspiração para escrever em outro lugar que não fosse ali – aquele lugar era o seu mundo:

Naquela casa, naquele meu quarto, eu trazia guardadas as coisas que me acompanhavam desde os cinco anos de idade. Eu não escrevia em outro lugar que não fosse o meu quarto porque fora dele eu não sabia escrever. (ANTÔNIO, 2009, p 14)

Em 12 de agosto de 1960, passa pelo pior momento de sua vida: os originais manuscritos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* são destruídos no incêndio em sua casa, que deixou a família apenas com a roupa do corpo.

Após o incêndio, ele foi obrigado a aprender a escrever em outro lugar que não fosse o seu quarto. Em 1962, reescreve, de memória, grande parte do livro na cabine 27 da Biblioteca Municipal Mário de Andrade:

A vida foi me dando porradas, me dando, até que aprendi a escrever em qualquer canto. Sem precisar de casa ou de quarto. Qualquer boteco é lugar para escrever quando se carrega a gana de transmitir. Gana é um fato sério que dá convicção. (*Ibidem*)

Em 1963, ele publica o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma coletânea de contos à qual a União Brasileira de Escritores deu o prêmio Fábio Prado, e em seguida dois prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro: Revelação de Autor e Melhor Livro de Contos.

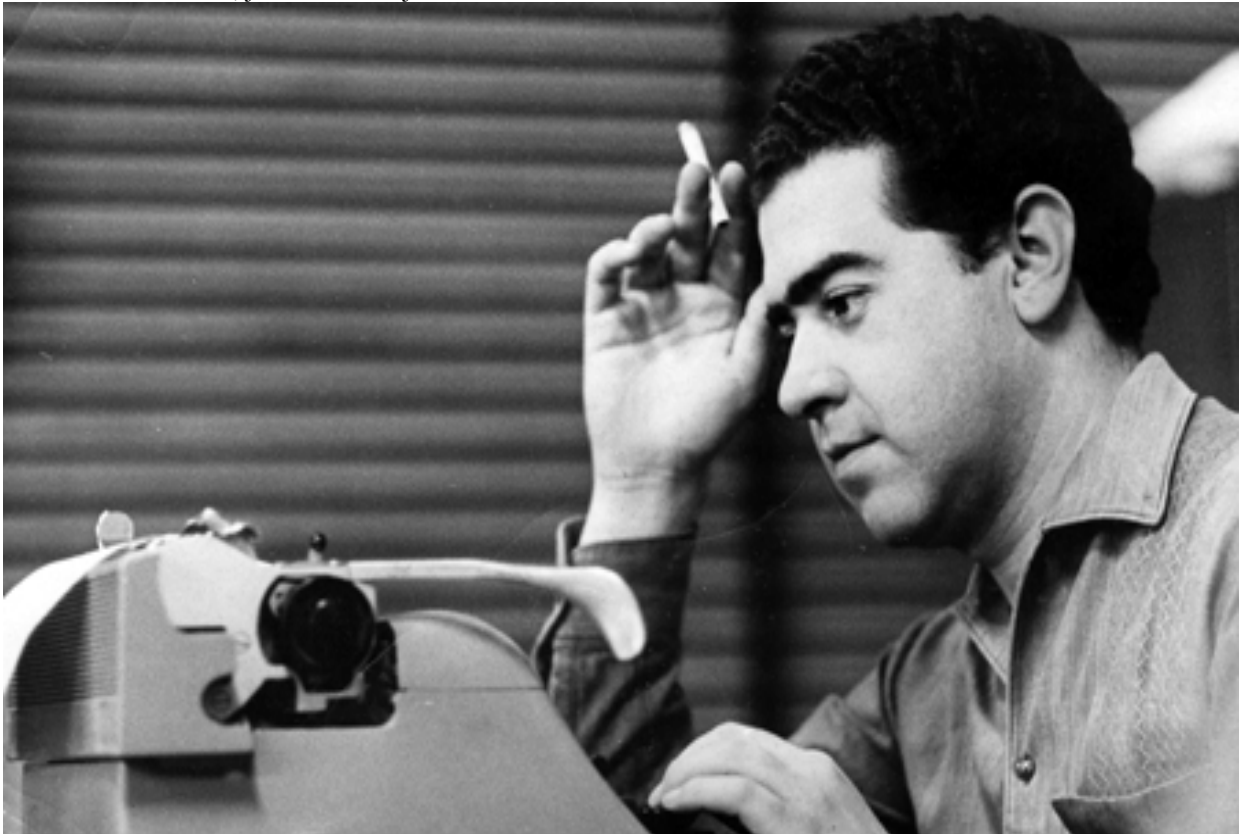
João Antônio muda-se para o Rio de Janeiro em 1964 e com o grande prestígio que obteve com a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, tornou-se jornalista do *Jornal do Brasil*. Em 1966, volta para São Paulo, onde se junta à equipe fundadora de uma das revistas mais importantes de sua época, a revista “Realidade”.

Em 4 de abril de 1967, nasce Daniel Pedro, seu filho. O autor dedica a ele grande parte de suas obras.

Em 1977, seu conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” é adaptado para o cinema por Maurice Capovilla, recebendo o nome de "O jogo da vida".

Vieram outros prêmios e muitas outras obras nas quais mostrou sua grande habilidade de criar linguagem a partir da fala no dia a dia.

O autor João Antônio, já em sua fase jornalista



Fonte: <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=joao-antonio>, acesso em 15 de agosto de 2013.

2.2.1. João Antônio – o “trapezista”

João Antônio pertencia a uma família humilde. Seu pai era um pequeno comerciante português e sua mãe uma dona de casa semianalfabeta. Trabalhou como *office-boy*, consultor contábil de um frigorífico e bancário.

Entre 1954 e 1960, João Antônio ora trabalhava de dia e estudava à noite, ora trabalhava à noite e estudava de dia. Mesmo assim, encontrava tempo para escrever regularmente seus contos e, desde cedo, manifestou gosto pela literatura e pela boêmia. Ele terminou o segundo grau e partiu para a faculdade de jornalismo.

Sua existência era tão desregrada que, durante grande parte de sua mocidade, ele era considerado pelos familiares como o filho rebelde. Sendo assim, encontrou na literatura uma forma de terapia:

Agarrei-me à literatura aos onze anos. Neste amor já houve longos espaços de paixão maluca e houve esmorecimentos explicáveis, que eu, com estes meus arrebatamentos só apronto confusão. E levo tanta aflição por dentro.

Mas é o amor de sempre. E vou caprichando que, afinal, a literatura é a minha única terapêutica. (ANTÔNIO, 2009, p. 16)

João Antônio falece no dia 31 de outubro de 1996, aos 59 anos, no Rio de Janeiro.

2.3 O Conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”

O conto revela três personagens principais que trazem características próprias do boêmio paulistano, ao final da década de 1950. João Antônio, em sua obra, mostra a dura realidade e a crueldade da vida das classes marginalizadas que sofrem com esse tipo de vida, mas que não conseguiriam sobreviver de outra forma.

Bacanaço é um indivíduo libertino, com características marcantes, verdadeiro rufião, que se envolve em brigas facilmente, arranja confusão por causa de mulheres de má reputação, além de tentar viver à custa delas.

Malagueta é cínico, debochado, sem escrúpulos, descarado, indivíduo que, por convicção, por interesse ou como provocação, desafia as convenções sociais, a moralidade, as normas de conduta. Sua aparência, excessivamente velha e cansada, demonstra um estado de pura decadência física e moral.

Perus, coitado, tímido, porém espirituoso, dono de um gênio muito difícil, é um menino ingênuo. Ele está sempre fugindo e acaba, constantemente, envolvendo-se em ciladas.

Os três personagens possuem temperamentos distintos. São três vagabundos, desocupados e sem perspectiva de vencer na vida de um jeito honesto: “Eram três vagabundos, viradores, sem eira, nem beira. Sofredores” (ANTÔNIO, 2009, p. 178). No entanto, com algo em comum: a paixão pelo jogo de sinuca.

O conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” está longe de ser apenas uma obra puramente ficcional. O autor descreve a malandragem no centro paulistano, traçando um paralelo entre o que é real – a luta pela sobrevivência de uma classe marginalizada no final da década de 1950, que chamaremos de *o jogo de vida*: “Corria no Joana D’Arc o triste *jogo de vida*” (ANTÔNIO, 2009, p.165, grifo nosso) –, e a ficção, vivida pelos três heróis, Malagueta, Perus e Bacanaço, apaixonados pelo *jogo de sinuca*.

Esses heróis, presos a uma vida excêntrica, vivem juntos uma verdadeira obsessão pelos jogos de sinuca. Sem se preocupar com valores considerados pela sociedade como morais, deixam de lado suas virtudes como “homens honrados”: “Estavam os três quebrados [...]. Mas imaginavam marotagens, conluios, façanhas, brigas, fugas, prisões, - retratos no jornal e todo o resto –, safadezas, tramoias; arregos bem arrumados com caguetes, trampolinagens [...]” (ANTÔNIO, 2009, p. 161).

Os três amigos, num ritmo de vida alucinante, mostram-nos a essência de seres humanos que sobrevivem de uma forma deplorável. Vivem, apenas, com o propósito de gozarem o hoje, sem pensar no amanhã.

O autor utiliza uma linguagem com fortes traços de oralidade, gírias próprias do submundo paulistano, mas sem perder o estilo, a beleza e o bom gosto de uma ficção literária. A forma com que ele trabalha corrobora para uma imagem muito positiva trazida, até mesmo, pela malandragem paulistana.

Ao lermos o conto, a primeira impressão é que se trata de uma obra voltada para o público masculino, pois o que prevalece não são os desejos femininos. Os ambientes em que nossos heróis convivem são frequentados apenas por homens.

Até mesmo a forma de cumprimento era própria da linguagem masculina:

[...] se cumprimentavam aos palavrões. Quando se topavam, por malandragem ou negaça do joguinho, se encaravam. Picardia. E quem não soubesse diria que acabariam se atracando. Um querendo comer o outro pela perna, dizendo considerações. (*Ibidem*, p. 150)

Porém, aos poucos, começamos a perceber a sensibilidade com que o autor vai conduzindo a trama. Suscita-nos um sentimento de piedade que, principalmente, para o

público feminino, acaba aflorando, principalmente, em relação ao menino Perus, um sentimento materno de compaixão:

Perus acompanhava os dois, mas olhava o céu como um menino num quieto demorado e com aquela coisa esquisita arranhando o peito. E que o menino Perus não dizia a ninguém. Contava muitas coisas a outros vagabundos. Até a intimidade de outras coisas suas. Mas aquela não contava. Aquele sentir, àquela hora, dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava, pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem.

Perus olhava. Agora a lua, só meia-lua e muito branca, bem no meio do céu. Marchava para o seu fim. (ANTÔNIO, 2009, p. 209-210)

Cena do Filme “O Jogo da Vida” adaptação do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”



Fonte: http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Dados%20Biograficos.htm – acesso em 15 de agosto de 2013.

3 CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO E SOCIAL BRASIL (1954 – 1964) – UM CENÁRIO DE DEMOCRACIA?

Para começo de conversa, ninguém melhor que Bacanaço, personagem criado por João Antônio, para resumir o que estava acontecendo com o Brasil em 1963, época em que o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* foi lançado, no estado de São Paulo.

É importante esclarecer a situação política e social que o Brasil estava vivendo. O livro surgiu dentro de um contexto político muito tumultuado e extremamente difícil:

Bacanaço foi para a porta do bar.

Os meninos vendedores de jornal gritavam mais, aproveitando a hora.

Gente. Gente mais gente. Gente se apertava.

A rua suja e pequena. Para os lados do mercado e à beira dos trilhos do trem – porteira fechada, profusão de barulhos, confusão, gente. Bondes rangiam nos trilhos, catando ou depositando gente empurrada e empurrando-se no ponto inicial. Fechado o sinal da porteira, continua fechado. É pressa, as buzinas comem o ar com a precipitação, exigem passagem. Pressa, que gente deixou os trabalhos, homens de gravata ou homens das fábricas. Bicicleta, motoneta, caminhão, apertando-se na rua. Para a cidade ou para as vilas, gente que vem ou que vai.

Lusco-fusco. A rua parece inchar.

Bacanaço sorri. O pedido gritado da cega que pede esmolas. Gritado, exigindo. A menina chora, quer sorvete de palito, não quer saber se a mãe ofega entre pacotes.

Bacanaço sorri.

O sinal se abriu e nova carga de gente, dos lados da Lapa-de-baixo, entope a rua.

Gente regateia preços, escolhe, descompra e torna a escolher nas carrocinhas dos mascates, numerosas. Alguns estenderam seus panos ordinários no chão, onde um mundão de quinquilharias se amontoam. E preços, ofertas, pedidos sobem numa voz só. Bacanaço sorri.

Do lado de lá da rua, junto ao anúncio de venda de terrenos, um casal desajeitado. A moça é novinha e uma distância de três-quatro corpos entre eles... A moça novinha aperta um guarda-chuva, esfrega qualquer coisa com os pés, os olhos nos sapatos, encabulados. Bacanaço sorri.

Trouxas. Não era inteligência se apertar naquela afobação da rua. Mais um pouco, acendendo-se a fachada do cinema, viria mais gente dos subúrbios distantes. A Lapa ferveria. Trouxas. Do Moinho Velho, do Piqueri, de Cruz das Almas, de Vila Anastácio, de... do diabo. Autos berrariam mais, misturação cresceria, gente feia, otários.

Corriam e se afobavam e se fanavam como coiós atrás de dinheiro. Trouxas. Por isso tropicavam nas ruas, peitavam-se como baratas tontas.

Há espaços em que o grito da cega esmoleira domina. Aquela, no entanto, se defende com inteligência, como fazem os meninos jornaleiros, os engraxates e os mascates. Com inteligência. Não andam como coiós apertando-se nas ruas por causa de dinheiro.

Bacanaço deu com a primeira luz. Lá no meio da cara da locomotiva. Num golpe luzes brotaram acima dos trilhos dos bondes. Os luminosos dos bares se acenderam e a fachada do cinema ficou bonita.

A Lapa trocava de cor. (ANTÔNIO, 2009, p. 157)

3.1 Juscelino Kubitschek – Promete e cumpre

O Brasil passava por um período que ficou conhecido como “Os anos dourados”. Após uma dura realidade do governo de Getúlio Vargas, o Brasil vive, então, anos de otimismo e desenvolvimento. Foram os anos conhecidos como, os anos JK. O governo do presidente, entre várias mudanças que ocorreram no Brasil, mudou a capital do país. O governo tinha como lema fazer o país crescer “50 anos em 5”. Para que isso fosse possível, elaborou um Plano de Metas que tinha como principal foco a indústria automobilística.

Juscelino Kubitschek foi o único presidente civil que, entre os anos de 1930 e 1994 conseguiu cumprir o seu mandato até o fim por meios constitucionais.

Porém, o exemplo que JK passava de legalidade e democracia teve um começo muito duro. As oposições a ele começaram logo após as eleições de outubro de 1955.

Juscelino Kubitschek e João Goulart vencem as eleições presidenciais com 36% dos votos. Contudo, os adversários não aceitam e contestam os resultados, alegando que a quantidade de votos não representaria a maioria absoluta. Além disso, só foram eleitos com os votos do partido comunista que, nessa época, estava ainda na ilegalidade.

Nada daquilo que estava sendo dito seria verdade. Os grupos que haviam lutado contra o governo de Vargas para afastá-lo do poder estavam, novamente, perdendo a chance de assumir o controle do governo. Eles começam a fazer de tudo para impedir a posse do presidente eleito. Graças à ajuda do General Henrique Teixeira Lott, com o chamado contragolpe do General Lott, os inimigos de JK são afastados do poder. E, numa situação de

censura à imprensa, estado de sítio e de grande tensão política, ele toma posse no dia 31 de janeiro de 1956.

Juscelino Kubitschek era uma pessoa determinada e que sabia lutar pelos seus objetivos. Ele começou o seu governo com o apoio de praticamente todo o congresso. Esse apoio o ajudou muito no seu plano de metas. Porém, não conseguiu convencer, de um modo geral, os nacionalistas que desconfiavam dos incentivos aos empresários estrangeiros. JK teve como sua principal meta a construção de Brasília, inaugurada como a capital do país em 1960. Segundo Doratioto e Dantas Filho, nem todas as metas de JK foram cumpridas. Foi grande o índice de inflação da época, piorando muito as condições de vida, tanto nas cidades, quanto nos campos:

Quase todas as metas de governo de Juscelino Kubitschek foram cumpridas, mas o custo social começou a aparecer da metade de seu governo em diante: uma persistente inflação piorou as condições de vida nas cidades e nos campos. A dívida externa brasileira também cresceu significativamente no período, uma vez que os gastos públicos aumentaram bastante e o governo não conseguia aumentar a arrecadação de impostos, pois as maiores indústrias se beneficiariam exatamente na isenção fiscal concedida pela Instrução 113. (DORATIOTO e DANTAS FILHO, 1991, p. 9)

Juscelino terminou seu governo numa “posição ambígua”. De um lado tínhamos a visão de um homem empreendedor, capaz de modernizar o Brasil em cinco anos de governo. De outro, o poder não conseguiu segurar a inflação. Contudo, esse governo conseguiu conquistar o congresso, sendo capaz de dialogar. Conseguiu evitar por cinco anos graves crises políticas.

3.2 Jânio Quadros – O homem da “vassourinha”

Jânio Quadros, então, sucessor de JK, teve o apoio de uma coligação de partidos tendo a UDN como destaque. Possuidor de um estilo próprio e peculiar de ser, ele era o exemplo de uma pessoa carismática. Porém, com um discurso extremamente autoritário e moralista. Segundo Faria, Marques e Berutti (1989, p. 256), ele usava como símbolo em suas campanhas eleitorais uma vassoura para varrer a corrupção.

Jânio recebeu a maior votação, até então, dada a um candidato: foram cerca de quase 6 milhões de votos. A vitória de Jânio Quadros era a representação do inconformismo das pessoas. O grande desenvolvimento do governo JK criou um desequilíbrio entre as receitas e as despesas do Estado, além do aumento da dívida externa. O novo presidente prometia para a população um governo austero e moralizador. Ele assegurava que faria uma verdadeira limpeza na administração pública e que acabaria com a corrupção. Jânio tomou algumas medidas muito duras que trouxeram graves consequências para a população. Uma delas foi a alta generalizada do custo de vida: os preços sobem.

Após sete meses de governo, Jânio Quadros tentou sua “última cartada para manter o controle sobre a situação política: renunciou à Presidência” (DORATIOTO E DANTAS FILHO, 1991, p. 13). Em sua carta, Jânio insinuava que havia complô contra o seu governo e o país, alegava também a existência de forças terríveis vindas talvez do exterior:

Vários historiadores consideram, atualmente, que Jânio Quadros agiu com objetivos autoritários. Uma vez que não contava com o apoio do Congresso, tentou jogar sua votação contra o Legislativo. Acreditava que conseguiria do Congresso poderes excepcionais para governar acima dos partidos e das classes. Contava, ainda, com a imagem esquerdista que seu vice-presidente tinha junto aos setores mais conservadores da sociedade, inclusive parte das Forças Armadas. Goulart, aliás, fora inteligentemente despachado em missão diplomática para a China comunista, antes da renúncia. Jânio esqueceu, no entanto, que o ato de renúncia é unilateral. Não precisava ser julgado pelo Congresso, como acreditava, e o ex-presidente ficou esperando em vão pelo retorno ao cargo ‘nos braços do povo’. Por erro de cálculo, frustrou-se o golpe que planejou contra a ordem constitucional, sem que houvesse a mínima reação popular. (*Ibidem*, p. 13-14)

3.3 João Goulart no comando: presidencialismo

Jânio Quadros, por motivos não explícitos, renunciou à presidência, logo após Carlos Lacerda, na época presidente do Estado de Guanabara, anunciar publicamente que estavam tramando um golpe para transformar o presidente em ditador.

Com a renúncia do Presidente Jânio Quadros, João Goulart assumiria o governo. Porém, como era de se esperar, os partidos da oposição e os militares tentaram impedir a sua

posse. Na época, Goulart estava em visita oficial à China – país comunista. Isso aumentou a preocupação e a suspeita de que ele seria um adepto ao comunismo.

Leonel Brizola, Governador do Rio Grande do Sul, liderou a Campanha da Legalidade, para que fosse garantido o direito previsto na Constituição de 1946 de que na falta do Presidente, assume o candidato eleito a vice.

Proposto pelo Congresso Nacional foi instaurado o sistema Parlamentarista, no qual o poder do Presidente fica limitado. Ele indica, mas quase não interfere nas ações dos Ministros. Porém, preocupado com uma possível guerra civil no país, aceita. João Goulart tomou posse no dia 07 de setembro de 1961. Tancredo Neves foi indicado como Primeiro Ministro, do PSD (Partido Social Democrata). O Parlamentarismo não trouxe a solução para o problema que o país estava enfrentando:

O período parlamentarista no Brasil foi muito tumultuado. No curto espaço de tempo de ano e meio, tivemos três primeiros-ministros diferentes, que falharam em atacar o primeiro o principal problema nacional naquele momento, o acelerado processo inflacionário que deteriorava os salários. O país entrava num período de claro acirramento das tensões sociais. A inflação fora resultado de uma opção político-econômico por determinado processo de uma industrialização. O déficit público atingiu proporções gigantescas financiando a instalação de indústrias. Mas quem ia pagar o investimento? Os trabalhadores estavam estrangulados pela inflação, não podendo arcar com o ônus do processo por muito tempo mais. A burguesia brasileira e seus parceiros multinacionais não estavam dispostos a ter seus ganhos diminuídos, mesmo que isso significasse a possível falência do Estado. (DORATIOTO E DANTAS FILHO, 1991, p.15-16)

Em janeiro de 1963, houve um plebiscito. O “não” ao Parlamentarismo conseguiu 82% dos votos. O povo optou pelo fim deste sistema de governo e pela volta do Presidencialismo.

4 TENDÊNCIAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Avistavam-se todas as tardes, acordados há pouco ou apenas mal dormidos. Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não pretendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinário, acabavam sócios e partiam. Então, conluiados, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parelha fortíssima, como bárbaros, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompéia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfô por aí, porque todo muquinfô é muquinfô, quando se joga o joguinho e se está com a fome. Negaça, marmelo, trapaça, quando iam os dois. Um, o martelo; o outro era o cabo. (ANTÔNIO, 2009, p. 149-150)

Da década de 1950 até 1964, o Brasil viveu um período de euforia, tanto política quanto econômica. Essa foi a época do governo “democrático-populista de Juscelino Kubitschek (1956-1961)”, que desenvolveu uma política econômica industrial mais eficiente e aparentemente segura. Porém, passada a fase de euforia, o Brasil viveu momentos de grandes tensões principalmente na parte financeira.

Na literatura, tivemos fortes tendências que também podem ser chamadas de produções contemporâneas, iniciando pela poesia, passando pela crônica para finalmente destacando-se o conto. São os movimentos históricos caracterizados inicialmente pelo autoritarismo, por uma rígida censura e enraizada autocensura. O período mais difícil que o Brasil enfrentou ocorreu entre os anos 1968 e 1978.

Contudo, mesmo o Brasil vivendo nesse contexto, não houve razões para que o país mergulhasse numa calmaria cultural. Pelo contrário, as décadas de 60 e 70 foram marcadas por uma produção cultural bastante intensa em todos os setores.

Na poesia, percebe-se uma preocupação em manter uma temática social, além de enfatizar a importância da poesia marginal, que cresce longe dos grandes projetos industriais e comerciais de produções de livros.

A crônica era publicada em jornais em uma seção quase informativa denominada de folhetins, no rodapé da página. A crônica relatava e criticava os fatos noticiosos ocorridos nos dias anteriores. Com o decorrer dos tempos, ela passou a ser considerada um gênero literário por vários autores; esse veio literário ganhou visibilidade nas crônicas de Machado de Assis, o qual cooperou muito com o jornalismo brasileiro, tornando a crônica, assim, um gênero híbrido, entre a literatura e o jornalismo.

Afrânio Coutinho comenta que se existe em nossa literatura algo que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e linguística, é a própria crônica. Ele ressalta:

O fato de ser divulgado em jornal não implica em desvalia literária do gênero. Enquanto o jornalismo tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. (COUTINHO, 1980, p. 305)

O conto, com uma estética modernista, passou por profundas transformações, sendo uma delas o enriquecimento temático proporcionado pela contribuição da literatura regionalista.

Segundo Cereja e Magalhães (2010, p. 385):

Do ponto de vista técnico o relato objetivo e linear, com sua estrutura de começo, meio e fim, e a narrativa em crescimento, mantida pelo suspense, deu pouco a pouco lugar à simples evocação, ao instantâneo fotográfico, aos episódios ricos de sugestão, aos flagrantes de atmosfera intensamente poética, aos casos densos de significação humanas. São representantes do gênero, entre outros, Lígia Fagundes Telles, Homero Homem, Osman Lins... João Antônio.

Podemos observar na citação acima que João Antônio se destaca entre os vários representantes desse gênero.

De acordo com relato do próprio autor, quase todos os contos que escreveu ganharam prêmio. Porém, é importante lembrar que ele se apaixonou por um conto, que traz como título o próprio nome do livro – Malagueta, Perus e Bacanaço:

Não declinarei número de sapato, nem de colarinho, peso e derivantes porque realmente não sei.

Não quero detalhar minhas amizades malandras, que isto não é novela. E tem mais duas propriedades - não sou besta e nem delator. Mas foi lá. Nas beiradas das estações, nos salões do joguinho, nos goles dos botecos, que vi Malagueta, Perus e Bacanaço. (ANTÔNIO, 2009, p. 6-17)

5 LÍNGUA E SOCIEDADE – INTERAÇÃO

Segundo Marcuschi (1986), a língua cria o lugar para se construir uma identidade social. É nela que encontramos a forma mais eficiente de ser cidadão, dentro de um contexto real, pois se trata da prática social mais comum do cotidiano do ser humano. Dessa forma, podemos classificá-la como um instrumento democrático no qual há a participação de um grupo de pessoas no exercício da interação humana.

5.1 A língua como elemento de interação

Esse lugar criado pela língua é onde as pessoas vão adquirindo liberdade. Elas assumem suas posições na sociedade por meio da sociabilidade, primeiro em ambientes familiares como em casa, depois, na escola e na rua. Segundo Bortoni-Ricardo (2009, p. 23), esses lugares propiciam o contato, primeiramente, com as pessoas mais próximas, como a família, os parentes e amigos. Por intermédio da comunicação, aos poucos, vão assumindo um papel social que a autora chama de domínio social:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando papéis sociais próprios de cada domínio. (*Ibidem*)

Para a autora, cada indivíduo é marcado pelo papel que exerce na sociedade. Nos diálogos, nas conversas em família, nas rodas de amigos, etc., podemos notar que cada pessoa tem seu jeito próprio de falar que o identifica e confere a sua autenticidade.

Segundo Guimarães (2011, p. 188), o ser humano comporta-se de acordo com o meio em que vive, ou seja, precisa agir de forma que se sinta seguro:

Cada indivíduo expressa-se segundo o quadro social em que está integrado, bem como à luz da finalidade expressiva ou comunicativa de seus atos linguísticos – o que leva a entender que um sujeito ao enunciar presume uma espécie de ritual social da linguagem, implícito, partilhado pelos interlocutores.

Segundo ela, em relação ao funcionamento social, a língua terá um valor mais relevante na medida em que for usada. Sendo assim, podemos entender a “atividade linguística como um ato interlocutivo, dialógico, social e histórico” (*Ibidem*, p. 189).

Burke (1995, p. 13) acrescenta que a língua era usada como símbolo de *status* e passou a ser considerada como um fenômeno social e, até mesmo, representação de poder: “...a linguagem é um instrumento em potencial nas mãos da classe dominante, um instrumento que pode ser empregado tanto para mistificar ou controlar quanto para comunicar”.

O autor ressalta que existem quatro ideias principais a respeito das relações entre línguas e sociedades as quais são faladas ou escritas:

1. Grupos sociais diferentes usam variedades diferentes de língua.
2. Os mesmos indivíduos empregam variedades diferentes de língua em situações diferentes.
3. A língua reflete a sociedade ou a cultura na qual é usada
4. A língua molda a sociedade na qual é usada. (*Ibidem*, p.19)

Por outro lado, notamos que essa mesma sociedade faz questão de assumir a função de conservar normas. Ela acaba transformando essas normas em leis linguísticas nas quais definem regras ao indivíduo. Dessa forma, as regras fazem com que esse indivíduo absorva um mesmo pensamento em relação ao outro de forma bastante semelhante à comunidade a que pertence.

Em concordância com Bortoni-Ricardo e Burke, Preti admite que a própria sociedade defende o uso dessas leis linguísticas que se mantém por “sucessivas gerações”:

A obediência sistemática e inconsciente à norma linguística, de certa maneira condiciona os indivíduos a articularem um mesmo pensamento de forma mais ou menos idêntica, na comunidade em que vivem. E, apesar do aspecto individual, o ato falado comum tende a evitar a diversidade (porque esta prejudica a comunicação...). (PRETI, 1984, p. 1)

O autor esclarece que, apesar das normas serem criadas pela própria comunidade, é comum para os seres humanos rejeitar qualquer tipo de condicionamento, visto que tende a reagir contra essas normas. Segundo ele “sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo léxico), opondo-se ao *uso comum*” (PRETI, 1984, p. 2, grifo do autor).

Dessa relação entre uma pessoa e outra, Preti (1977, p. 2) assevera:

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística.

Podemos, dentro desse conceito, definir a língua como prática social entre o indivíduo e a sociedade.

Partilhando desse julgamento da língua como elemento de interação, Marcuschi (1986, p. 125) explica: “[...] A língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos”.

5.2 O humor como meio de preservação da face

De um modo geral, a forma de vida de uma pessoa define o relacionamento com a outra. Notamos que, por exemplo, em um jogo, é necessário que um participante procure respeitar seu adversário para que haja uma interação. Da mesma maneira, espera conseguir para si o respeito. Para que isso aconteça, eles agem por meio de hipóteses a respeito da percepção que têm do outro em relação a si próprio, tentando uma imagem positiva. Dessa forma, o que observamos não é a realidade e sim algo criado somente para se passar uma boa impressão.

Goffman (1985, p. 12) afirma:

Por exemplo, as atividades ‘verdadeiras’ ou ‘reais’, as crenças e emoções do indivíduo só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário. [...] A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividades significativas: a expressão que ele transmite e a expressão que emite.

De acordo com o autor, o indivíduo prefere ocultar o que é verdadeiro. Intencionalmente, ele transmite informações que acabam implicando em “fraudes” e em “dissimulações” (GOFFMAN, 1985, p. 12). Consequentemente, segundo Goffman, os outros, em princípio, terão a impressão de que essas informações sejam verdadeiras e que têm o dever de aceitar. Porém, não serão autênticos, enquanto estiverem em suas presenças.

Muitas vezes, uma pessoa age da forma que acha conveniente para que possa existir a polidez. Segundo Maingueneau (2011, p. 38), “esses fenômenos de polidez estão integrados na teoria denominada ‘as **faces**’” (grifo do autor). O autor apresenta uma face negativa e uma face positiva:

Nesse modelo, considera-se que todo indivíduo possui duas *faces*; o termo ‘face’ deve aqui ser tomado no sentido que este termo possui numa expressão como ‘perder a face’:

- uma **face negativa**, que corresponde ao ‘território de cada um (seu corpo, sua intimidade etc.);
- uma **face positiva**, que corresponde à ‘fachada’ social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros. (Ibidem, grifos do autor)

De acordo com Maingueneau, nem sempre acontece uma interação verdadeira, em muitos momentos, então, o que prevalece é a polidez. Em muitos casos, observamos pessoas sendo excluídas pela nossa sociedade, principalmente quando se trata de pessoas marginalizadas. Podemos notar que muitos agem com escárnio não por grosserias, mas para preservação da face.

Em se tratando do que pode vir a ser objeto de gozação, é comum, numa sociedade, uma pessoa rir de uma situação de constrangimento. Conforme observa Bergson (1983, p. 65), o riso é inerente ao homem, por isso a comicidade é estritamente social:

E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não a ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele.

Propp (1992, p. 29) define que o tipo de riso propício ao humor é o riso de zombaria. Quase tudo pode ser motivo de riso. Mas, nem tudo é cômico, pois onde entrar o sentimento de piedade, por exemplo, a piada perde a graça:

Aqui veremos que é possível rir do homem em quase todas suas manifestações. Exceção feita ao domínio dos sofrimentos [...]. Podem ser ridículos o aspecto da pessoa, seu rosto, sua silhueta, seus movimentos. Podem ser cômicos os raciocínios em que a pessoa aparenta pouco senso comum; um campo especial de escárnio é constituído pelo caráter do homem, pelo âmbito de sua vida moral, de suas aspirações, de seus desejos e de seus objetivos. Pode ser ridículo o que o homem diz, como manifestação daquelas características que não eram notadas enquanto ele permanecia calado. Em poucas palavras, tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso.

Em consenso com Propp, Bergson (1983) também comenta acerca de que o riso e a emoção não são incompatíveis. Ele diz: “Mostrem-me um defeito por mais leve que seja: se me for apresentado de modo a comover minha simpatia, ou meu temor, ou minha piedade, acabou-se, já não há mais como rir dele” (*Ibidem*, p. 67).

Tanto Bergson (1983) quanto Propp (1992) afirmam, ainda, que o riso serve para corrigir as falhas do homem que não se adapta às normas sociais. O primeiro enfatiza que, quando o homem toma para si uma atitude rígida diante da sociedade, ele se torna motivo para o riso. Já Propp (1992, p. 59) acrescenta: “Toda particularidade ou estranheza que distingue uma pessoa do meio que a circunda pode torná-la ridícula”. Desse modo, transgressões de ordem pública, política e social em algumas circunstâncias podem provocar o riso.

Podemos observar, neste trecho do livro de João Antônio, a ironia sendo usada como forma de autodefesa, ou seja, de preservar a face ou como punição:

Era quem primeiro cantava de galo. Bacanaço não olhava na cara dos desconhecidos. Impunha-se-lhes oprimindo, apequenando. Mandava primeiro, uma ruga nas sobrancelhas, sempre abespinhando. Desses que quando a conversa não interessa vão mandando para a casa do diabo. E se houver reaproximação já batem, já xingam, já correm o pé, dão cabeçada, deixam o sujeito estirado na calçada. (ANTÔNIO, 2009, p. 154)

A situação de Bacanaço não era nada favorável, a ponto de ser o primeiro a “cantar de galo”, mas mesmo assim, tentava intimidar o adversário, que acabava caindo em suas lábias.

Toda sociedade possui seus códigos normativos que são seguidos inconscientemente pelos seus membros. Essas normas podem ser físicas – nos ideais de beleza; ou morais – nos ideais de conduta humana. Cada grupo social possui os seus padrões normativos. Por isso, as transgressões a essas normas são punidas pelo humor, que, segundo Propp (1992) e Bergson (1983), são uma forma de corrigir os defeitos do homem.

Propp (1992, p. 119) destaca:

A língua não é cômica por si só, mas porque reflete alguns traços da vida espiritual de quem fala, a imperfeição de seu raciocínio. [...] A língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria.

5.2.1 Ironia

Podemos entender a ironia como um exemplo de subversão. Segundo Maingueneau (2011, p. 174), “o enunciador ‘imita’ um texto ou um gênero para desqualificá-lo”. De acordo com o autor, a subversão de algo proferido anteriormente por alguém traz “valores pragmáticos” para benefício próprio dessa pessoa, visando valorizar sua enunciação. Acontece, então, a ironia, quando ocorre a subversão sem que haja um enunciado anterior. Além disso, a pessoa que usa a ironia nem sempre deixa transparecer se está ou não sendo verdadeiro em suas palavras.

Entretanto, poderá ocorrer subversão sem que haja contestação de um gênero ou de um texto preexistente: nesse caso, o enunciador subverte *sua própria enunciação*. É o que se denomina **ironia**. [...] a ironia é por essência ambígua, pois se mantém na fronteira entre o que é assumido e o que é

rejeitado. É próprio da natureza da ironia ser muitas vezes insolúvel, impedindo que o coenunciador determine se o enunciador está ou não sendo irônico. (Ibidem, p.174-175, grifo do autor)

Temos a ironia como um instrumento que revela conceitos por meio de palavras aparentemente positivas, mas que, no entanto, têm sentidos negativos, reveladores de outro conceito, oposto ao primeiro. Essa oposição é um aspecto da zombaria, que é a comicidade.

Podemos notar, no decorrer da narrativa, que os diálogos são marcados, na sua grande maioria, principalmente por agressões morais entre os jogadores. Assim, a ironia encontra-se presente em vários momentos do conto:

Mas, se cumprimentavam aos palavrões. Quando se topavam, por malandragem ou negaça do joguinho, se encaravam. Picardia. E quem não soubesse diria que acabariam se atracando. Um querendo comer o outro pela perna, dizendo considerações.

Chegava-lhes depois um risinho safado empurrando-lhes a gana para bem longe. Já não se estranhavam. Faziam sociedade, canalhas igualmente, catavam juntos as virações nas rodas do joguinho (ANTÔNIO, 2009, p. 150).

De uma forma bem humorada, João Antônio utilizava a ironia para criticar os problemas sociais. O autor usa o cômico como forma de manifestar sua indignação contra tiranias, explorações, poder e muitas outras mazelas da sociedade. Bergson (1983, p. 92) comenta:

O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingava-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade.

De acordo com o autor, a sociedade utiliza o humor como um castigo, humilhação, como um trote social. Nesta mesma perspectiva está a teoria de Propp (1992). Percebe-se que o autor do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” utiliza-se desse recurso, na medida em que a narrativa gira em torno das conquistas frustradas de três boas-vidas que, como punição, por “transgredir a norma social” – trapacear, ganhar dinheiro fácil, tiveram como forma de pagamento, a decepção e a derrota: “Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados”. (ANTÔNIO, 2009, p. 222)

5.2.2 Estereótipo

Em se tratando, ainda, do humor utilizado por João Antônio na narrativa, outro aspecto linguístico muito usado, nesses textos, são os estereótipos. De acordo com Possenti (2010), eles são simulacros de identidade construída pelo outro. Os textos humorísticos utilizam-se exaustivamente desses recursos linguísticos para provocar o riso. Esses estereótipos identificam grupos sociais de maneira verossímil, ou seja, recriam uma realidade a partir de um indício de verdade. É o que o autor explicita:

[...] a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é o seu espelho, sua cópia. Segundo, e como consequência, o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo Outro. (POSSENTI, 2010, p. 40)

Os estereótipos propagam discursos de conhecimento generalizado com temas bastante presentes no cotidiano social. De acordo com o autor, (sob a luz da teoria do interdiscurso de Maingueneau) esses estereótipos aparecem nos textos humorísticos, apresentando um embate entre discursos que se contrapõem.

É notória a forma com que o autor enfatiza os estereótipos de seus personagens Malagueta, Perus e Bacanaço. Primeiramente, Bacanaço é mostrado, com detalhes, seus trajes bem apanhados de malandro paulistano, com certo ar de arrogância e prepotência. Tudo isso vai reforçar, mais adiante, a falsa imagem de uma pessoa bem sucedida na vida:

Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita, manicurada, viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano [...]. Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada. De mais a mais, Bacanaço tinha negócio com os mascates [...] (ANTÔNIO, 2009, p. 154)

O nome Bacanaço, utilizado pelo autor, revela o estereótipo de uma pessoa de vida desregrada, gigolô inescrupuloso “malandro de mulheres” (*Ibidem*).

Apesar de a carga semântica do nome Bacanaço significar rico e elegante, notamos, também, a presença da ironia, pois ele é tão pobre quanto as demais personagens.

O estereótipo de Malagueta é marcante pelo fato de ser apresentado por um velho trapaceiro astuto e experiente no jogo de sinuca: “Malagueta pediu cachaça, pão e pimenta vermelha, malagueta, donde lhe chegara o apelido” (ANTÔNIO, 2009, p. 169).

Ao contrário de Bacanaço, Malagueta não se importa com a aparência, chega, até mesmo, a mendigar para sobreviver. O velho não tem nenhuma perspectiva na vida.

Seu estereótipo é percebido na descrição:

Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descolorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas tiras de pano. (ANTÔNIO, 2009, p. 158)

O lenço acabado, assim como seus trajes, são indicativos de uma vida em decadência diante de uma dura realidade:

[...] Malagueta? Em que presepada ter-se-ia enfiado o velho sem-vergonha, esmoleiro, cara-de-pau? [...]. (*Ibidem*, p.157)

‘É’, pensou, ‘quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado’ [...]. (*Ibidem*, p. 159).

Diferente dos dois trapaceiros, Perus, apesar de ser um exímio jogador, é inexperiente da vida, mas tem “eira”, como diz o ditado popular, não é uma pessoa “sem eira nem beira”. Porém, devido às circunstâncias causadas pela sua própria falta de iniciativa, é impossível para ele conviver em sua casa no bairro de Perus, pois está constantemente fugindo.

O próprio autor explica o porquê da escolha do nome da personagem: “[...] para ele com dezenove anos de idade, morador em Perus com a tia, donde lhe veio o apelido” (*Ibidem*).

Apesar do estereótipo de nome de bairro, o personagem Perus convive com um paradoxo em sua vida. Vive fugindo de algo específico:

O menino Perus tem seu lugar de taco, confiança de alguns patrões de jogo caro, devido à habilidade que na sinuca logrou desenvolver nas difíceis bolas finas, colocadas em diagonal na mesa. O menino Perus mal e mal se aguenta – fugido do quartel, foge agora de duas polícias. A Polícia do Exército e a polícia dos vadios. Uma semana, muitas vezes, na Lapa. Nas bocas do inferno se defende se arranja pelas ruas, trabalha nas conduções cheias, surrupia carteiras. Deixa ficar e fica uma semana. A mesma camisa, o mesmo sono, a fome de dias. A fome raiada. (ANTÔNIO, 2009, p. 160)

Outro ponto que vale a pena relatar, além do humor encontrado nos estereótipos das personagens, refere-se à violência implícita nas provocações e nas gozações. Em vários momentos da narrativa, encontramos Perus passando por situações constrangedoras. Ele sofre fortes agressões durante o trajeto realizado juntamente com Bacanaço e Malagueta. Na maioria das vezes, era necessário revidarem à altura como forma de autodefesa ou para preservar a própria face.

5.3 O silêncio

Nem sempre o falar é o único meio comunicação. Segundo Ducrot (1972), “comunicar seria, antes de tudo, fazer saber, pôr o interlocutor na posse de conhecimentos de que antes ele não dispunha”. Sendo assim, falar é um ato secundário.

O autor esclarece que para haver a troca de conhecimento não é necessário apenas a comunicação:

[...] somos levados a admitir que as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação, tomada no sentido estrito, isto é, à troca de conhecimentos: ao contrário, introduz-se entre elas uma grande variedade de relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra. (DUCROT, 1972, p. 12)

Ele comenta, ainda, que a língua impõe não uma condição e sim um modo de vida social. Ela determina, “não apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe também, a esses encontros, formas bem determinadas”. (*Ibidem*)

Orlandi (2001) acrescenta que existe uma relação do falar com o não falar. Muitas vezes, o não dizer encontra-se implícito naquilo que pelo contexto é possível uma dedução. Ainda que não haja a verbalização, o pressuposto pode levar-nos às pistas muito claras daquilo que se pretende dizer. Porém, é importante salientar que nem sempre o silêncio é um complemento do que se pretende dizer, pois ele pode ter o seu próprio sentido.

Segundo a autora:

O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito [...] mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se. (ORLANDI, 2001, p. 83)

Há momentos no conto em que encontramos o não dito manifestado por algumas personagens. Por diversas vezes, elas preferem recuar a ter que se expor. O fato de se esquivarem constitui um elemento que demonstra a dificuldade dessas personagens em se comunicarem. Outra possibilidade, em relação a essa atitude, pode representar também um mecanismo de preservação da face.

Em diversas ocasiões, optar pelo silêncio é transformar o sentido do que está sendo dito. O silêncio “pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2001, p. 83).

Segundo Candido, o silêncio utilizado por João Antônio na obra em questão pode ter outro significado. O fato de empregar a oralidade com “parcimônia seletiva” denota a “consciência que o autor tem das possibilidades que o implícito possui para dar ao explícito todo o seu vigor humano e artístico” (CANDIDO, *in* ANTÔNIO, 2009, p. 8).

5.4 A gíria como elemento de interação

De acordo com Preti (2004, p. 96), podemos utilizar o termo gíria de grupo quando se tratar da interação com um determinado grupo social:

...podemos afirmar que *gíria de grupo*, pelos seus elementos expressivos, incorporou-se definitivamente ao discurso oral, sendo, hoje, um de seus recursos mais importantes para transmitir, na interação, quebra de informalidade e a aproximação entre os interlocutores; sentimento de renovação, atualidade, aproximação do espírito popular; agressividade e injúria atenuada. (grifo do autor)

A utilização da gíria é um dos traços marcantes da obra de João Antônio. O autor, por meio de marcas de oralidades, mostra-nos como um pequeno grupo marginalizado ou excluído por uma sociedade hipócrita sente-se preservado ou, até mesmo, protegido pelo seu grupo. Preti (2004) esclarece também que, em alguns casos, a gíria poderia ser chamada “simplesmente de vocabulário popular”. Por se tornar conhecida, ela acaba perdendo “sua identificação inicial” e incorpora-se à linguagem da população. Porém, existe uma linguagem específica que foge do usual e restringe a sua significação a apenas um grupo restrito:

A gíria de grupo (também denominada por alguns de *gíria marginal*) é usada por falantes que pretendem comunicar-se com seus interlocutores, sem serem entendidos por outros que não pertencem ao grupo. Preservada, portanto, a significação dos vocabulários, a gíria torna-se secreta, somente compreensível aos iniciados. (PRETI, 2004, p. 67, grifo do autor)

De acordo com o autor, a gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Podemos tratá-la especificamente como um vocabulário urbano e estará sempre ligada a um grupo social diferente.

Dessa forma, podemos observar o que Preti (2004) chama de “gíria de grupo”, pois se apresenta como mecanismo de união e comunicação entre amigos que interagem entre si, utilizando uma linguagem própria de um grupo de falantes de uma mesma comunidade.

Portanto, o valor do uso de variantes, em contextos adequados, nas diversas situações de interação do nosso cotidiano assegura, de acordo com o autor, que “nem sempre a língua culta é a língua de maior prestígio social”.

Segundo Candido, João Antônio passa por cima de normas de uma forma que irritaria profundamente os “censores vernaculistas” (CANDIDO, *in* ANTÔNIO, 2009., p. 8).

Cada um tem sua bola numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro. Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomeçar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d’Arc o jogo triste da vida. (CANDIDO, *in* ANTÔNIO, 2009, p. 9)

Afirma, ainda, que o autor “viola o bom-tom, mas cria uma trepidação expressiva que se ajusta à situação narrada” (*Ibidem*). O jeito informal de João Antônio “tira a palavra da sua função meramente comunicativa e a traz para dentro da literatura” (*Ibidem*).

5.5. Frases feitas

As frases feitas, assim como os provérbios são expressões idiomáticas que facilitam a comunicação e promovem interação entre os falantes. As pessoas que fazem uso dessas máximas transmitem uma sabedoria popular que é passada de geração a geração.

Preti (2004) esclarece que as expressões populares ou as frases feitas carregam em si uma carga semântica própria das pessoas simples. O que traduz muito bem o convívio das personagens de João Antônio:

Essas fórmulas, em geral, indicam um falante de cultura modesta, que fala por lugares-comuns, facilmente compreensíveis e admitidos na sociedade em que vive. Os idosos têm propensão a conservar essas ‘verdades’, que, às vezes, permanecem através das gerações. (PRETI, 2004, p. 171)

As frases feitas são carregadas de oralidade e acabam fazendo parte do cotidiano das pessoas por se tratar de uma linguagem simples, direta e objetiva. As expressões formulaica, “podem constituir um importante índice do conhecimento partilhado pelos falantes, com importante papel interativo”. (*Ibidem*)

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS

As estratégias conversacionais consistem em revelar táticas que os falantes utilizam para atingir seus objetivos. Para que isso aconteça entre as personagens do conto, o autor recorre a diferentes formas que possibilitem a interação entre os interlocutores.

Preti (2004, p. 51) afirma:

Elas podem resultar das intenções que precedem o ato conversacional ou de alterações ocorridas durante o seu andamento. Referimo-nos a uma estância pragmática, que pode ser revelada pelo narrador ou pelos próprios interlocutores, ocasionando possíveis alterações de seu comportamento verbal. São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento; etc.

Os autores utilizam estratégias conversacionais que tornam as conversas das personagens mais naturais e as aproximam, ao máximo, da realidade. Notamos no diálogo construído, que mesmo sabendo que se trata de diálogos de ficção, há textos literários que trazem marcas de oralidade que não são comuns na escrita. Mesmo assim, esses autores conseguem ser autênticos nas representações das falas, além de nos transmitir com clareza o estado emocional das personagens.

Preti (2004, p. 153) ainda assevera:

Os diálogos construídos na ficção podem operar, às vezes, por padrões ideais, revelando-nos de forma mais precisa as ligações entre estados interiores das personagens e sua expressão verbal, pois informações contextuais do narrador esclarecem-nos, quem sabe com mais precisão, os reais estados psicológicos das personagens ao articularem certas estratégias na conversação. Não se trata, evidentemente, de vermos em tais textos formas mais ‘corretas’ de falar na linguagem natural, mas, sim, de encontrarmos modelos mais eficientes de comunicação em busca de certos fins.

Neste capítulo apresentaremos, de forma mais detalhada alguns fragmentos de diálogos construídos no conto em que analisaremos as estratégias conversacionais apresentadas por João Antônio.

Dessa forma, faz-se necessário retornarmos ao nosso estudo do referencial teórico.

6.1 A presença do diminutivo

Não é sempre que os diminutivos indicam redução de tamanho. Podemos dizer que todos os diminutivos postos dentro de um contexto adquirem diferentes definições e não somente diminuição de tamanho.

Brait (1999, p. 100) faz a seguinte consideração a respeito do uso do diminutivo:

[...] diminutivo aparece em contraste com a forma normal do termo na mesma sequência, como a incorporação irônica [...]

O efeito humorístico, construído a partir de estratégias, pode ser constatado em várias passagens, uma das manifestações dos enunciatários é registrada por meio da forma ((risos)). Outra é fazer referência explícita a um domínio de conhecimento do enunciatário, incluindo o ritmo ou a entonação referencial [...].

6.1.1 A presença do diminutivo como forma de interação

Após uma breve apresentação, usando uma linguagem própria do malandro paulistano, Bacanaço e o menino Perus tornam-se companheiros de sinuca e de malandragem. Mais tarde, um trio inseparável será formado pelo velho Malagueta:

Vestido de branco, com macio rebolado, Bacanaço se chegou:

- Olá, *meu parceirinho*! Está a jogo ou está a passeio?

O menino Perus encolheu-se no blusão de couro. Os dedos de Bacanaço indo, vindo, atijando. Desafiavam.

Está a jogo ou a passeio? (ANTÔNIO, 2009, p. 149, grifo nosso)

Nesse primeiro diálogo entre os parceiros de jogo, podemos notar a presença do diminutivo, tanto no sentido afetivo, quanto no pejorativo. Bacanaço dirige-se a Perus de forma carinhosa por se tratar de um garoto, se comparado a sua idade: “... era um menino diante de Bacanaço” (ANTÔNIO, 2009, p.154) e também, pelo fato de que poderia vir a ser o

seu parceiro. No sentido pejorativo, a palavra usada no diminutivo traz uma carga de ironia por se tratar de alguém que estaria sendo desafiado pelo seu adversário.

A presença do sufixo */inho/na* palavra *parceiro*, causando o diminutivo – *parceirinho* –, logo no início do conto, resume de forma contundente a vida minúscula, não apenas do garoto do jogo, mas, de um modo geral, dos personagens suburbanos, mostrando, principalmente, o drama daqueles malandros paulistanos, os jogadores de sinuca.

Desse modo, entende-se que João Antônio se utiliza do diminutivo de forma pejorativa para nos mostrar a ironia empregada em sua obra.

Podemos notar uma forma de menosprezar o adversário, usada por Bacanaço, no diminutivo da palavra jogo: *negaça do joguinho*. Porém, essa expressão está sendo usada de uma forma mais íntima por se tratar de amigos. A liberdade de expressão entre os parceiros, nesse caso do jogo de sinuca, é muito grande, então, a informalidade vai além de protocolos: “[...] Quando se topavam, por malandragem ou *negaça do joguinho*, se encaravam. [...] Um querendo comer o outro pela perna, dizendo desconsiderações”. (*Ibidem*, p. 150, grifo nosso)

As ironias, em vários momentos, eram confirmadas pela presença dos diminutivos: “Chegava-lhes depois um risinho safado empurrando-lhes a gana para bem longe”. (*Ibidem*)

O diminutivo de forma contextualizada, na obra, revela muito humor. A ficção de João Antônio dá provas de ousadia e inovação de linguagem por meio das apropriações de frases dessa natureza.

6.1.2 A presença do diminutivo como forma de zombaria

Em relação ao uso do diminutivo como forma de zombaria, observamos a criatividade de João Antônio (2009), nos diálogos entre as personagens. Podemos notar o ar de desprezo e falta de respeito para com o adversário. Algo que não era considerado correto, em se tratando de roda de jogo. Vejamos alguns exemplos desse tipo de comparação, que destacamos com grifos:

- *Parceirinhos* coiós. (p. 152)
- [...] ele veio *depressinha*. (p. 152)
- [...] fintava a charla, mexia os *pauzinhos*. (p. 152)
- Sabia muito bem das *coisinhas* das façanhas. (p. 154)
- [...] pingava um ou outro *joguinho* bom. (p. 157)
- Os castigos vinham *depressinha*. (p. 158)
- Pensou nos *joguinhos* de Vila Alpina. (p. 158)
- E soltou para si o *risinho* canalha. (p. 159)
- *Risinho* meio parado, metade da boca. (p. 159)
- [...] *parceirinhos* fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. (p. 161)
- [...] *joguinho* mais ladrão de quanto há na sinuca. (p. 164)
- O *joguinho* vai correndo como *coisinha* encrecada, *pequenina*... (p. 164)
- Se o *parceirinho* se encabula, *tropica*. (p. 165)
- Fica quebrado, *quebradinho*, *igualzinha* à coruja. (p. 165)
- [...] vezes intensa se bateram no *joguinho* nos muquinfos quentes da Lapa-de-baixo. (p. 166)
- [...] – o *joguinho* se aprende jogando. (p. 166)
- Só por um lance de *parceirinho* que se arriscara numa bola cinco desnecessária. (p. 167)
- Um *joguinho* ladrão. (p. 169)
- [...] o *joguinho* arrastado, encrecado, sem-vergonha. (p. 169)
- [...] e os *parceirinhos* iam afoitos. (p. 170)
- [...] muitas coincidências do *joguinho* são predestinações. (p. 170)
- [...] firmava e dava trabalho aos *parceirinhos* [...] (p. 171)
- Se daqui a pouco ele *tropica*: fica torto, *tortinho*. (p. 173)
- Sabia da única alternativa – escapulir *depressinha*. (p. 173)
- [...] trinta anos na polícia e um tempão no *joguinho*... que boa-fé fora aquela? (p. 174)
- Lima, mordido, *mordidinho*. Os olhos iam por baixo. (p. 174)
- [...] se pegariam no *joguinho*. (p. 177)
- [...] *vidinha* estúpida e sem jogo [...] (p. 204)
- Mas o *joguinho* virava, sorria, chamava, dava-lhe um *parceirinho* fácil [...]. (p. 204)

De acordo com Brait (1999, p. 100-101), dependendo da forma que um fato for narrado, o humor pode causar um determinado efeito:

O efeito de humor pode estar, por exemplo, na forma um tanto dramático-cômica de narrar comentando o enredo [...].

A maneira de trabalhar a citação também pode produzir efeitos irônicos e ou humorístico [...].

Notamos a importância das marcas de oralidade empregadas como estratégias conversacionais por João Antônio que, apesar de não dispor do recurso da fala, causa, com isso, um efeito de sentido no leitor.

Mesmo habituados a tantas ironias e malandragens, nossos personagens, Malagueta, Perus e Bacanaço, vivem numa total degradação. Os valores invertidos fazem com que percam o brilho e ainda a sua pequena porção de dignidade que ainda lhes resta:

E falaram deles mesmos, paroleiros, exagerando-se em vantagens; mas uma realidade boiou e ficaram pequenos. O que lhes adiantava serem dois tacos, afiados para partidas caras? Estavam quebrados, *quebradinhos*. (ANTÔNIO, 2009, p.155, grifo nosso)

Além dos nossos heróis, podemos encontrar personagens secundários que levam vantagem sobre eles, como Robertinho. Este, sendo um tipo diferente de golpista, lhes “passa a perna”. Podemos notar que os antigos malandros, ou seja, os que são chamados de espertos na cidade de São Paulo, cada vez mais, estão caindo em descrédito. Robertinho diverte-se com a situação e acaba dominando-os com muita tranquilidade.

Vale lembrar que também essa personagem é caracterizada pelo sufixo diminutivo e, como citado, não denota nenhuma cordialidade ou fraqueza. Pelo contrário, é essa personagem que se torna soberana, apesar de ser marcada no conto da seguinte forma: “Quando o malandro [Robertinho] deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo”. (ANTÔNIO, 2009, p. 216, grifo nosso)

6.1.3 A presença do diminutivo como forma de provocação

Notamos a presença do diminutivo como forma de provocação nas ações de Robertinho. A começar pelas características dadas pelo narrador que são sinais de provocação:

[...] surgiu no salão um tipo miúdo, lépido, baixinho, vestido à malandra, terno preto, gravata estreita, sapatos pequenos de bicos quadrinhos [...]

— Esse *tostãozinho* de gente aí é algum otário oferecido

[...]

— Olá, *parceirinho*, está a jogo ou a passeio? (ANTÔNIO, 2009, p. 215, grifo nosso)

O narrador faz a descrição da personagem Robertinho demonstrando que realmente o destino é traçado por uma cruel ironia. Malagueta, Perus e Bacanaço foram derrotados por subestimar o inimigo.

Em outra ocasião, podemos observar a presença do diminutivo que também está sendo usado como forma de provocação. No momento em que a personagem tenta demonstrar sua superioridade, acaba se impondo. Mesmo não conhecendo a força de seu oponente, ele procura “confiar no seu taco” – expressão muito usada pelos jogadores de sinuca. Essa credulidade é reforçada pela forma com que se aproxima do adversário, tentando intimidá-lo, causando-lhe medo:

Malagueta se continha mal e mal. A perturbação que o menino sofria era muito comprida, larga e pesada. Uma purgação do capeta. Em que buraco caíra o coitado... E estava apagado, *apagadinho*, não falava um a. Chumbado no chão feito poste de iluminação. Silveirinha? Um cadelo. (*Ibidem*, p. 194-195, grifo nosso)

O personagem Silverinha, assim como o personagem Robertinho, são marcados pelos diminutivos e ambos reafirmam o fato de que, logo em princípio, sofrem com as afrontas e provocações feitas por Bacanaço.

Notamos, ainda, outro episódio marcante que comprova a presença do diminutivo como forma de afronta:

— *Charutinho!*

O caixa mandava o xingamento sobre um velho, que reboteava à zombaria com uma praga graúda, em italiano.

[...]

Aquilo bulia com Perus. Não estava certo esquentar a cabeça de um infeliz com um apelido besta. E era um velho mais velho que Malagueta.

— *Charutinho!*

A resposta partia em italiano, pronta, violenta, desesperada, o homem batia os pés no chão, ameaçava socos no ar e ficava no meio do salão, cambaio, atrapalhando-se com o apelido e com as pernas, que se desentendiam. [...] Houve um momento em que seu nervosismo cresceu e parecia que ele ia chorar. (ANTÔNIO, 2009, p. 199, grifos nossos)

O fato de se tratar de um velho, aparentemente indefeso, faz com que nossos heróis sintam-se ofendidos. Chega-se a cogitar a possibilidade de alguma vingança por parte de Malagueta, Perus e Bacanaço: “Esse cara xingando merecia uma lição” (*Ibidem*, p. 200). Contudo, refletem a respeito do que estava acontecendo e decidem não levar em consideração: — “Deixa pra lá essa zonzeira” (*Ibidem*). E seguem, então, para uma próxima aventura.

6.1.4 A presença do diminutivo como forma de agressão

Bacanaço, em meio a muitas façanhas, tinha algo inaceitável. Superava ainda mais sua falta de caráter. A forma tão cruel que usava para tratar a sua parceira. Isso fazia com que essa personagem, de herói, passasse a vilão. Além de mau caráter, desalmado, frio, insensível e interesseiro, ele era um rufião:

Fazia a vida num puteiro da rua das Palmeiras, tinha seu nome de guerra – Marli. A mina lhe dava uma diária exigida de mil, mil e quinhentos cruzeiros, [...] Bacanaço a surrava, naturalmente, como fazem os rufiões. [...]

Na cama, os fregueses costumavam perguntar o que eram aquelas marcas pretas no corpo.

– É amor – e olhava para o teto –, vamos logo.

E retomava a linha de produção, *cadelinha* obediente, pronta a entregar o que ganhava. Tudo. Mulher de malandro. Se preguiçasse, de novo era trancafiada e batida. (ANTÔNIO, 2009, p. 204-206, grifo nosso)

Outro fato marcante, em relação à presença do diminutivo na agressão, aconteceu durante um jogo inesperado entre o velho Malagueta e o “professor de sinuca”, Robertinho:

Acabou o jogo. Malagueta olhava o chão.

— *Joginho* morfético!

[...] Robertinho não os olhava; conferia o troco. Depois, confiou o bigodinho aparado.

Quando o passaram de largo, não o cumprimentaram.

Lentos, nas ruas. As cabeças pesavam, seguiam baixas. (ANTÔNIO, 2009, p. 220-221, grifo nosso)

A presença do diminutivo, nesse trecho da obra, vem reforçar o fato de que, apesar de “durões”, nossos heróis também passam por grande humilhação. Por se tratar de um adversário que, a princípio, não transmitia nenhum tipo de desconfiança, depois, acaba aumentando a revolta e a indignação nos três amigos.

Derrotados, seguem rumo a lugar nenhum. Apenas esperando que chegasse uma maré de sorte.

6.2 O silêncio

O silêncio aparece, no conto, como forma de estratégia, não por falta de palavras ou, até mesmo, para encobrir determinadas falhas trazidas pelas personagens, mas para transmitir algo implícito, sem que haja uma exposição. O propósito do silêncio está, então, em preservar a face. O narrador abre caminhos para que o leitor possa deduzir, por meio do não dito, aquilo que se pretendia dizer.

De acordo com Orlandi (2001, p. 83), o silêncio “pode ser pensado como a respiração, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido”.

Podemos notar que, em vários momentos da narrativa, Perus utiliza o silêncio como táticas para preservar a própria face. Devido a uma enorme dificuldade em se comunicar, até mesmo por conta de sua pouca idade e sua inexperiência em relação ao amigo. Nessa passagem do conto, Perus sente-se retraído, principalmente diante de pessoas, da “curriola” que estavam por ali somente para passar o tempo, não estavam a jogo. Pessoas que, movidas

por curiosidade, paravam para presenciar a cena. O garoto tenta proteger-se e fechando-se em seu mundo, deixa que o silêncio fale por si só:

Com a boca e com as pernas, indo e vindo e requebrando, se fazendo de difíceis, brincaram.

A curriola veio se encostando.

[...]

Do bolso traseiro da calça já veio aberta a navalha.

— Entra, safado.

Perus estatelou, guardou-se no blusão de couro. O antebraço cobriu a cara, os olhos firmaram.

A curriola calada.

Mas Bacanaço sorriu, que aquilo era brincar.

[...]

Bacanaço meteu as mãos no bolso, estirou o beijo. Sacou a mão, o polegar dobrou-se para trás, flechou o balcão:

— O *mister* aí da casa não quer batifundo, mora.

E brincaram mais um tanto, que a vontade não passara. (ANTÔNIO, 2009, p. 151-152, grifos nossos)

Um fato relevante em relação ao silêncio diz respeito ao procedimento de Perus: “A anuência de Perus foi choca, encolheu-se timidamente no blusão de couro”. (ANTÔNIO, 2009, p. 159)

O gesto tímido e contido de Perus faz com que cada vez mais o seu corpo, por meio do não dito, transmita uma grande mensagem. O silêncio torna-se um grande aliado do jovem, como dito anteriormente, para preservar a própria face.

Podemos perceber um acontecimento curioso na justificativa de Bacanaço. Ele faz questão de esclarecer que o fato não passava de uma brincadeira. Mesmo assim, Perus sente-se ameaçado e somente responde com gesto e não com palavras. Por não ter outra opção, ele aceita a brincadeira. Mas a resposta dada pelo jovem, não foi sacramentada por palavras e sim pela ausência delas.

Em outra situação, Perus utiliza-se do silêncio como tática:

Contava Bacanaço que sabia muito bem das coisinhas da façanha. O menino Perus também sabia. Mas era um menino diante de Bacanaço e por isso ouvia quieto, só meneando a cabeça e de acordo com tudo. Para final – Bacanaço era taco melhor, jogador maduro, ladino perigoso de caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres. (ANTÔNIO, 2009, p.154)

É notória a baixa autoestima do personagem Perus diante de seu amigo de taco. Sentia-se inseguro e incapaz de tomar qualquer decisão. Dessa forma, ele acaba não tomando partido do fato ocorrido. Era preferível apenas ouvir, sem que existisse nenhuma interferência de sua parte.

Além de Perus, encontramos também outras personagens que utilizam o silêncio como recurso discursivo:

À noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com jogos a leite-de-pato. Não jogavam a dinheiro. Algazarra, um barulhão, mas não jogavam a dinheiro. Aquilo faziam todos os dias, antes das aulas noturnas. Bacanaço se chateava com os frangalhos e levantava-se. Machucava-os:

– Vocês são é de coisa nenhuma. Fica aí toda a curriola nesse pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé, fazendo o quê? Punheta? Um chove-não-molha do capeta! Vamos lá no jogo valendo uma nota!

Os estudantes diminuía o barulho, engoliam os desaforos. Mas ao jogo ninguém ia.

Com aquele silêncio desenxabido que faziam após os xingos, Bacanaço se enfezava, gritava, espezinhava:

– Aqui só tem pixote, é tudo pixote – o indicador subia, descia, flechava. – Por que é que não ficam em casa, debaixo da saia da sua mãe? Cambada! (ANTÔNIO, 2009, p. 157-158)

Os estudantes, outras personagens que atuam na narrativa, preferem utilizar o silêncio como mecanismo linguístico para preservar a face. Eles fazem uso da máxima popular: “Melhor resposta é aquela que não é dada”. Bacanaço tenta intimidar os estudantes com ameaças, xingamentos e palavras agressivas, além do uso de onomatopeias, fazendo com que se sintam ainda mais diminuídos.

Mais adiante, encontramos algo também curioso em relação ao “não dito”, Malagueta perante a indagação feita por Bacanaço:

– Pé-pé-pé...pé-ré-pé-pé não interessa, velho. Cadê a grana?

Malagueta esfriou, perdeu num átimo o alegre reboado. Andava tudo ruim e ele com fome. [...]

– Tou desempregado – *e deu de ombro*. – Se eu lhes conto minha história, meus camaradas... Vocês vão se virar pra me dar algum. É. Tou que nem aquele cara: Tortinho Pedroso da Silva Estrepado.

E sentou. (ANTÔNIO, 2009, p. 161, grifo nosso)

O velho Malagueta perde toda sua ginga de malandro diante do forte questionamento de Bacanaço. Notamos, pela expressão destacada acima, que o velho teria uma lista grande de explicações por trás de um simples gesto feito por ele. Porém, preferiu não dizer. Segundo Ducrot (1972, p. 14), “Tudo que é dito pode ser contradito”. A presença do “não dito”, por meio desse gesto, carrega uma enorme carga semântica que diz respeito ao questionamento feito a Malagueta pelo amigo. Porém, a resposta fica apenas por conta da imaginação.

Notamos outra informação dada apenas por meio de sinais:

Deu acesso a Malagueta. Buliu:

– Entra, cara-de-pau.

E sorriu para Perus.

[...]

Houve os olhares de soslaio, perguntando-se. [...] Iam sérios. Os bondes rangiam lá fora e os homens em volta da mesa faziam o silêncio que se faz ao ruído das bolas. Faziam o silêncio do joguinho, por demais preocupado.

Às bolas corriam. E Bacanaço sorria.

À sua segunda tacada, o menino Perus assobiou. Era o ‘Garufa’, velho tango argentino falando das desventuras de um otário ofertado, inveterado protetor de prostitutas e falso malandro de uma noite lá num parque japonês... [...]. O ‘Garufa’ assobiado – um sinal convencionado com que os finos malandros de jogo avisam-se que há otário nas proximidades ou trapaça funcionando e lucro em perspectiva.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço também assobiou o ‘Garufa’. (*Ibidem*, p. 169, grifo nosso)

Há uma interação tão forte entre os parceiros do jogo que apenas com um simples sorriso demonstrado pelo parceiro ao amigo, já se traduz, por completo, a mensagem pretendida. Podemos observar, dessa forma, a presença do “não dito”, que por meio apenas de um sinal, transmite-se a informação desejada. O silêncio, durante o jogo, comprova a seriedade dos jogadores de sinuca.

Ainda, em relação ao silêncio, notamos outro fato muito importante referente a Lima, outra personagem de João Antônio:

Nenhuma resposta. Lima cabisbaixo, o cinismo de Malagueta desanuviava as coisas e as embaralhava. Perus, desenxabido, sem uma palavra; Bacanaço tamborilando dedos do balcão. O dono do bar olhava, ia haver batifundo. Os bondes rangiam. Não se dizia nada. O tempo custava a passar.

[...] Esperou o efeito – veio o silêncio. Então, abusou: [...] (ANTÔNIO, 2009, p. 173).

Perus continua retraído. Seu gesto sempre fala mais alto que suas próprias palavras. Uma vez que a trama dos malandros foi, supostamente, descoberta por Lima, não havia como dar continuidade ao plano. Precisaram se calar. Malagueta tenta disfarçar. Novamente, o silêncio torna-se muito importante.

Encontramos, também, um fato curioso em relação ao ato de Malagueta:

O velho Malagueta encostou-se à porta do botequim.

Os ombros caíram, a cabeça pendeu para o azulejo e assim torto, o velho ficava menor do que era. Enterrou as mãos nos bolsos. Seus olhos além divisaram avenidas que se estendiam, desciam e desembocavam todas no viaduto por onde os três haviam passado. Haviam andado na noite quente! Bilhar após bilhar, namoraram mesas, mediram, estudaram jogos lentamente. Não falavam não. Picava-lhes em silêncio, quieto mas roendo, um sentimento preso, e crispados, um já media o outro. Iam juntos, mas de conduta mudada e bem dizendo, já não marchavam em conluio. Bacanaço, mais patife, resmungava aporrinhações, lacrava-lhes na cara que a vida na Água Branca poderia ter rendido mais. Espezinjava. E aquela tensão ia ficando grande. Não cuidassem, viria a provocação séria, acabariam se atracando e se pegariam no joguinho — um correndo por dentro do outro — na continuação um comeria o outro pela perna. (*Ibidem*, p. 176)

O gesto de Malagueta mostra o definhar de um ser humano. A falta de iniciativa e a falta de coragem do nosso herói faziam com que ele se sentisse tão humilhado que acabava tornando-se, ainda, menor do que realmente era. O silêncio tornou-se grande aliado dos três amigos. Comportavam-se como se estivessem maquinando algo que até o momento, ainda não seria possível. A situação para nossos heróis era tão enfadonha que somente o silêncio

poderia traduzir o que se passava naquele momento. A ausência de diálogo no conto é compensada por uma mensagem trazida por meio uma interação entre Malagueta e o cão.

Podemos observar uma conversa que se realiza exclusivamente pelo olhar. Essa interação silenciosa está ausente de palavras, porém carregada de significados:

Pararam naquele boteco à beira dos trilhos do trem.

Veio o vira-lata pela rua de terra. Diante do velho parou, empinou o focinho, os olhos tranquilos esperavam algum movimento de Malagueta. O velho olhava para o cão. O cachorro o olhava. Não sacou as mãos dos bolsos, e então, o cachorro se foi a cheirar as coisas do caminho. Virou-se acolá, procurou o velho com os olhos. Nada. Prosseguiu sua busca, na rua, a fuçar nas coisas que esperava ser alimento e que a luz tão parca abrangia mal. De tanto em tanto, voltava-se, esperava, uma ilusão na cabecinha suja, de novo enviava os olhos suplicantes. O velho olhando o cachorro. Engraçado – também ele era um virador. Um sofredor, um pé-de-chinelo, como o cachorro. Igualzinho. (ANTÔNIO, 2009, p. 179)

É marcante a forma com que o narrador expõe a interação entre Malagueta e o cão. Prova, neste ponto da narrativa, o quanto a economia de palavras entre eles é importante para causar um efeito de sentido no leitor. O estado de Malagueta era tão precário que ele já idealizava a sua existência. Seu mundo já estava transformando-se em falsas ilusões:

Assim parado, se vendo pelo avesso e fantasiando coisas, Malagueta, piranha rápida, professor de encabulação e desacato, velho de muito traquejo, que debaixo do seu quieto muita muamba aprontava, era apenas um velho encolhido. (Ibidem, p. 181)

Outro episódio curioso que nos chama a atenção é o fato de o silêncio funcionar como uma terapia para o menino Perus. A vida dos três tacos estava tão vazia que, naquele exato momento, a principal distração para ele era a de contar e enumerar, silenciosamente, coisas. Perus comportava-se como uma criança:

[...] *Perus* nem falava, nem ouvia, nem pensava nos joguinhos de Vila Alpina; longe estava a contar as luzes da avenida, onde bondes passavam rangendo e autos cortavam firmes como tiros. Era costume do menino

enumerar coisas. Sabia, por exemplo, quantas bolas cinco fulano embocou em tal partida, quantos bondes Casa Verde passaram em meia hora. Os luminosos se apagavam, se acendiam, se apagavam, um, dois, um... Aquele exercício o distraía.

– Vai levar muita porrada se quiser ser um virador, seu coió de mola!

[...] Bacanaço gozara, azucrinara. O menino Perus não gostava daquele esculacho não. Perdia, e até aí era uma parte – estava perdendo o que era seu. E se sentia muito bem naquela ocupação silenciosa de enumerar coisas. (ANTÔNIO, 2009, p. 183)

Mesmo ouvindo críticas pelo seu ato pueril, Perus preferia continuar com aquele passatempo em silêncio. Dando sequência a suas perambulações, novamente o silêncio invade o espaço dos três malandros que continuam desacorçoados a caminhada sem um destino certo:

Os sete da curriola começaram a debandar. Foi-se um e se foi outro e a mulher com seu amigo, a conversa murchou. Ficaram Malagueta, Perus e Bacanaço.

A madrugada geral continuava; lentos, safados passavam. (Ibidem, p. 186)

O silêncio após o contato com a curriola volta a fazer parte do vazio que se tornou a vida dos três malandros.

No decorrer da narrativa, temos outro fato inusitado. Ao contrário do que vimos até o momento, o silêncio, no trecho a seguir, passa-nos uma ideia positiva. Trata-se de Carne Frita, uma pessoa que merecia respeito e consideração: “Botassem respeito, sentido e distância com silêncio e consideração” (Ibidem, p. 189).

Malagueta, Perus e Bacanaço sabiam da fama de Carne Frita. Todos o conheciam e o melhor que tinham a fazer era disfarçar e sair o mais rápido que podiam de perto dele:

Quem de sinuca entendia era Frita.

Mas a febre era a febre e queimava e dava pressa

Despediram-se do maior taco do Brasil, ligeiros e firmes entraram pela Santa Efigênia [...]. (Ibidem, p. 188)

Notamos adiante, o silêncio de *Perus* perante *Silveirinha*. Em um bar chamado *Paratodos*, o negro tira, outro personagem de João Antônio, faz ameaças ao menino. Perus

tenta recuar. Amedrontado por se tratar de um policial, “ensaçou maquinalmente a meia-volta”. Porém, impedido por Bacanaço, o jeito era enfrentar a situação.

Vejamos:

– Vem cá, moleque!

Piranha esperava comida.

Mal entraram no Paratodos, deram com a voz do negro intimando Perus [...] e tudo o mais se confundiu, ficou cinzento.

Aquele silêncio esquisito de esporro que vai se dar.

Piranha esperava comida.

– Vem cá, moleque!

[...]

O menino foi e se deu mal, que era Silveirinha, o negro tira. Perus se desnorteava em erradas, começava pela timidez de não dizer nada. Chumbado no chão.

[...] Enviava os olhos suplicantes para Bacanaço, mudamente pedia socorro, as mãos paradas, os músculos da cara parados, a coisa na garganta engordando. Adoraria falar! Mas naquele seu quieto humilhado não engrolava nada. Entrevado.

Piranha espera comida. (ANTÔNIO, 2009, p. 191)

Foram momentos intermináveis de humilhações sofridas por Perus. Silveirinha tripudiava em nosso herói que cada vez mais sentia-se diminuído com tantas agressões, tanto morais quanto físicas: “Silveirinha apertava os pés do menino com o tacão do sapato e ria” (*Ibidem*, p. 192).

Em relação ao silêncio de Perus diante das afrontas de Silveirinha, Ducrot (1972, p. 13) acrescenta: “Ora, muitas vezes, temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-la dito”. Perus sabia das consequências, se dissesse algo a mais, naquele momento. Então preferiu calar-se perante seu adversário.

Após tanta afronta, o silêncio era o arremate final de uma humilhação sem tamanho sofrida pelos três malandros:

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu, um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam.

[...] As três cabeças seguiam baixas. Eram três vagabundos e nada podiam. Seguissem, ofendidos. (ANTÔNIO, 2009, p. 197)

O silêncio retoma o lado positivo, trazendo uma calma, uma paz, ainda que seja só uma falsa paz. Aparente contradição entre a sensação de derrota vivida por Malagueta, Perus e Bacanaço e a calma e tranquilidade de uma cidade tão agitada, mas que dormia naquele momento:

Visto de cima, o vale do Anhangabaú era um silêncio grande de duas tiras pretas de asfalto. O menino Perus olhou. Lindo, o vale, aquele silêncio de motonetas paradas, de árvores e de carros em solidão. Lua lá em cima, o menino olhou. [...] Luz elétrica dos postes jogava uma calma... [...] (*Ibidem*, p. 197)

Podemos perceber que após um momento de reflexão, um sentimento de autocomiseração é instaurado nos nossos heróis por reconhecerem uma total falta de perspectiva para um futuro melhor:

Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, a moral abaixo de zero. Secos, apenas se olhavam, quando em quando, sem reclamações. Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam.

Uma porrada, fora uma porrada. O velho se adiantou, olhou os dois. Emparelharam-se. Os olhares dos três se acharam e Malagueta, Perus e Bacanaço pararam minutos. O silêncio agora pesava, os três olhavam-se, com pena, palavra nenhuma. (*Ibidem*, p. 197)

Naquele instante o que pesava era o próprio silêncio. Malagueta reconhecia que a grande perturbação não estava na perda de quinhentos cruzeiros para o Silveirinha e sim por não poder se vingar de tanta humilhação sofrida:

Só vagabundo entende aquele aspecto. Mocarongo, trouxa, pixote, cavalo-de-teta, otário, vida mansa algum nunca perceberia o que se passava com Malagueta, Perus e Bacanaço. Só um vagabundo.

– A gente inda vai à forra, velhão – Bacanaço deu um tapa no paletó imundo de Malagueta – Deix’tar. Tenteia, velho.

Só Perus não falou, inteiro no seu quieto. (ANTÔNIO, 2009, p. 198)

Para os três jogadores, “dinheiro é do jogo e para o jogo” (*Ibidem*). Passar pela desonra e ficar por isso mesmo era o “fim da picada” para três malandros astutos.

Em alguns momentos da narrativa, o silêncio era representado pelo esquecimento e pela decadência de algo que um dia já tinha sido especial e que agora não passava de abandono: “E como o jogo minguasse, o abandono das mesas, dos marcadores e dos tacos alinhados a seus cantos, constrangia. Era um silêncio grande de muitas mesas vazias e de giz esquecido”. (*Ibidem*, p. 199)

Nossos heróis perderam todo o entusiasmo. Tudo na vida dos três amigos estava reduzido a nada. Eles caminhavam no vazio de um silêncio que acabava os diminuindo ainda mais. Esse silêncio tornou-se sinônimo de coisa nenhuma:

Malagueta arriava a cabeça no peito, lesado, mãos nos bolsos. Bacanaço à frente, vestira o paletó e ia como esquecido dos companheiros. E nem o menino Perus falava.

E caminhavam. Topavam cachorros silenciosos, chutavam gatos quizilentos, urinavam nos tapumes, nos escuros.

[...]

Silêncio os baixa a zero e cigarro nada resolve, só afunda o pensamento errado, amargo, que embota a malandragem, numa onda de coió. (*Ibidem*, p. 203)

Dando prosseguimento ao trajeto, o sentimento de Perus, diferente dos outros dois amigos, era algo que ele preferiu guardar. Não estava disposto a compartilhar nem com Malagueta nem com Bacanaço:

Perus acompanha os dois, mas olhava o céu como um menino num quieto demorado e com aquela coisa esquisita arranhando o peito. E que o menino Perus não dizia a ninguém. Contava muitas coisas a outros vagabundos. Até a intimidade de outras coisas suas. Mas aquela não contava. Aquele sentir, àquela hora, dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava, pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem. (ANTÔNIO, 2009, p. 209-210)

Acontece, nesse momento, algo que Ducrot (1972, p. 13) chama de “lei do silêncio”. O autor comenta que há certos tipos de sentimentos de que não se deve falar. Acrescenta, também:

[...] há, para cada locutor, em cada situação particular, diferentes tipos de informação que ele não tem o direito de dar, não porque elas sejam em si mesmas objeto de alguma proibição, mas porque o ato de dá-las constituiria uma atitude considerada repreensível.

Perus era impedido de extravasar suas emoções. Pois ele tinha receio de que poderia ser ridicularizado pelos amigos. Porque também achava que um homem não poderia ser sensível, dessa forma, Perus era obrigado a guardar silêncio diante de algo tão bonito: “Não haveria jeito, com palavras difíceis ou escolhidas ou modo arrumado, que reproduzisse aquele vermelho. Não era coisa de contar. Era de ficar vendo, quieto, parado, esquecido. E bobo.” (ANTÔNIO, 2009, p. 211)

Ao final da narrativa os três amigos encontram-se com Robertinho, que se deixa levar pela aparência, e acabam por se dar muito mal.

Apesar de Perus já conhecer, não só a fama, mas o próprio Robertinho, nada pode fazer para preservar seus amigos contra o perverso malandro. De acordo com a etiqueta do jogo de sinuca, Perus precisou calar-se:

Quando o malandro deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo. Assim fazem os malandros entre si; é regra. E, regra, Perus não podia avisar Bacanaço, nem Malagueta. [...] Nada poderia dizer. [...] Perus sofria.

[...]

E Perus não poderia dizer um a. (ANTÔNIO, 2009, p. 216-217)

O silêncio de Perus diante daquela “Piranha” do jogo era terrível. Seu sofrimento aumentava a cada partida, a cada vibração de seu amigo Bacanaço. Perus já conhecia as artimanhas de Robertinho e sabia perfeitamente que não se tratava de qualquer pessoa.

6.3 A presença da gíria como forma de interação

A gíria, como citada anteriormente, constitui um elemento de interação. A presença da gíria, em um determinado grupo, demonstra que há intimidade entre os integrantes. Segundo Preti (2004, p. 65): “Na linguagem falada espontânea, no dia-a-dia, a gíria constitui um recurso simples para aproximar os interlocutores, quebrar a formalidade, forçar uma interação mais próxima dos interesses das pessoas que dialogam”.

Podemos observar na obra a forma com que o autor aplica a gíria como um dos recursos característicos da oralidade.

Notamos os diferentes modos de empregar o uso da gíria. Um deles é a cordialidade entre amigos, que pelo fato de haver intimidade entre eles tratam-se por apelidos, ou até mesmo, por xingamentos aparentemente agressivos:

Bacanaço abanou a cabeça.

— Tão só na boca de espera, mora. Aqui é tudo lixo.

Então, enquanto otário não surgiam, jogo bom não aparecia e a noite não chegava Perus e Bacanaço brincavam. Com a boca e com as pernas, indo e vindo e requebrando, se fazendo de difíceis, brincaram.

[...]

Do bolso traseiro da calça já veio aberta a navalha.

— Entra, safado.

Perus estatelou, guardou-se no blusão de couro. O antebraço cobriu a cara, os olhos firmaram.

A curriola calada.

Mas Bacanaço sorriu, que aquilo era brincar.

[...]

Bacanaço meteu as mãos no bolso, estirou o beijo. Sacou a mão, o polegar dobrou-se para trás, flechou o balcão:

— O *mister* aí da casa não quer batifundo, mora.

E brincaram mais um tanto, que a vontade não passara. (ANTÔNIO, 2009, p. 151,152, grifo do autor).

Muitas vezes, o uso de palavras que fogem do convencional evidencia uma busca pela autoafirmação feita por esse grupo específico. Dessa forma, traz para essas pessoas marginalizadas, uma realização pessoal pelo fato de se criar uma oposição ao uso da sociedade. Notamos, então, uma linguagem característica dos jogadores de sinuca. Expressões comuns e inteligíveis, em todo o seu contexto, somente para os frequentadores dos bares e das noitadas paulistanas, porque procura desfazer as normas criadas por essa sociedade. Preti afirma que “por sua própria natureza, o homem tende a repudiar esse condicionamento e até a reagir contra ele porque o relega, linguisticamente, ao da grande massa falante”:

A criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém o seu caráter hermético. (PRETI, 1984, p. 2)

6.3.1 A gíria sendo influenciada pelo meio

O recurso da gíria, utilizado pelo autor, configura bem o clima da marginalidade. A voz que o autor dá às personagens na obra faz com que presenciemos um verdadeiro entrosamento entre os amigos. O espaço em que tentam sobreviver se encarrega de propiciar esse entrosamento. Trata-se de lugares específicos para aquelas pessoas. Por exemplo, geralmente, não são ambientes frequentados por mulheres:

— O *mister* aí da casa não quer batifundo, mora.

[...]

O salão era na Lapa, era o velho Celestino, treze mesas, jogos bons, parceirinhos coiós. Catava-se ali muito trouxa de subúrbio, motoristas, operários, mascates, homens de sacaria, gente da estrada de ferro. Havia parceirões temporários. Bem. Não fazia uma semana, naquela boca de inferno apareceu Sorocabana largando ali, numa semana, pouco mais de vinte contos... Deu açúcar ao freguês e ele veio depressinha. Então Bacalau mordeu. Comia o homem, comendo de gosto. Quando a semana findou, o malandro fingiu dó e aplicou a dissimulada – deu uma estia de cinco conto a Sorocabana... Mas Bacalau era perigoso e tinha juízo, fintava na charla, mexia os pauzinhos. É que Sorocabana, trouxa, coió-sem-sorte, andava esbagaçando um salário-prêmio recebido pelos vinte anos de trabalho efetivo na lida brava de estrada de ferro. (ANTÔNIO, 2009, p. 152-153, grifo do autor)

Nesse trecho, João Antônio deixa claro que o ambiente é favorável ao uso de um vocabulário especial. Como já apontamos anteriormente, Bortoni-Ricardo (2009, p. 25) chama esse contexto de “domínio social”, que mesmo se tratando de um ambiente permeado por variações de linguagem, haverá regras:

O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. [...] Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. (*Ibidem*)

O comportamento linguístico dos jogadores, naturalmente, é decorrente do próprio comportamento social e, segundo Preti, poderia ser denominado de “uso restrito” a certos grupos sociais.

De acordo com o autor, a gíria constitui uma parte viva da língua que é representada pelos grupos sociais de nosso mundo contemporâneo. Inclusive os ambientes frequentados pelas personagens do conto proporcionam a elas uma maior interação verbal. A própria linguagem utilizada também denuncia a que grupo social elas pertencem.

Notamos, em alguns trechos da obra, as ações de nossos heróis sendo influenciadas pelo ambiente:

Corria no Joana d’Arc a roda do jogo de vida, o joguinho mais ladrão de quantos há na sinuca.

Cada um tem sua bola numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro.

Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomeçar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d’Arc o jogo triste da vida.

Um bolo de vida vai a muito porque cresce. Seis, sete ou oito homens dão bolos de bom tamanho. Quatro, cinco, até seis mil, começando por baixo, baixo – cem cruzeiros por cabeça.

O joguinho vai crescendo como coisinha encrencada, pequenina e demorada. Gente sai e entra gente. O bolo crescendo, o jogo ficando safado. *Fica porco, fica sujo como pau de galinheiro*. Um homem quebra o outro comendo-o pela perna, correndo por dentro dele.

Um bolo de vida fica grande para só um homem comer.

Então o jogo exige porque diferente o jogo fica. Paciência, picardia, malandragem. Quem não tem, tivesse... *Uma sujeira do diabo mora*. Um taco é um taco quando é amarrador, no jogo de vida. Se o parceirinho se encabula, tropica mais e cai do cavalo. Fica quebrado, quebradinho, igualzinho à coruja – sozinho, feio e no escuro.

Corria no Joana d’Arc o triste jogo de vida. (ANTÔNIO, 2009, p. 164-165, grifos nossos)

O ambiente que nossos jogadores frequentam não influencia apenas na linguagem – gíria específica para os jogadores de sinuca, mas também nas suas atitudes. Muitas vezes, são agressivos, porque eles precisam ser agressivos, são dissimulados, porque precisam também ser assim. Dessa forma, nossos heróis agem de acordo com as batalhas que são travadas por eles, dia após dia:

O boteco era um, duma fileira de botecos. Pequenino, imundo, mais escuro e descorado, aquela hora, à zoeira das moscas. Mas havia televisão apresentando luta livre e Bacanaço se ajeitou no tamborete. Perus pediu café com leite.

O velho Malagueta encostou-se à porta do botequim.

Os ombros caíam, a cabeça pendeu para o azulejo, e assim torto o velho ficava menor do que era. Enterrou as mãos nos bolsos. Seus olhos além divisavam avenidas que se estendiam, desciam e desembocavam todas no viaduto por onde os três haviam passado. (ANTÔNIO, 2009, p. 176)

Outro ponto curioso em relação ao vocabulário gírio diz respeito ao fato de que para ser bem aceito por um determinado grupo social, é necessário que o falante tenha uma total compreensão da linguagem. Destacamos algumas palavras do livro de João Antônio (2009) fora de seu contexto. Porém, serão levadas em consideração as variações. Dessa forma, temos:

- Bazófiás: vaidade, ostentação, presunção: “Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófiás...” (p. 159).
- Conluio: combinação entre duas pessoas em prejuízo de alguém: Já não marchavam em conluio. Bacanaço, mais patife, resmungava aporrinhações [...] (p. 176).

- Cagueta: fofoqueiro, bisbilhoteiro: “Se abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra ‘cagueta’ que é o que mais dói para um malandro” (p. 216).
- Coió: bobo, tolo, palerma, idiota “— Vai levar muita porrada se quiser ser um virador, seu coió de mola!” (p. 183).
- Mora: amigo, companheiro, colega: “— Tão só na boca de espera, mora. Aqui tudo é lixo.” (p. 150).
- Mocó: grana, capital, dinheiro: Pedisse jeitosamente: “faz favor”, e desse o dinheiro, entregasse o mocó [...] (p. 194).
- Parelha: pessoas ou coisas que se assemelham a outra em algum aspecto: “Funcionavam como parelha fortíssima, como bárbaro, como relógios. Piranhas” (p. 150).
- Pixote: criança nova; inexperiente: “Um inveterado, um pixote se metendo a gente, um cavalo-de-teta.” (p. 152).
- Tutu: dinheiro: “— Cadê o tutu, moleque?” (p. 192).

6.3.2 Expressões usadas como forma de indignação contra a sociedade

As expressões utilizadas pelo autor podem demonstrar a forma mais expressiva que o interlocutor, nesse mundo restrito de subversões dos malandros paulistanos, usa como forma de protesto contra uma sociedade exclusivista e preconceituosa:

Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não pretendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinários, acabavam sócios e partiam. Então conluídos, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parelha fortíssima, como bárbaro, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompeia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfo por aí, porque todo muquinfo é muquinfo, quando se joga o joguinho e se está com fome. Negaça, marmelo, trapaça, quando iam os dois. Um martelo; o outro era o cabo.

[...]

– *Tão só na boca de espera, mora. Aqui tudo é lixo.* (ANTÔNIO, 2009, p. 149-151, grifo nosso)

Mesmo que a sociedade não seja participante, mesmo que não apresente nenhuma ameaça aos nossos heróis, notamos na obra que o simples fato de eles não pertencerem ao

grupo já é motivo para que haja a agressão, tomada como forma de autodefesa contra os valores de uma sociedade exclusivista, como já citado anteriormente:

À noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com jogos a leite-de pato. Não jogavam a dinheiro...

Bacanaço se chateava com os frangalhos e levantava-se. Machucava-os:

– *Vocês são é de coisa nenhuma. Fica aí toda a curriola nesse pé- pé- pé...pé-ré- pé- pé, fazendo o quê? Punheta? Um chove-não-molha do capeta! Vamos lá no jogo valendo uma nota!*

Os estudantes diminuíram o barulho, engoliam os desaforos, mas ao jogo ninguém ia.

Com aquele silêncio desenxabido que faziam após os xingos, Bacanaço se enfezava, gritava, espezinhava:

– *Aqui só tem pixote, é tudo pixote* (Ibidem, p. 157, grifo nosso).

Entre as personagens de João Antônio, Bacanaço demonstra ser a mais hostil de todas. Em vários momentos da narrativa, iremos encontrar uma agressividade nas palavras por parte das personagens. Porém, é Bacanaço que se destaca com suas crueldades sem medida. Ele não trata com brutalidade apenas as pessoas pertencentes a outras classes sociais, também é rude com pessoas bem próximas a ele e que mereceriam sua consideração.

Neste trecho da obra, encontramos um relato riquíssimo de agressão que resume bem o tamanho da crueldade que Bacanaço é capaz de realizar:

Bacanaço andava agora com uma mina nova, vinte anos. Morena ou ruiva... Fazia a vida num puteiro da rua das Palmeiras, tinha seu nome de guerra – Marli. A mina lhe dava uma diária de mil, mil e quinhentos cruzeiros, que o malandro esbagaçava todos os dias nas vaidades do vestir e do calçar, no jogo e em outras virações. Quando lhe trazia menos dinheiro, *Bacanaço a surrava*, naturalmente, como fazem os rufiões. Tapas, pontapés, coisas leves. *Apenas no natural de um cacete bem dado para que houvesse respeito*, para não andar com bobice na cabeça...

– Olhe camarada: entre marido e mulher, ninguém bote a colher.

O tipo ia cabisbaixo, desenxabido, para o mesmo lugar donde viera.

Se a desobediência se repetia, o cacete se dobrava. Bacanaço se atilava em crueldades mais duras. Para começo *trancafiava no quarto* e partia para a rua, onde se demorava horas. Ia à sinuca, ia andar a fim de pensar bem pensado; [...] *Malhava aquele corpo contra as paredes, dava-lhe nos rins, nos nós e nas pontas dos dedos. Encontrava-lhe o cigarro aceso nos seios. Às vezes Marli urinava.*

Na outra noite a mulher seguia para o bordel, dolorida, pisada. Na cama, os fregueses costumavam perguntar o que eram aquelas marcas pretas no corpo.
 – É amor – e olhava para o teto – vamos logo. (ANTÔNIO, 2009, p. 204-206, grifos nossos)

Podemos notar que na expressão “cacete bem dado” há a presença notória do medo, do fracasso ou, até mesmo, de cair em descrédito, se agir de outro modo, se for menos rude. Bacanaço procura esconder-se por trás de algum disfarce, para que ninguém venha conhecer a sua fraqueza.

Percebemos em Malagueta, Perus e Bacanaço uma falta de iniciativa, trazida para o conto pelo autor, diante de uma ameaça ou diante de alguma provocação. Notamos, em pontos específicos da narrativa, que eles agem, algumas vezes, apenas em pensamentos, pois, sofrem aporrinhações e são, em vários momentos, humilhados. Entretanto, não reagem, deixam de lado o orgulho e seguem seus caminhos, mas sem um destino traçado:

— Cadê o tutu, moleque?

[...]

Diabo. Estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enjeitado. Os dedos se esfregavam com atropelo, a voz não vinha.

— Meu moleque...

[...] De longe, Bacanaço. Uma distância infinita eram aqueles cinco metros os separando. A aperreção sobre o menino já fora a bem mais do que devia, era muita folga. Assim faziam os homens quando exigiam. Machucavam à vontade, satisfaziam-se, as aporrinhações só vagabundo sabe.

[...]

Mas dever, não devia. Era um vagabundo – calasse, engolisse o seco da garganta, aturasse e fosse se rebaixar feito cachorrinho. Pedisse jeitosamente: ‘faz favor’, e desse o dinheiro, entregasse o mocó, o arrego para livrar a cara de Perus. Vontade de cortar, essa era muita. Era um vagabundo, entretanto, e se calou.

[...]

Era um cadelo. Será que ele não tem pai? (ANTÔNIO, 2009, p. 192-201)

Outro fato curioso em relação à autodefesa dos personagens no conto é que nem sempre ela é demonstrada por palavras, mas por meio de expressões que farão sentido apenas no contexto:

Duma surtida do malandro, Malagueta não aguentou, fez careta e se benzeu:
 — Osso quebrado, nervo torcido, carne rendida, assim mesmo eu te cozo.
Sai de mim, azar do capeta.

Robertinho só sorriu:
 — Não é nada não, meu parceiro.

[...]

— Dá-lhe, Malagueta! Corre por dentro do homem, velho!

O velho ganhava impulso, fazia uns pontos, tacada boa, espetava em seguida, sua especialidade, largava situação péssima para o adversário...

— *Manda pras cabeças, velho!*

Era quando Robertinho tomava fôlego, embalava o jogo, embocava uma bola de valor, dava colocação à bola branca...

Malagueta meneava a cabeça, lesou.

— *Deus me livre e guarde...* (Ibidem, p. 219-220, grifos nossos)

Há uma interação tão forte entre os participantes, que a gíria utilizada por eles já se encontra incorporada ao vocabulário de outros jogadores de sinuca. Mesmo que essa linguagem não pareça clara às pessoas não pertencentes a esse grupo específico, pouco, ou nada importa para eles. O que realmente faz diferença é o fato de estar sendo entendido pelo seu meio e não por outras pessoas, já que estão sempre à margem da sociedade.

6.3.3 As expressões populares

As expressões populares perpetuam a sabedoria de um povo. Apesar de fazer parte de uma cultura modesta, essa sabedoria não se desgasta com o tempo. Preti (2004, p. 171) confirma: “O conteúdo das expressões formulaicas é, em geral, de natureza genérica e traz verdades admitidas pela sabedoria popular”.

Várias expressões presentes na narrativa não fazem parte de um vocabulário usual, nem chegam a possuir um código secreto. Porém, mantêm a sua significação por “processos

metafóricos”. Essas expressões utilizadas por João Antônio marcam o papel do falante na interação entre os parceiros de jogo. Elas revelam a visão de um mundo dentro de um contexto social em que vivem as personagens no conto. Destacamos algumas expressões no livro de João Antônio que pesquisamos ao longo da narrativa, as quais fazem sentido somente se inseridas no contexto: “– *tão só na boca de espera, mora. Aqui tudo é lixo*”. (ANTÔNIO, 2009, p. 151, grifo nosso)

A expressão refere-se ao momento da espera por um parceiro de jogo que estivesse à altura.

À noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com *jogos a leite-de-pato*. (Ibidem, p. 157, grifo nosso)

Os participantes jogam apenas por diversão. Eles não jogam a dinheiro. A expressão que poderia ser semelhante a essa é jogos café com leite.

– *não deu pé. Vamos girar.*

Voltaram à Ipiranga, com a mesma febre marcharam. (Ibidem, p. 188, grifo nosso)

O plano foi frustrado. O que havia sido proposto pelos jogadores não deu certo. Então retonaram ao lugar anterior.

– *Tá caindo do cavalo, velho?*

A escada deu-lhes, enfim, o salão. (Ibidem, p. 190, grifo nosso)

A expressão “cair do cavalo” diz respeito ao momento em que Malagueta tropeçou na escada. Devido à fraqueza que ele sentia, até mesmo, pela condição de vida. Ele quase não conseguia se segurar em pé.

– Vem cá, moleque!

Piranha esperava comida. (Ibidem)

Nesse caso, poderíamos usar a seguinte comparação: Assim como piranhas famintas esperam sua presa para saciar a sua fome, também o jogador, ansioso por derrotar o seu adversário, espera o seu parceiro.

Mas o tempo custava a marchar. (ANTÔNIO, 2009, p. 192, grifo nosso)

Eles tinham a impressão de que o tempo estaria passando mais devagar, naquele instante de pressão psicológica.

– *Cadê o tutu, moleque?* (*Ibidem*, p. 147, grifo nosso)

– Onde está o dinheiro?

Diabo. Estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enjeitado. Os dedos se esfregavam com atropelo, a voz não vinha. (*Ibidem*, p. 193, grifo nosso)

O jogador encontrava-se em uma situação muito difícil. Ele estava indefeso, sem proteção. Vulnerável aos ataques do adversário.

De longe, Bacanaço. Uma distância infinita eram aqueles cinco metros os separando. (*Ibidem*, p. 193, grifo nosso)

A situação vivida por Perus era tão constrangedora, que o próprio amigo Bacanaço não conseguia precisar a sensação de querer estar o mais longe possível do adversário, naquele momento.

[...] *Malagueta, Perus e Bacanaço havia escapado por uma asa de barata.* (*Ibidem*, p. 201, grifo nosso)

As três personagens tiveram muita sorte de não estarem presentes no momento em que a polícia aparece para fazer uma revista. Por um curto espaço de tempo, eles saíram ilesos de um possível constrangimento.

Luz da esperança lhe brilhou. (ANTÔNIO, 2009, p. 201, grifo nosso)

Perus, apesar de estar passando por uma adversidade, acreditava que algo poderia mudar aquela situação.

– *Vai pro fogo, velho!* Não paro o jogo perdendo. Vai lá e joga o jogo.

[...]

– *Vai pro fogo, velho!* Tou mandando... (*Ibidem*, p. 220, grifo nosso)

Encontramos, nesse momento do conto, por meio dessa expressão metafórica, o ponto mais forte de toda a narrativa. Essa fusão, entre o jogo de sinuca e o jogo de vida, chega ao seu auge, e reforça a ideia de uma “tacada final”.

6.4 Frases Feitas

As frases feitas utilizadas por João Antônio são caracterizadas pelas marcas linguísticas decorrentes de situações contextualizadas das quais nossos heróis participam.

O palco de atuação dos malandros está definido por uma rica sabedoria popular produzida pelo autor. As frases correspondem a provérbios populares que facilitam a comunicação das personagens.

As frases feitas enriquecem o conto e, algumas vezes, são utilizadas pelo autor como estratégia de aproximação, interação ou, até mesmo, como autodefesa.

Vejam a presença de algumas das muitas expressões encontradas na narrativa de João Antônio (2009):

Um, o martelo; o outro era o cabo. (p. 150)

Sem dinheiro, o maior malandro cai do cavalo. (p. 150)

A sorte não gosta de ver ninguém bem. (p. 150)

Mas o castigo vem a cavalo. (p. 153)

Mas onde há jogo bom, piranha vem morder. (p.157)

[...] quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado. (p. 159)

[...] ali mesmo ele ficava, plantado feito um dois de paus. (p. 166)

Qualquer palavra ganha dignidade na boca da polícia e ninguém ri. (p. 167)

– Botem fé no que digo, qu’eu não sou trouxa não e nessa canoa não viajo. (p. 172)

Não nasci aqui, eu sou do mundo. (p. 173)

[...] jogo acabado, quem comeu regalo-se, quem não comeu estrepou-se. (p. 174)

[...] um comeria o outro pela perna. (p. 177)

Da miúda saía para a graúda e ia se bater lá na sinuca. (p. 179)

Mas a maré não mandava um azar sozinho. (p. 180)

“sinuca de carne frita é falta de adversário!” (p. 189)

As personagens do conto fazem uso constante do que Preti chama de “expressões formulaicas”, principalmente por terem um vocabulário escasso. Notamos que nossos heróis enfrentam situações difíceis e que precisam resistir firmes nos seus propósitos, ou na falta deles. Mesmo diante da mais humilhante situação, eles não podem demonstrar fraqueza. Então, a única forma de passar por esse contratempo, sem maiores consequências, é “não dar o braço a torcer”, ou seja, não cair em cilada armada pelo adversário:

Malagueta ganhou forças, começou a parolagem.

– Tem nada não. Esta partida acaba e eu caio fora, me espianto. Não nasci aqui, eu sou do mundo.

Esperou o efeito – veio o silêncio. Então, abusou:

– E se vacilar comigo eu vou lá e ainda ganho esta rodada e tchau. Me espianto.

Bacanaço secundou o disfarce, veio se chegando para Lima.

Velho, o jogo é jogado. Calhou. O menino é um atirador e está com a mala de sorte – sua palavra valia, que vinha de fora, como torcedor. – O menino emboca, emboca, manda tudo pras cabeceiras. Inspiração. Se daqui a pouco ele tropica: fica torto, tortinho.

[...]

Como pôde largar aqueles dois crocodilos? Havia muito que não levava porrada igual. E o pior... jogo acabado, quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se. E não flagrara. Murmurou entre os dentes:

- Cadelo! (*Ibidem*, p. 173-174)

Podemos notar a figura brutal do adversário diante dessa frase: “quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se”. A força de expressão contida na frase demonstra o quanto é agressivo o convívio, ou o dia a dia dos jogadores. Eles não se importam com adversário, cada um que resolva os seus próprios problemas. Aquele que for mais forte leva vantagem.

Em outra situação conversacional empregada como estratégia de interação notamos que Malagueta é o que mais utiliza as frases feitas em suas conversas. Por se tratar de uma pessoa mais vivida, ele traz uma sabedoria que só se conquista com o tempo:

Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas tiras escuras de pano.

Bacanaço lhe buliu:

- Quer jogo, parceiro velho?

O velho se escapuliu, foi procurar o último banco do salão, o seu lugar, e sentou. Era um velho acordado e gostava de explicações. Dali tudo via, pernas cruzadas, na dissimulada, como quem não visse nada. E ali embiocado não o enxergavam bem.

Bacanaço e Perus lhe voltaram.

- Está a jogo ou a recreio, meu?

Malagueta os olhava. Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófias. Perus no acompanhamento, feito um dois de paus. ‘É’, pensou, *‘quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado’*. E soltou para si o risinho canalha com que os malandros entendem, reconhecem. Risinho meio parado, metade na boca, metade nos olhos. Pela charla que diziam e pela manha com que vinham... Ali não havia dinheiro.

Então, o velho se levantou, gingou nos seus sapatos furados e piscou o olho raiado de sangue. (Ibidem, p. 159, grifo nosso)

Malagueta talvez seja a personagem mais miserável de todo o conto de João Antônio. Sua imagem é o retrato de um mundo pobre e decadente no qual fazem parte também Bacanaço e Perus. Porém, estes são apresentados, pelo autor, com certa elegância. Somente Malagueta é a representação fiel, resultado de uma sociedade dura e exclusivista.

A frase feita também pode ser utilizada como um recurso linguístico para mostrar a interação entre os amigos. Observamos essa interação na fala dos parceiros da sinuca:

Três mil em notas miúdas. Perus esticou no pano verde, mãos tremiam, desamassavam, retiravam notas da caçapa.

Lima, mordido, mordidinho. Os olhos iam por baixo. Como pôde largar aqueles dois crocodilos? Havia muito que não levava porrada igual. E o pior... jogo acabado, quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se. E não os flagara. Murmurou entre os dentes :

– Cadelos!

A mão de Perus puxou o zíper do blusão de couro e o menino marchou. Malagueta caminhou, foi ganhando a rua.

Boas meus.

Do lado de lá da rua, quase em cima dos trilhos do bonde, o carro freou e os apanhou. Bacanaço meteu-se no banco dianteiro. Contou, demorou, distribuiu. O cigarro na boca se mexeu:

– Que é meu – e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos, era a parcela do patrão.

O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois. (ANTÔNIO, 2009, p. 174)

Mesmo os três amigos não dispendo de um nível elevado de instrução, a frase feita “jogo acabado, quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se” mostrou como era forte a interação entre eles. Notamos que o recado foi dado somente entre dentes e, mesmo assim, houve total anuência por parte dos demais parceiros do jogo. Isso é comprovado, logo a seguir, quando eles entram no carro e dividem o dinheiro que foi conquistado no jogo. Mesmo Bacanaço tendo ficado com a maior porção, não houve desavenças.

Ao utilizar a frase feita, dentro do contexto do jogo de sinuca, Bacanaço não precisou dizer muito para ser compreendido pelos parceiros. Isso comprova o fato de que houve uma aceitação pelo grupo.

Notamos que, em outro momento de interação, Bacanaço faz uso das frases feitas, utilizando como estratégia para se livrar da culpa de serem mal sucedidos naquele jogo.

[...] A perturbação que o menino sofria era muito comprida, larga e pesada. Uma purgação do capeta. Em que buraco caíra o coitado... E estava apagado, apagadinho, não falava um a. *Chumbado no chão feito poste de iluminação. Silveirinha? Um cadelo. Esperava um gesto só de Bacanaço e já partiria e desempenharia seu papel e iria apanhar ou surrar muito...*

Estes outros pensamentos, entretanto, esbarraram com uma realidade e se esfriaram depressinha.

O que viria depois do arranca-rabo? Baixou os olhos, *um vagabundo era um vagal e só*. Aquilo, aquilo sempre – *vadio é o que fica debaixo da sola do sapato da polícia*. O velho se fechou: doía mas Malagueta se trancou. Com as mãos e com a cabeça pediu a Bacanaço. Ajeitasse.

O malandro é gente minha – sorriu, maneiro, mas pedia que falava. – Podemos conversar, chefe?

- De boas falas é que eu gosto, Bacana. Por isso lhe considero – abriu-se no riso gozoso. – Você é meu ‘Bacana’...

Faziam uns olhos ruins, satisfeitos. Os safados rendiam-se. Mostravam-se agora – eram parceiros, vadios e associados, com Bacanaço à chefia. Carregavam dinheiro.

Bacanaço fez o sinal, mostrou a escada aos companheiros.

- Desguiando. Se raspando.

Os dois desceram, desenxabidos, esbarrando nas coisas, pernas bambas. As orelhas pelavam. Foram esperar no largo.

[...]

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu, um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam. (Ibidem, p. 195-197, grifos nossos)

As frases feitas presentes nesse trecho da obra, revelam que existe algo a mais entre os amigos, algo que está além da parceria do jogo. Tanto Bacanaço quanto Malagueta sofrem ao ver Perus sendo humilhado pelo policial Silveirinha. Essa aflição aumenta, ainda mais, pelo fato de não conseguirem reagir diante daquela humilhação à qual Perus estava sendo exposto.

Outro fato curioso encontrado em vários momentos do conto, diz respeito à expressão utilizada pelas personagens: “– Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou está a passeio?”. Percebemos que essa expressão é muito usada pelos jogadores de sinuca e podemos classificá-la como estratégia de aproximação.

Além de utilizarem essa expressão, também notamos que a resposta dada pelo parceiro que, naquele momento, se encontrava impossibilitado, talvez por falta de dinheiro, é sempre a mesma: “[...] Tou quebrado...”. Essa resposta, mesmo sendo negativa, demonstra cordialidade para com o parceiro e justifica o fato de não poder atender ao convite.

Há outra situação, no conto, em que nos deparamos com a seguinte expressão popular: “feito um dois de paus”. Esta frase feita, utilizada por João Antônio, diz respeito ao momento em que Perus e Bacanaço encontram-se com Malagueta. O menino Perus não esboça

nenhuma reação. Não que houvesse, nesse episódio, algum motivo aparente que o paralisasse. Porém, essa é uma característica desse personagem.

6.4.1 Frase feita – Forma de proteção e autodefesa por meio da fé

Em vários momentos da narrativa, deparamo-nos com nossos heróis atribuindo a alguém a culpa por algum malfeito que estivesse acontecendo ou mandando alguém para o inferno como forma de uma punição. É muito comum encontrarmos pessoas de classes menos favorecidas apoiarem-se em suas crenças devido às dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Em um momento de descontração entre amigos, lembrando-se de um caso passado, notamos na conversa, a presença da frase feita. Nessa situação conversacional há a utilização de uma expressão cristalizada que nos leva a recordações de outros provérbios em que há semelhança semântica:

Duma feita se aquietaram, já não querendo mais nada. Suados, procuraram o banco lateral, ajeitaram-se de pernas abertas, jogar palitinhos, contar façanha ou casos com nomes de parceiros, conluíus, atrapalhadas, tramoias, brigas, fugas, prisões... Lembraram Sorocabana.

Ali, naquele salão enorme, não fazia uma semana.

O salão era na Lapa [...]. Não fazia uma semana, naquela boca do inferno apareceu Sorocabana, largando ali, numa semana, pouco mais de vinte contos. Quem ganhou foi Bacalau, com aquele seu jeito de sonso [...]. Deu açúcar ao freguês e ele veio depressinha. Então Bacalau mordeu. Comia o homem, comendo de gosto. Quando a semana findou, o malandro fingiu dó e aplicou a dissimulada – deu uma estia de cinco conto a Sorocabana. [...] É que Sorocabana, trouxa, coió-sem-sorte, andava esbagaçando um salário-prêmio recebido pelos vinte anos de trabalho efetivo na lida brava da estrada de ferro. Sim, casado, três filhos, um homem de vida brava. Um inveterado, um pixote se metendo a gente, um cavalo-de-teta. E Bacalau perguntava-se: ‘Para que trouxa quer dinheiro?’. Bacalau adoçou-o mais. [...]

Sorocabana, coitado. Ficava na beirada da mesa, atrapalhando-se com o cigarro, tirando as bolas, falando sozinho.

Mas o castigo vem a cavalo.

Bacalau quis ser mais malandro que a própria malandragem e isto o perdeu [...] (ANTÔNIO, 2009, p. 152, grifo nosso)

“Mas o castigo vem a cavalo”: nessa expressão muito utilizada, principalmente pelas pessoas mais vividas, é atribuído um juízo de valor que faz parte da sabedoria popular. Há um sentimento de vingança camuflada que vem de uma sociedade vingativa, que não perdoa: “aqui se faz, aqui se paga”. É possível que ocorra o fato de que a vítima seja impossibilitada de fazer justiça com suas próprias mãos, ou seja, não tem como se vingar do “agressor”. Então, como forma de autodefesa, ela apega-se a sua crença para se sentir mais aliviada, pois, ela acredita que “o feitiço vira contra o feiticeiro”, e que “a justiça tarda, mas não falha”.

Em outra situação de interação, há um fato complicado vivido pelos nossos heróis, contrapondo-se a um dito popular: “Deus não se envolve em jogo”. Encontramos Malagueta benzendo-se para se certificar se teria solução para a sua falta de sorte:

Diante daqueles começos de tacadas longas, Malagueta se apavorava, Bacanaço se punha atento, Perus mais amuado. O velho não conseguia prender aquele suspiro comprido. O jogo não estava prestando...

[...]

Duma surtida do malandro, Malagueta não aguentou, *fez careta e se benzeu*:

– Osso quebrado, nervo torcido, carne rendida, assim mesmo eu te cozo. Sai de mim, azar do capeta.

Robertinho só sorriu:

– Não é nada não, meu parceiro.

[...]

– Dá-lhe, Malagueta! Corre por dentro do homem, velho!

O velho ganhava impulso, fazia uns pontos, tacada boa, espetava em seguida, sua especialidade, largava situação péssima para o adversário...

– Manda pras cabeças, velho!

Era quando Robertinho tomava fôlego, embalava o jogo, embocava uma bola de valor, dava colocação à bola branca...

Malagueta meneava a cabeça, lesou.

– *Deus me livre e guarde*. (ANTÔNIO, 2009, p. 218-219, grifo nosso)

Nesse instante da narrativa, podemos observar um momento de pânico: “– Deus me livre e guarde”, proveniente, também, da sabedoria popular. Essa súplica feita por Malagueta leva-nos a crer que ele se encontrava no ápice do desespero. Pois, ao que tudo indica, todas as suas opções de estratégia do jogo já se haviam esgotado. Malagueta não tinha mais onde se

segurar. Ele iria “cair no precipício” de qualquer jeito. Dessa forma, era preferível apegar-se a sua crença, já que, naquele momento, ele não tinha para onde correr.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, pôde ser constatado, por meio das estratégias conversacionais e das marcas de interações linguísticas que foram destacadas e analisadas durante a pesquisa, que a própria língua é capaz de criar o lugar para se construir uma identidade social. Esse lugar criado pela língua é onde as pessoas adquirem liberdade. Malagueta, Perus e Bacanaço nos ensinaram, por meio da cumplicidade que havia entre eles, o valor da interação. Mesmo com um diálogo escasso ou, até mesmo, com a ausência dele, pudemos perceber a liberdade e a ligação que um tinha um com o outro. Dessa forma, acabava acontecendo a comunicação. Ainda que, nossos heróis não assumissem nenhuma posição social privilegiada junto à comunidade, a própria ligação entre os membros do grupo fazia com que tivessem seu real valor quanto indivíduo na sociedade.

No que se refere à base teórica, recorreremos à sociolinguística interacional, à análise da conversação e à análise do discurso. Utilizamos como *corpus* de análise o livro de João Antônio com a obra “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Dentro dessa perspectiva teórica, compreendemos que para haver comunicação é necessário que haja uma interação linguística e apesar de não encontrarmos no conto um diálogo muito bem elaborado, notamos uma perfeita harmonia por parte dos amigos Malagueta, Perus e Bacanaço.

Percebemos que o autor procurou encurtar a distância entre a linguagem oral e a linguagem escrita de forma que o vocabulário tornou-se escasso. Porém, ele optou por esse recurso como tática para mostrar a posição que algumas pessoas assumem diante da sociedade. Essa escassez também serviu para que o silêncio cumprisse bem o seu papel. Trouxe uma reflexão sobre o fato de que, às vezes, a ausência de palavras tem o poder de dizer tudo.

Pudemos notar, também, que a compreensão das gírias, apesar de serem específicas do grupo e as palavras fugirem do usual, foi possível devido ao contexto em que o grupo estava inserido. Notamos que a gíria foi utilizada por eles como forma de interação entre amigos, mas indignação contra aqueles que não fazem parte do seu meio. Mesmo que a sociedade não apresentasse ameaças aparentes aos companheiros de jogo. O simples fato de eles pertencerem a um grupo marginalizado já era motivo para autodefesa e preservação da face contra valores de uma sociedade exclusivista.

O autor usou o cômico como forma de manifestar sua indignação contra tiranias, explorações, poder e muitas outras mazelas da sociedade. As estratégias conversacionais utilizadas pelo autor serviram, então, para que pudéssemos conhecer por meio da ficção, a realidade de um grupo que viveu às margens da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÔNIO, J.. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BECHARA, E. C.. *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BERGSON, H.. *O riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BORTONI - RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: A sociologia na sala de aula*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.
- BRAIT, B.. Elocução formal: o dinamismo da oralidade e as formalidades da escrita. In PRETI, D. (Org.) *Estudos de língua falada: Variações e confrontos*. 2 ed.. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BURKE, P. *A arte da conversação*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- CADERNO DO PROFESSOR: Língua Portuguesa, Ensino Médio – 1ª. série, volume 3/ Fini, Maria Inês. II. São Paulo (Estado) Secretaria da Educação, 2009.
- CEDAP. Acervo João Antônio. Disponível em: http://www.cedap.assis.unesp.br/acervo_joao_antonio/Acervo.htm. Acesso em 15 de agosto de 2013
- CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C.. *Português Linguagem*. 7 ed.. São Paulo: Saraiva, 2010.
- COUTINHO, A.. *Introdução à Literatura no Brasil*. 10 ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1980.
- COSAC NAIF (Blog). João Antônio. Disponível em: <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=joao-antonio>, acesso em 15 de agosto de 2013.
- DIAS, A. R.. *O discurso da violência – As marcas da oralidade no jornalismo popular*. Apresentação PRETI, D. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva e DANTAS FILHO, José. *A República Bossa-Nova: A democracia populista (1954 - 1964)*. 12 ed. São Paulo: Atual, 1991.
- DUCROT, Oswald.. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer* Trad. de Carlos Vogt et. al. São Paulo: Cultrix, 1972.
- FARIA, R. d., MARQUES, A. M., & BERUTTI, F. C.. *História*. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1989.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUIMARÃES, Elisa. Variações da linguagem em função da relevância do ethos no discurso. In PRETI, Dino (org.) *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

INFOESCOLA. *História. Governo de João Goulart-Jango*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/governo-de-joao-goulart-jango/>. (s.d.). Acesso em agosto de 2013, disponível em <http://www.infoescola.com/historia/governo-de-joao-goulart-jango/>.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6 ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A.. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

NICOLA, J. D.. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. 13 ed. São Paulo: Scipione, 1996.

ORLANDI, E. P.. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.

PEDRO, L. C.. *Língua e Liberdade*. São Paulo, São Paulo: Ática, 1994.

POSSENTI, S.. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

PRETI, Dino. *Sociolinguística os níveis da fala*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984.

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____(org.). *variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

PROPOSTA CURRICULAR – Ensino Médio / Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) – CENP – SEESP, 1981-1997.

PROPP, V.. *Comichidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo, SP: Ática, 1992.

SÁ, J. d.. *A crônica*. Série Princípios. 6 ed.. São Paulo: Ática, 2005.

UNESP. Acervo João Antônio. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/joaoantonio/bio.html>. (s.d.). Acesso em agosto de 2013, disponível em www2.assis.unesp.br/joaoantonio/bio.html.

ANEXOS

ANEXO 1 - Imagens

Alguns dos anexos aqui expostos fazem parte do arquivo pessoal da família de João Antônio (1937-1996), que foram cedidos por dez anos ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP desde 1998.



João

Antônio

[um bacanaço]

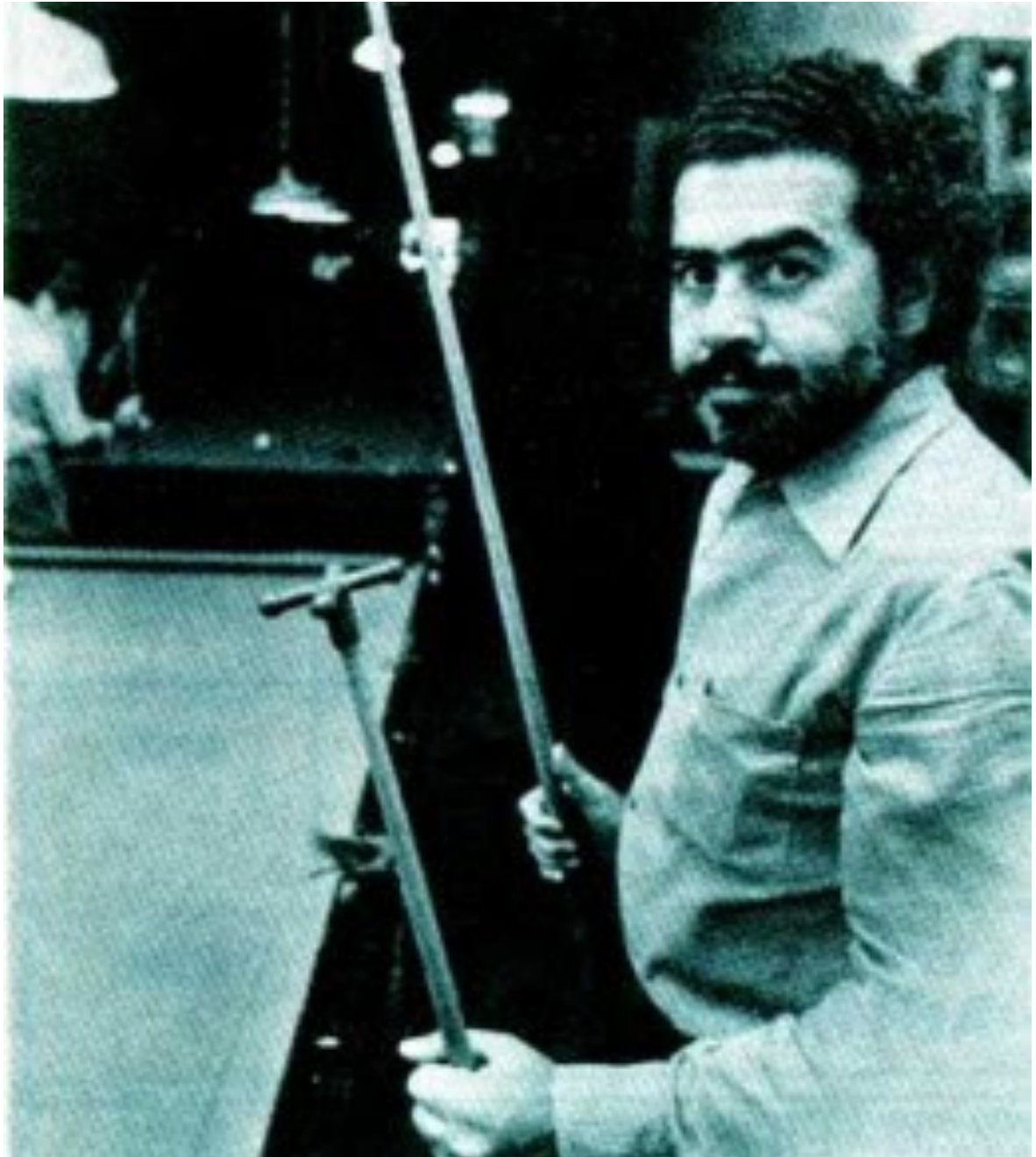
Dentro da lei, eu
 não saio de casa.

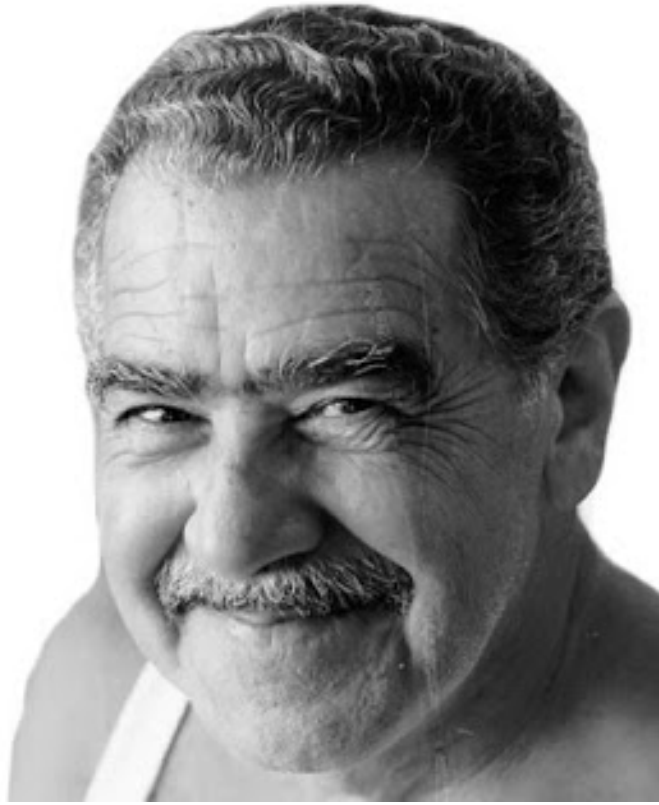
(ousado num boteco
 da Paula Freitas e/
 R. Bento Ribeiro)

Mijar na rua é um
 ato de humildade
 Sanguinetti Jr.

Rua	Telefone	Anotações
malandrinha		
malandrinha = falso malandro //		
malha = picardia, malandragem; desconfiança		
malandra = tudo o q se passa na malandragem leve; itera da malandragem; o nome que denota		
maço = natureza, de má qualidade; ^{de} desatual		
maçudo = o mesmo que maço		
maçucagem = qualidade de quem é maço		
massa = o mundo popular, em Belo Horizonte é a torcida de futebol mais popular da cidade, = <u>atletismo</u>		
massico = sério		
morder = tomar dinheiro X		
moedor = o malandro q toma dinheiro // X		
marcar = adequar bem a com propriedade; <u>proceder</u> X		
mala = dinheiro em grande quantidade		









ANEXO 2 – CORPUS

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO – Conto de João Antônio

PREFÁCIO de Antonio Cândido de Mello e Souza

P. 5

Na noite enxovalhada¹

Antonio Cândido

Antigamente os professores de ginásio ensinavam a escrever mandando fazer composições que puxavam insensivelmente para a grandiloquência, o preciosismo ou a banalidade: descrever uma floresta, uma tempestade, o estouro da boiada; comentar os males causados pelo fumo, o jogo, a bebida; dizer o que pensa da pátria, da guerra, da bandeira. Bem ou mal, íamos aprendendo, sobretudo porque naquela época os professores ainda tinham tempo para corrigir os exercícios escritos (o meu chegava a devolver os nossos com igual número de páginas de observações e comentários a tinta vermelha; que Deus o tenha no céu dos bons gramáticos). Mas o efeito podia ser duvidoso. Lembre-se por afinidade o começo de S. Bernardo, de Graciliano

P. 6

Ramos. Paulo Honório quer contar a própria vida, mas, sendo um homem sem instrução, imagina um método prático: contaria os fatos ao jornalista local e este redigiria.

“O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator d’ *O Cruzeiro* apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguiei: — Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale desta forma!”

¹ Texto originalmente publicado por ocasião da morte do escritor, em outubro de 1996, sob o título “Ficcionista é ‘um verdadeiro descobridor’”. O Estado de São Paulo, ano xvii, nº 844, 9 nov. 1996. Suplemento Cultura, p. II. Republicado como “Na noite enxovalhada”, in Antonio Arnoni Prado, Maria Eugenia Boaventura e Orna Messer Levin (orgs.). João Antônio: Remate de males, n. T9. (Campinas: IEL/UNICAMP, 1999) p. 83-88.

O jornalista observa então que “um artista não pode escrever como fala”, e ante o espanto de Paulo Honório, explica:

Foi assim que sempre se fez. A literatura é literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.”

Então Paulo Honório põe mãos à obra do seu jeito, “escreve como fala” e resulta *S. Bernardo*.

Por isso, talvez seja melhor adotar o ponto de vista do escritor norte-americano O. Henry. Não me lembro onde li que um rapaz lhe perguntou o que devia fazer para se tornar um escritor, esperando provavelmente de volta o conselho clássico do temporal, do mar bravio, da batalha. Mas O. Henry lhe disse apenas o seguinte: “Descreva uma galinha atravessando um pátio; se conseguir, será um escritor”.

Pensei nessas coisas relendo esta coletânea de João Antônio e refletindo sobre a sua capacidade de criar linguagem a partir

P.7

da que se fala no dia-a-dia. Mas antes de tratar disso, pensemos também na estrutura do livro. Há nele certo ritmo, uma espécie de crescendo, que serve para iniciar progressivamente o leitor nas camadas essenciais de sua visão e da sua escrita, ao longo de três blocos, constituídos por três tipos diferentes de contos, todos eles valiosos e interessantes, mas em graus diferentes de qualidade. Os do primeiro são em número de três, qualificados de “gerais” pelo autor, sem ligação um com o outro. Os do segundo são dois, referidos ao tema do serviço militar. No terceiro há quatro, em torno do submundo, sendo dois curtos, como os anteriores, um outro maior, enquanto o último, que coroa a coletânea em todos os sentidos, ocupa a terça parte do livro. O ritmo indicado faz o leitor aproximar-se aos poucos do que João Antônio oferece de mais significativo, à medida que vai passando das histórias fáceis para as mais complexas.

Sob as diferenças que as individualizam existe, é claro, um tecido que constitui a tonalidade geral. Nele, podemos distinguir, por exemplo, a ausência completa de sentimentalismo, quer se trate de amor, da rotina dos quartéis, da miudeza de cada dia, da malandragem. Esta característica é devida a uma espécie de neutralidade estratégica, que dá destaque ao real, sobretudo porque os contos são escritos numa prosa dura, reduzida às frases mínimas, rejeitando qualquer “elegância” e, por isso mesmo, adequada para representar a força da vida.

Mas não se pode dizer que João Antônio escreva como fala (mesmo porque nos seus ensaios e artigos a coisa é outra),

P.8

embora se possa dizer que elaborou uma voz narrativa manipulando da maneira mais fiel possível a comunicação oral. Ninguém fala como escreve, pontifica o jornalista Araújo Gondim em *S. Bernardo*. Justamente por isso é interessante verificar como na prosa ficcional de João Antônio os valores da oralidade (requeridos pelos assuntos) são transmutados em estilo, inclusive graças a uma parcimônia seletiva por vezes próxima da elipse, denotando consciência das possibilidades que o implícito possui para dar ao explícito todo o seu vigor humano e artístico. Ao lado disso, há nela uma coragem tranquila de elaborar a irregularidade, aceitando os caprichos da conversa, as hesitações, as repetições, as violações do “bom gosto” convencional, que contradizem os manuais de escrever bem, mas aumentam o alcance da expressão, porque a aproximam da naturalidade. E aqui, tratando-se de João Antônio, é quase inevitável evocar Lima Barreto, um de seus prediletos, inclusive pela capacidade de desmistificação e a coragem de remar contra a maré. Lima Barreto, num momento de apogeu da mentalidade acadêmica e da mania de purismo gramatical, destoou graças à livre simplicidade da sua escrita. Embora produzindo numa era bem mais desafogada, João Antônio assume a mesma força da afirmação pela negação, inclusive negação das convenções estilísticas, pois não hesita em escrever de um modo que, embora gramaticalmente correto, irritaria profundamente o lápis vermelho dos censores vernaculistas. Veja-se, por exemplo, no conto final do livro:

P.9

“Cada um tem a sua bola numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro. Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que, tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomençar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d’Arc o jogo triste da vida”.

Passando por cima das normas, João Antônio repetiu neste trecho palavras à vontade, acolheu as assonâncias, inclusive explorando a homofonia (“bola”, “bolo”) ou a polissemia (“vida”, “vida”), com uma astúcia que tem ar de desalinho. Deste modo, viola o bom-tom mas cria uma trepidação expressiva que se ajusta à situação narrada. A fala se torna, portanto,

estilo, elaboração que, apesar da aparência, tira a palavra da sua função meramente comunicativa e a traz para dentro da literatura.

Recapitulando: ritmo de solavanco nas frases mínimas, naturalidade elaborada da linguagem coloquial na sequência, emprego eficiente do subentendido - conferem à prosa narrativa de João Antônio uma energia que vai aos poucos cativando o leitor, sobretudo porque neste livro, como ficou dito, as histórias são arrançadas de maneira a passarmos das mais singelas e por vezes anedóticas do primeiro bloco para a riqueza das duas últimas: “Meninão do Caixote” e, sobretudo, “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

Esses dois últimos contos (como outros de João Antônio) têm a marca daquelas realizações literárias que, a fim de representar o

P. 10

real de maneira convincente, conseguem criar um mundo próprio, até certo ponto “fechado”, como se tivesse leis próprias que nos fazem sentir raptados do nosso, para viver nele durante o tempo da leitura e, mais tarde, revivê-lo na memória. Neles, a narrativa de João Antônio nos joga no universo noturno de São Paulo. Mas de um certo São Paulo, construído ao redor de alguns marginais moídos pela vida, procurando um jeito de sobreviver por meio da trapaça, da esperteza ou da brutalidade. Nesses dois contos, mas sobretudo no último, excepcionalmente poderoso, tudo se articula para criar um mundo onde tomamos conhecimento de novas dimensões da vida, como se o autor quisesse nos iniciar na esfera dos excluídos, que procuram contornar a miséria usando esse sucedâneo patético do trabalho que são as artes da malandragem. E tudo vai se organizando para nos encerrar na atmosfera própria do conto: a iluminação soturna das ruas, os bondes rumorosos, a magia das mesas de bilhar, a movimentação no espaço onde o vício se acomoda e a sobrevivência depende de uma lei espúria do mais apto. No caso, do mais apto em sinuca, em torno da qual se desenham uma técnica, uma ética e até uma estética, formando um modo de existir que é principalmente um modo de subsistir. Os três parceiros Malagueta, Perus e Bacanaço representam um tipo de vida graças ao qual o escritor transfigura a noite paulistana e, invertendo os sinais, faz da transgressão um instrumento que nos humaniza.

Prolongando a tradição estilística que remonta a Émile Zola, João Antônio inventou uma espécie de uniformização da

P. 11

escrita, de tal maneira que tanto o narrador quanto os personagens, ou seja, tanto os momentos

de estilo indireto quanto os de estilo direto, parecem brotar juntos da mesma fonte. Aqui não há, com efeito, um narrador culto que reserva para si o privilégio da linguagem de outra esfera através da imitação de sua linguagem irregular, que serve para manter a distância. Longe disso, narrador e personagem se fundem, nos seus contos, pela unificação do estilo, que forma um lençol homogêneo e com isso define o mundo próprio a que aludi. Não se trata, portanto, de mais um autor que usa como pitoresco, como coisa exterior a si próprio, a fala peculiar dos incultos. Trata-se de um narrador culto que usa a sua cultura para diminuir as distâncias, irmanando a sua voz à dos marginais que povoam a noite cheia de angústia e transgressão, numa cidade documentariamente real, e que no entanto ganha uma segunda natureza no reino da transfiguração criadora.

Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada. Isso é possível quando o escritor, como João Antônio, sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginaliza, pois ele faz com que existam, acima de sua triste realidade. Nos contos deste livro, mas sobretudo nos finais, ele é um verdadeiro descobridor, ao desvendar o drama dos deserdados que fervilham no submundo; dos que vivem

P. 12

a força da sua arte ao nível da nossa consciência, isto é, a consciência dos que estão do lado favorável, o lado dos que excluem. Sob este aspecto, João Antônio faz para as esferas malditas da sociedade urbana o que Guimarães Rosa fez para o mundo do sertão, isto é, elabora uma linguagem que parece brotar espontaneamente do meio em que é usada, mas na verdade se torna língua geral dos homens, por ser fruto de uma estilização eficiente.

No conto final a narrativa é particularmente áspera, magra, entrecortada, criando desde logo o sentimento de que estamos presentes na ação, enquanto a noite escoar, vem a madrugada, a manhã rompe e os projetos dos três malandros fracassam de maneira pungente. Pela força da escrita, o peso humano e a coragem de mostrar as entranhas da cidade, este conto pode ser considerado um dos mais altos da nossa literatura contemporânea, ao representar com tanta maestria “o jogo triste da vida”.

P. 13

Sobre o meu nome se poderão ouvir as melhores e as piores coisas. Jamais acreditem. Uns costumam dizer — “Não presta”. Outros — “E uma boa pessoa”. Ainda há aqueles que dizem que escrevo bem. Estejam tranquilos, que esses três tipos são inofensivos como passarinhos. Apenas boa gente que fala demais. Agora, há um grupo que se expressa - “E um belo rapaz”. Quanto a esses eu lhes recomendo à boca pequena — “Muito cuidado!”. Ali estão os que fazem elogio tontamente e traição cruamente.

Para começo direi que temo o julgamento desta conversa deste aqui. Provavelmente, dirão que estou fazendo pose e armando uma presepada bruta para entretê-los e, o meu livro aparecido, encontre nas prosas moles aqui expostas um veículo que os levará às livrarias.

Seria porco da parte deste aqui. E, em literatura, ainda jogo o jogo limpo, tenho me aguentado na posição que adotei. Escrever

P. 14

é um ato de coragem e humildade. Não estou, pois, para truques.

Malagueta, Perus e Bacanaço é a minha coletânea de contos a qual a União Brasileira de Escritores deu o prêmio Fábio Prado, a Câmara Brasileira do Livro deu dois prêmios Jabutis (Revelação de Autor e Melhor Livro de Contos do Ano) e que o editor Enio Silveira, da Civilização Brasileira, publica este ano. Livro de estreia. Estava pronto em 12 de agosto de 1960, data em que veio um incêndio, queimou minha casa, lambeu tudo. Fiquei sem roupas, sem casa, sem livro.

Naquela casa, naquele meu quarto, eu trazia guardadas as coisas que me acompanhavam desde os cinco anos de idade. Eu não escrevia em outro lugar que não fosse o meu quarto porque fora dele eu não sabia escrever. A vida foi me dando porradas, me dando, até que aprendi a escrever em qualquer canto. Sem precisar de casa ou de quarto. Qualquer boteco é lugar para escrever quando se carrega a gana de transmitir. Gana é um fato sério que dá convicção.

Poderia falar de todos os contos do livro. Citar que quase todos ganharam prêmios aqui e ali, além. Cada um tem sua história. Prefiro a de um.

“Malagueta, Perus e Bacanaço” é o último do livro e conta as andanças aluadas e cinzentas de três vagabundos, malandros, viradores numa noite paulistana. Quebrados, quebradinhos, sem eira nem beira, partem da Lapa. Há esperança. Arrumariam dinheiro, virariam a cidade. Andam, jogam, caem, levantam, reviram subúrbios, de novo tropicam, ganham, perdem, desforram. Lapa, Água

P. 15

Branca, Barra Funda, Cidade, Pinheiros, Lapa. Como terminam é como terminam. Murchos, sonados, pedindo três cafés fiados.

No trajeto comprido da noite e da madrugada eu os sofro e sofro a cidade. Vou contando nas quarenta páginas, conduzindo-os e explicando-os nas marchas em que vão. Porque vão em muitos ritmos de marcha. O que se passa com eles e dentro deles, o que se passa na cidade é o que este aqui quis contar.

Um velho, um rapazola, um rufião maduro são os respectivos Malagueta, Perus e Bacanaço. Uni-los e conluiá-los foi armar a façanha diária de muitos malandros dos muitos lados de São Paulo. Não é uma aventura especial, épica, o que enganosamente poderá aparentar. E o cotidiano da malandragem cinzenta de sinuca e suas decorrências. Mexem-se proxenetas, prostitutas, surrupiadores de carteira, carros de polícia, vadios, homossexuais, donos de botecos, operários, esmoleiros... Ambientes do joguinho. Até Carne Frita aparece, espécie de rei, maior taco do Brasil, figura verídica. Utilizo linguagem deles, jeitos, códigos, vou até a sintaxe malandra. Gíria. Gíria é bom para espíritos intensos, de vulcânica agitação e sublime vibração. Devo advertir que os fiz amorosamente e certos exageros há, é claro. Vejam, a dedicatória é para Carne Frita e a epígrafe é uma definição de Bola Livre, um vagabundo da Lapa-de-Baixo.

Tudo o que tenho feito em minha vida apenas tem me dado noções da minha precariedade. Um sentimento de falência, certo nojo pela condição dos homens e até ternura, às vezes; quase sempre — pena.

P. 16

Mesmo nas etapas das quais saio vitorioso, nunca se afasta o gosto da frustração. Competir para mim é imoral, portanto: profissional, amorosa, familiarmente, meus acontecimentos não têm me preenchido nada. De transitoriedade e de insuficiência têm-me sido essas coisas do amor, da profissão e da família. A verdade é que eu não consigo comunicação. Nem o exterior comigo. Eu não aprendo a aceitar nada pela metade. E é este sentimento de culpa que me fica.

Agarrei-me à literatura aos onze anos.. Neste amor já houve longos espaços de paixão maluca e houve esmorecimentos explicáveis, que eu, com estes meus arrebatamentos só apronto confusão. E levo tanta aflição por dentro.

Mas é o amor de sempre. E vou caprichando que, afinal, a literatura é a minha única terapêutica.

A alquimia literária me esgota. Qualquer página me custa, a mim, que para outras redações tenho facilidade. Escrever é outra dimensão e é a única comunicação de verdade com o mundo, porque falando com pessoas eu não me consigo transmitir. E quando tento...

Para reescrever *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* empreguei quase dois anos, que não tinha quarto e quase nem casa. Rodei pensões, bibliotecas, apartamentos de amigos, quartos mesquinhos de hotel; enquanto, durante o dia, trabalhava em escritórios de mil coisas para remendar dívidas e empenhos familiares. Aproveitei intervalos, sacrifiquei domingos, mandei amigos andarem, desertei de muitas coisas. Gramei sobre o papel, o livro veio vindo, vindo e está aí.

P. 17

Mas tenho esperanças. Tenho levado castigos mas tenho esperanças. Um malandro, meu amigo, dizia:

- A gente cai, a gente levanta, na queda já se aprendeu. Pode ser que lá na esquina a gente dê sorte.

Parece-me que tenho uma das mais puras bossas para a malandragem, entre as muitas que vi. Mas nunca vi ninguém com tanta vocação de otário.

Logo, minha vida é um trapézio. Mas a minha responsabilidade é grande - eu não tenho rede que amenize as quedas.

Para mim, certas fugas não valem. Os porres resolvem o problema do dono do bar. E certos vícios, com autenticidade, são até virtude.

Não declinarei número de sapato, nem de colarinho, peso e derivantes porque realmente não sei.

Não quero detalhar minhas amizadas malandras, que isto não é novela. E tem mais duas propriedades — não sou besta e nem delator. Mas foi lá. Nas beiradas das estações, nos salões do joguinho, nos goles dos botecos, que vi *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*.

São Paulo, Boca do Lixo, janeiro de 1963.

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO – Conto de João Antônio

P. 149

Lapa

O engraxate batucou na caixa mostrando que era o fim.

Bacanaço se levantou, estirou uma nota ao menino. Os olhos dançaram no brilho dos sapatos, foram para as cortinas verdes.

Vestido de branco, com macio rebolado, Bacanaço se chegou:

- Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou está a passeio?

O menino Perus encolheu-se no blusão de couro. Os dedos de Bacanaço indo, vindo, atiçando. Desafiavam.

- Está a jogo ou a passeio?

Calado. O anelão luzia no dedo do outro e o apequenava, largava-o de olhos baixos, desenxabido. O menino Perus chutou para longe uma ponta de cigarro, arriou no banco lateral. Três dedos enfiaram-se nos cabelos.

- Que nada! Tou quebrado, meu — os dedos voltaram a descansar nos joelhos.

Avistavam-se todas as tardes, acordados há pouco ou apenas mal dormidos. Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não rendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinário, acabavam

P. 150

sócios e partiam. Então, conluiados, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parelha fortíssima, como bárbaros, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompeia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfo por aí, porque todo muquinfo é muquinfo, quando se joga o joguinho e se está com a fome. Negaça, marmelo, trapaça, quando iam os dois. Um, o martelo; o outro era o cabo.

Mas se cumprimentavam aos palavrões. Quando se topavam, por malandragem ou negaça do joguinho, se encaravam. Picardia. E quem não soubesse diria que acabariam se atacando. Um querendo comer o outro pela perna. dizendo desconsiderações.

Chegava-lhes depois um risinho safado empurrando-lhes a gana para bem longe. Já não se estranhavam. Faziam sociedade, canalhas igualmente, catavam juntos as virações nas rodas do joguinho.

Àquela tarde, tinham manha, tinham charla, boquejavam a prosa mole... Mas por umas ou por outras estavam sem capital. Os dois quebrados, quebradinhos. Sem dinheiro, o maior

malandro cai do cavalo e sofredor algum sai do buraco. Esperar maré de sorte? A sorte não gosta de ver ninguém bem.

A curriola parada naquele salão da Lapa. Jogo nenhum. Safados por todos os cantos. Magros, encardidos, amarelo, sonolentos, vagabundos, erradios, viradores. Tanto sono, muita gana, grana pouca ou nenhuma naquela roda de sinuca. A roca fica mais triste sem o jogo. Magros, magros. Pescoços de galinha.

P. 151

Bacanaço abanou a cabeça.

- Tão só na boca de espera, mora. Aqui é tudo lixo.

Então, enquanto otários não surgiam, jogo bom não aparecia e a noite não chegava, Perus e Bacanaço brincaram. Com a boca e com as pernas, indo e vindo e requebrando, se fazendo de difíceis, brincaram. Desconsideradamente, nenhum golpe. As pernas ao de leve se tocavam e se afastavam, não se entrelaçando nunca, que aquilo era brincar.

A curriola veio se encostando.

Atiçou-se o rebolado dos dois corpos magros se relando e Bacanaço vibrou. Aquele menino Perus se mexia, esperteza e marotagem, se esgueirando e escapulindo como um susto. “Vou podar este menino”, considerou Bacanaço.

Do bolso traseiro da calça já veio aberta a navalha.

- Entra, safado.

Perus estatelou, guardou-se no blusão de couro. O antebraço cobriu a cara, os olhos firmaram.

A curriola calada.

Mas Bacanaço sorriu, que aquilo era brincar.

Durão veio pedir, que o dono do bar pedia. Parassem com aquilo, que aquilo não abria futuro, havia navalha, se os tiras aparecessem... Durão, no seu avental encardido e na sua vontade frouxa de ordem, que ajeitava, maneiro. Dessem juízo. O dono do bar pedia.

Bacanaço meteu as mãos no bolso, estirou o beijo. Sacou a mão, o polegar dobrou-se para trás, flechou o balcão:

P. 152

- O *mister* aí da casa não quer batifundo, mora.

E brincaram mais um tanto, que a vontade não passara. Durão fez um barulho com a boca, descoroçoado, se foi com xícaras de café na mão.

Duma feita se aquietaram, já não querendo mais nada. Suados, procuraram o banco lateral, ajeitaram-se de pernas abertas. Jogar palitinho, contar façanha ou casos com nomes de parceiros, conluios, atrapalhadas, tramóias, brigas, fugas, prisões. Lembraram Sorocabana.

Ali, naquele salão enorme, não fazia uma semana.

O salão era na Lapa, era o velho Celestino, treze mesas, jogos bons, parceirinhos coiós. Catava-se ali muito trouxa de subúrbio, motoristas, operários, mascates, homens de sacaria gente da estrada de ferro. Havia parceirões temporários. Bem. Não fazia uma semana, naquela boca do inferno apareceu Sorocabana, largando ali, numa semana, pouco mais de vinte cores. Quem ganhou foi Bacalau, com aquele seu jeito de sonso, na batida velha de quem não quer nada e joga só por jogar. Deu açúcar ao freguês e ele veio depressinha. Então, Bacalau mordeu. Comia o homem, comendo de gosto. Quando a semana findou, o malandro fingiu dó e aplicou a dissimulada — deu uma estia de cinco contos a Sorocabana. Pelo certo, na regra da sinuca, a gratificação de consolo previa apenas três contos e, bem considerando, não chegava nem a três. Dez por cento sobre o perdido é a estia. E Bacalau dando cinco contos... Mas Bacalau era um perigoso e tinha juízo, fintava na charla, mexia os pauzinhos. É

P. 153

que Sorocabana, trouxa, coió-sem-sorte, andava esbagaçando um salário-prêmio recebido pelos vinte anos de trabalho efetivo na lida brava da estrada de ferro. Sim. Casado, três filhos, um homem de vida brava. Um inveterado, um pixote se metendo a gente, um cavalo-de-teta. E Bacalau perguntava-se: “Para que trouxa quer dinheiro?”. Bacalau adoçou-o mais. Continuaram o joguinho e o malandro lhe mordeu os últimos, folgando, devagar, quatro horas de jogo. Por último, dando alarde ao desacato, manejava o taco com uma mão só e dava uma lambujem, um partido de quinze pontos na bola dois. Era escandaloso. Bacalau estava perdendo a linha que todo malandro tem. Não se faz aquilo na sinuca. Vá que se faça dissimulada, trapaça, até furtos de pontos no marcador. Certo, que é tudo malandragem. Mas desrespeitar parceiro, não. A própria curriola se assanhou, desaprovando.

Sorocabana, coitado. Ficava na beirada da mesa, atrapalhando-se com o cigarro, tirando as bolas, falando sozinho.

Mas o castigo vem a cavalo.

Bacalau quis ser mais malandro que a malandragem e isto o perdeu. Pegou a grana, empolou-se num rompante, ganhou a rua. Fala-se que entrou no primeiro restaurante e fartou-se como um lorde. Sozinho. A turma se mordeu, com aquilo a turma se queimou. Malandro ganhar vinte contos, não dar mimo a ninguém, não distribuir as estias! Que malandro era

aquele? Aquilo era um safado precisando de lição. A curriola se enfezou. Era mancada, pouco-caso, era desdenhar, desconsiderar, que diabo! Afinal, quando Bacalau estava com a fome, sabia

P. 154

muito bem pedir e sempre lhe arranjavam algum para que o vagabundo se endireitasse, tirando o pé da lama. Como podia, agora que tinha de sobra... Entregaram Bacalau aos ratos.

Os tiras foram catá-lo, bebendo e folgando com mulher, dois dias depois, num boteco das Perdizes.

Entregaram Bacalau e ninguém soube quem foi.

Contava Bacanaço que sabia muito bem das coisinhas da façanha. O menino Perus também sabia. Mas era um menino diante de Bacanaço e por isso ouvia quieto, só meneando a cabeça e de acordo com tudo. Para final - Bacanaço era fácil melhor, jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do brilho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres. Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada. De mais a mais, Bacanaço tinha negócio com os mascates, aqueles que vendiam quinquilharias e penduricalhos nas beiradas da Lapa-de-baixo, e era um considerado dos homens do mercado. Malandro fino, vadio de muita linha, tinha a consideração dos policiais. Andar com Bacanaço, segui-lo, ouvi-lo servi-lo, fazer parceria, era negócio bom.

Era quem primeiro cantava de galo. Bacanaço não olhava na cara dos desconhecidos. Impunha-se-lhes oprimindo, apequenando. Mandava primeiro, uma ruga nas sobrancelhas, sempre abespinhado. Desses que quando a conversa não interessa vão mandando para a casa do diabo. E se houver reaproximação já batem, já xingam, já correm o pé, dão cabeçada, deixam o sujeito estirado na calçada. Agora, se gostasse, gostava. Era igual, ami-

P. 155

gão. Ninguém botasse a mão em amigo seu. Porque seria como mexer com sua cara ou bulir com amiga sua. Assim era Bacanaço com o menino Perus. E por isso o menino o admirava.

Mas a façanha se acabou e Sorocabana sumiu-lhes do pensamento. Também o jogo de palitinho e os brinquedos de boca se sumiram. E falaram deles mesmos, paroleiros, exagerando-se em vantagens; mas uma realidade boiou e ficaram pequenos. O que lhes adiantava serem dois tacos, afiados para partidas caras? Estavam quebrados, quebradinhos.

Bacanaço foi para a porta do bar.

Os meninos vendedores de jornal gritavam mais, aproveitando a hora.

Gente. Gente mais gente. Gente se apertava.

A rua suja e pequena. Para os lados do mercado e à beira dos trilhos do trem — porteira fechada, profusão de barulhos, confusão, gente. Bondes rangiam nos trilhos, catando ou depositando gente empurrada e empurrando-se no ponto inicial. Fechado o sinal da porteira, continua fechado. É pressa, as buzinas comem o ar com precipitação, exigem passagem. Pressa, que gente deixou os trabalhos, homens de gravata ou homens das fábricas. Bicicleta, motoneta, caminhão, apertando-se na rua. Para a cidade ou para as vilas, gente que vem ou que vai.

Lusco-fusco. A rua parece inchar.

Bacanaço sorri. O pedido gritado da cega que pede esmolas. Gritado, exigindo. A menina chora, quer sorvete de palito, não quer saber se a mãe ofega entre pacotes. Bacanaço sorri.

P. 156

O sinal se abriu e nova carga de gente, dos lados da Lapa- debaixo, entope a rua.

Gente regateia preços, escolhe, descompra e torna a escolher nas carrocinhas dos mascates, numerosas. Alguns estenderam seus panos ordinários no chão, onde um mundão de quinquilharias se amontoam. E preços, ofertas, pedidos sobem numa voz só. Bacanaço sorri.

Do lado de lá da rua, junto ao anúncio de venda de terrenos, um casal desajeitado. A moça é novinha e uma distância de três-quatro corpos entre eles... A moça novinha aperta um guarda-chuva, esfrega qualquer coisa com os pés, os olhos nos sapatos, encabulados. Bacanaço sorri.

Trouxas. Não era inteligência se apertar naquela afobação da rua. Mais um pouco, acendendo-se a fachada do cinema, viria mais gente dos subúrbios distantes. A Lapa ferteria. Trouxas. Do Moinho Velho, do Piqueri, de Cruz das Almas, de Vila Anastácio, de... do diabo. Autos berrariam mais, misturação cresceria, gente feia, otários. Corriam e se afobavam e se fanavam como coiós atrás de dinheiro. Trouxas. Por isso tropicavam nas ruas, peitavam-se como baratas tontas.

Há espaços em que o grito da cega esmoleira domina. Aquela, no entanto, se defende com inteligência, como fazem os meninos jornaleiros, os engraxates e os mascates. Com inteligência. Não andam como coiós apertando-se nas ruas por causa de dinheiro.

Bacanaço deu com a primeira luz. Lá no meio da cara da locomotiva. Num golpe luzes brotaram acima dos trilhos dos

P. 157

bondes. Os luminosos dos bares se acenderam e a fachada do cinema ficou bonita.

A Lapa trocava de cor.

Um pensamento bateu-lhe de repente:

- E Malagueta?

Em que presepada ter-se-ia enfiado o velho sem-vergonha, esmoleiro, cara-de-pau? Meia-volta, andou.

Perus e Bacanaço entristeciam no banco lateral. Quebrados, quebradinhos. O menino Perus repetia cigarros fornecidos por Bacanaço e o mulato espiando mesas, abespinhado.

Ali, de ordinário, pingava um ou outro joguinho bom. Mas onde há jogo bom, piranha vem morder. Naquele salão da Lapa faziam ponto malandros finos de sinuca, escorregados de outros lados da cidade. Então, safados infestavam o salão e aquela boca do inferno virava um poço de piranhas.

Aquele dia era desses.

À noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com jogos a leite-de-pato. Não jogavam a dinheiro. Algazarra, um barulhão, mas não jogavam a dinheiro. Aquilo faziam todos os dias, antes das aulas noturnas.

Bacanaço se chateava com os frangalhos e levantava-se. Machucava-os:

- Vocês são é de coisa nenhuma. Fica aí toda a curriola nesse pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé, fazendo o quê? Punheta? Um chove-não-molha do capeta! Vamos lá no jogo valendo uma nota!

P. 158

Os estudantes diminuía o barulho, engoliam os desaforos. Mas ao jogo ninguém ia.

Com aquele silêncio desenxabido que faziam após os xingos, Bacanaço se enfezava, gritava, espezinhava:

- Aqui só tem pixote, é tudo pixote — o indicador subia, descia, flechava. — Por que é que não ficam em casa, debaixo da saia da mãe? Cambada!

Perus, encabulado. Onde andariam os trouxas, os coiós sem sorte, que o salão não tinha jogo? Por que era assim, assim, sempre? Uma oportunidade não vinha, demorava, chateava, aborrecia. Os castigos vinham depressinha, não demoravam não, arrasavam, vinham montados a cavalo. E os trouxas? Noivando ou namorando, por aí, nas esquinas, nos cinemas.

Ou dando dinheiro a mulher, que é o que sabem fazer. Os tontos. E quando apareciam, gordos de dinheiro, otários oferecidos, era fora de hora e era sempre outro malandro quem os abocanhava. Ele? Nem almoço nem janta. Sinuca, grande estrepe... Pôs-se a tamborilar, lento, contando as batidas. Pensou nos joguinhos de Vila Alpina.

Durão passava a carregar sanduíches de mortadela, cate com leite, cigarros, refrigerantes.

Sete horas.

Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas tiras escuras de pano.

Bacanaço lhe buliu:

P. 159

- Quer jogo, parceiro velho?

O velho se escapuliu, foi procurar o último banco do salão, o seu lugar, e sentou. Era um velho acordado e gostava de explicações. Dali tudo via, pernas cruzadas, na dissimulada, como quem não visse nada. E ali embiocado não o enxergavam bem.

Bacanaço e Perus lhe voltaram.

- Está a jogo ou a recreio, meu?

Malagueta os olhava. Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófias. Perus no acompanhamento, feito um dois de paus. “É”, pensou, “quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado”. E soltou para si o risinho canalha com que os malandros entendem, reconhecem. Risinho meio parado, metade na boca, metade nos olhos. Pela charla que diziam e pela manha com que vinham... Ali não havia dinheiro.

Então, o velho se levantou, gingou nos seus sapatos furados e piscou o olho raiado de sangue.

- A gente se junta, meus. Faz marmelo e pega os trouxas.

A anuência de Perus foi chocha, encolheu-se timidamente no blusão de couro. Era aceitar. Para quem estava quebrado, para ele com dezenove anos de idade, morador em Perus com a tia, donde lhe veio o apelido... mas a tia tem um amásio e isto entorta tudo, porque o homem e ele se atacam muitas vezes. Grudam-se, se socam, rebolam como bichos, que a coisa ali por bem não vai. Por uma e outra se atacam os dois. Por causa dos muitos porres do amásio da tia e da vida errada do menino. O menino

P. 160

Perus que tem seu lugar de taco, confiança de alguns patrões de jogo caro, devido à habilidade que na sinuca logrou desenvolver nas difíceis bolas finas, colocadas em diagonal na mesa. O menino Perus mal e mal se aguenta - fugido do quartel, foge agora de duas polícias. A Polícia do Exército e a polícia dos vadios.

Uma semana, muitas vezes, na Lapa. Nas bocas do inferno se defende, se arranja pelas ruas, trabalha nas conduções cheias, sarrupia carteiras. Deixa-se ficar e fica uma semana. A mesma camisa, o mesmo sono, a fome de dias. A fome raiada.

Mas pensa nos joguinhos famosos de Vila Alpina.

- Quando eu der uma sorte e a vida tomar jeito...

Vestiria panos bons, iria àquele fogo. Então, iria, dissimulado, aos jogos caros de Vila Alpina, onde corria a grana e as melhores virações da sinuca funcionavam. Vila Alpina era falada na boca de todos os malandros. E lá Perus não era conhecido.

Malagueta propunha-lhes o conluio fantasiando grandezas. Claro que se arrumariam, eram firmes nas tacadas e davam muito juízo. Se Bacanaço os chefiasse...

O malandro limpou o paletó. Ouvira os gabos sem interesse. Mas aquela conversa de os conduzir, dando cartas e jogando de mão, era conversa da boa. Na mão bem manicurada, que viajava do queixo ao bolso, luzia o chuveiro, anelão de ouro branco e pedras para mais de trinta contos, que só rufião pode usar. Iria como patrão, a parte mais gorda cabendo-lhe. Bem. Olhava meio de lado para os andrajos do velho. Aquela conversa era da boa. Mas não se entreteve. Cortou:

P. 161

- Pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé não interessa, velho. Cadê a grana?

Malagueta esfriou, perdeu num átimo o alegre rebolado. Andava tudo ruim e ele com a fome. Maré de azar danado, nem quisessem saber. Comer? Surrupiano uma maçã duma prateleira lá do mercado, quase o pilharam com a mão na coisa. Caíra no chão, botara aquela cara de sofrimento, estendera a mão que roubou a maçã, esmolara. Com aquela cara de sofredor, de Jesus Cristo, talvez algum trouxa lhe pingasse uma grana. Mas a onda de crepe era raiada — de olho vivo, andavam guardas lá no mercado, finos como tiras.

- Tou desempregado — e deu de ombros. — Se eu lhes conto minha história, meus camaradas... Vocês vão se virar pra me dar algum. E. Tou que nem aquele cara: Tortinho Pedroso da Silva Estrepedado.

E se sentou.

Bacanaço encheu as bochechas e soprou. Oito horas.

Estavam os três quebrados, quebradinhos. Mas imaginavam marotagens, conluios, façanhas, brigas, fugas, prisões — retratos no jornal e todo o resto —, safadezas, tramoias; arregos bem arrumados com caguetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; padrões caros aos quais fariam marmelo, traição; imaginavam jogos longínquos, lá pelos longes dos subúrbios, naquelas bocas do inferno nem sabidas pela polícia; principalmente imaginavam jogos caros, parceirinhos fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. E em pensamento funcionavam. E os três comendo as bolas,

P. 162

fintando, ganhando, beliscando, furtando, quebrando, entortando, mordendo, estraçalhando...

Entrou no salão uma negra lambuzada de pintura em direita ao mictório dos homens. Escanzelada, corpo ruim, os peitos eram uma tábua. Daquelas mulheres que ficam nas virações tristes da Lapa-de-baixo; às vezes, de encontro às árvores e aos muros nos escuros das ruelas. Aquela devia passar dias sem comer — o rosto chupado, os cambitos. Um parceirinho buliu:

- A senhora está a jogo ou a passeio?

A negra parou, os punhos nos quadris.

- Ora, vá lamber sabão, trouxa embandeirado!

A mulher seguiu.

Os homens da curriola estavam acostumados àquelas aparições súbitas de mulheres no salão. E não estavam a fim de guerra. Não ligavam, nem mexiam, que estavam ali para jogo e que mulher no salão é mulher de alguém. Um ou outro parceirinho coió é que saía da linha.

Foi num átimo, foi num susto. Bacanaço deu fé do relógio, seu Movado com corrente de ouro.

- Meus, com uma quina...

A gana nos olhos do malandro. Um tapa de estalo no joelho de Perus, o indicador apontou para Malagueta. Falou depressa, outro Bacanaço, com palavras que se atropelavam e com dedos se esfregando. Com uma quina já poriam meio pé fora do buraco. Correriam, então, a todas as bocas do inferno da cidade, cortariam aquela onda besta de azar raiado. Claro.

P. 163

- Meus, com uma quina...

A Lapa já era perda de tempo. Levantaram-se e se abalaram de supetão. Quase correndo, aos encontrões, esbarrando nas coisas do caminho, afobação que os homens da curriola não entenderam. Mas estava claro que se arrumariam! Empenhar-se-ia o Movado a Cornélio, motorista de praça da rua do cinema, camarada de Bacanaço. Por baixo, baixo, renderia quinhentos cruzeiros. Uma quina. O de que precisavam.

O Movado para Cornélio e uma quina para Bacanaço. E os três iriam firmes, à grande e de enfiada, afiados como piranhas. Bacanaço chefiando. Vasculhariam todos os muquinfos, rodariam Água Branca, Pompeia, Pinheiros, Mooca, Penha, Limão, Tucuruvi, Osasco... Rodariam e se atirariam e iriam lá. Três tacos, direitinhos como relógios, levantariam no fogo do jogo um tufo de dinheiro. Tinham a noite e a madrugada. Virariam São Paulo de pernas para o ar.

Os dois iam à frente, quase correndo. O velho Malagueta, capenga, se arrastava na retaguarda, tropicando nas calçadas, estalando os dedos e largando pragas. Tripudiava:

- Esta Lapa não dá pé!

P. 164

Água Branca

Corria no Joana d'Arc a roda do jogo de vida, o joguinho mais ladrão de quantos há na sinuca.

Cada um tem sua bola, que é uma numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro. Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomeçar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d'Arc o jogo triste de vida.

Um bolo de vida vai a muito porque cresce. Seis, sete ou oito homens dão bolos de bom tamanho. Quatro, cinco, até seis mil, começando por baixo, baixo — cem cruzeiros por cabeça. O joguinho vai correndo como coisinha encrencada, pequenina e demorada. Gente sai e entra gente. O bolo crescendo, o jogo ficando safado. Fica porco, fica sujo como pau de galinheiro. Um homem quebra o outro comendo-o pela perna, correndo por dentro dele.

P. 165

Um bolo de vida fica grande para só um homem comer.

Então, o jogo exige porque diferente o jogo fica. Paciência, picardia, malandragem. Quem não tem, tivesse... Uma sujeira do diabo, que costuma enviar o dinheiro do parceiro para a casa onde o diabo mora. Um taco é um taco quando é amarrador, no jogo de vida. Se o parceirinho se encabula, tropica. Perde vida, se perde, vai lá e tropica mais e cai do cavalo. Fica quebrado, quebradinho, igualzinho à coruja — sozinho, feio e no escuro.

Corria no Joana d'Arc o triste jogo de vida.

Bacanaço cutucou o menino Perus, passou-lhe duas notas de cinquenta. Sorrateiro, falou baixo, nos dentes.

-Vai lá e desempenha, meu.

Enviou, fez um pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó. Mandou Malagueta:

- Vai lá e faz marmelada.

Estava armado o conluio, funcionando a trapaça.

Corriam naquela roda as vidas de seis homens. Perus se chegou, pediu vez.

- Tá na mão, pra mim?

O menino se desengonçava um tanto quando solicitava jogo. Não se intrometia ainda com o cinismo de Bacanaço, Malagueta e outros malandros maduros. Ficava meio torto, como quem vai e não vai, feito um menino.

Os homens se entreolharam, bolas na mão, cada um resmungou a sua coisa, medindo o menino. Um deu de ombros, outro fez não ouvir, tanto lhes fazia. O inspetor Lima demorou o olhar.

P. 166

- Posso entrar? — a mão de Perus corria devagar no zíper do blusão de couro.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço torcia. Os olhos cobiçavam. Se dessem entrada a Perus, já teria um homem seu naquela roda.

- Entra ele e entro eu — Malagueta intrometia-se sorrindo, bulia com todos. — O bolo fica maior, meus.

O velho inspetor Lima, gordo polícia aposentado, era o dono daquela roda, conhecedor das muitas manhas de Malagueta, que vezes intensas se bateram no joguinho nos muquinhos quentes da Lapa-de-baixo. Lima, tira aposentado...

Desses tipos encabuladores que ficam entre os malandros e são o quê? Viradores, curiosos?

Lima, tira aposentado, vivia nas rodas do joguinho e, por último, comparecia ao Joana d'Arc e ali se encafuava enquanto o jogo durasse. As vezes, do quarto da Água Branca onde morava só, saía mesmo de pijama ali pelas duas da tarde e se enfiava no muquinfo. Ali jogava, ali jantava sanduíches, ali mesmo ele ficava, plantado feito um dois de paus, os chinelos rodando, ganhando as malícias das mesas, reaprendendo uma verdade - o joguinho se aprende jogando, tudo o mais é ilusão, engano, embandeiramento, onda de otário.

Nem era um malandro, nem era um velho coió. Nem era um velho acordado como Malagueta e outros, sem aposentadoria, sem chinelos, sem pijama, sem quarto onde pousar e que têm de seu a cara e a vontade. Enfrentam as virações e a polícia

P. 167

porque têm fome. E vão como viradores, sofredores, pés-de- chinelo. E só.

Mas era um velho gordo e estranho, conselheiro dos mais moços, naquelas bocas do inferno, e que usava palavras desusadas de quando em quando.

- É uma veleidade.

Só por um lance de um parceirinho que se arriscara numa bola cinco desnecessária.

Os homens da curriola sentiam vontade de rir e não riam. Qualquer palavra ganha dignidade na boca da polícia e ninguém ri. Ademais, Lima era um tira aposentado e ainda sustentava influências. Palavra dele tomava tamanho nas possíveis e inesperadas batidas da polícia.

Se no salão apareciam rapazes enfiados como galos no quente do jogo a dinheiro, ele se intrometia com seus jeitos na fala.

-Tudo aqui é passageiro — arrotava. — Não é expediente de gente que se preze. Gente moça namora, noiva e casa. É o caminho certo. Aqui, não; aqui é o fim.

Se os rapazes o ouviam quietos, Lima se empolgava. As histórias não se acabavam mais. Citava e declinava e falava de malandros fracassados, outrora famosos, estropiados por fim no fogo do vício. Rememorava Caloi.

Jogava que jogava Caloi. Osso duro de roer. Deu trabalho a muitos tacos, era um artista, era um cérebro, um atirador. Mas deu também para mulheres e sua mão começava a tremer no instante das tacadas. Foi indo, indo, tropicando. Quando deu fé

P. 168

parecia um galo cego que perdeu o tino. Deu, então, para a maconha e uma feita ficou célebre — vez em que um pixote lhe tomou quinze contos num dia de carnaval lá na rua Barão de Paranapiacaba. Aquilo o encabulou, arruinou o seu juízo de jogador. A maconha desfez o homem, lhe apodreceu o cérebro e Caloi acabou falando sozinho, feito tantã de muita zonzeira lá num pavilhão do Juqueri.

- Habitante daqui é futuro residente da Casa de Detenção.

E se os rapazes achavam graça, Lima rematava:

- Ou do hospício — e fazia um ar triste para concluir. - A maior malandragem, meus filhos, é a honesta.

Mas não se afastava do joguinho do Joana d’Arc. Era um prisioneiro.

Deu acesso a Malagueta. Buliu:

- Entra, cara-de-pau.

E sorriu para Perus.

- Aberto. Entra, velho, você e o garotão. Cem paus por cabeça.

Houve os olhares de soslaio, perguntando-se. Houve a casada, houve as escolhas de tacos, os movimentos dos homens se curvando sobre a mesa. Iam sérios. Os bondes rangiam lá fora e os homens em volta da mesa faziam o silêncio que se faz ao ruído das bolas. Faziam o silêncio do joguinho, por demais preocupado.

As bolas corriam. E Bacanaço sorria.

A sua segunda tacada, o menino Perus assobiou. Era o

P. 169

“Garufa”, velho tango argentino falando das desventuras de um otário ofertado, inveterado protetor de prostitutas e falso malandro de uma noite lá num parque japonês... Um incorrigível, um papagaio enfeitado, um malandro de café com leite e pão com manteiga e o resto era engano. O “Garufa” assobiado — um sinal convencionado com que os finos malandros de jogo avisam-se que há otário nas proximidades ou trapaça funcionando e lucro em perspectiva.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço também assobiou o “Garufa”.

E os olhos malandros dos três se encontraram, se riram, se ajustaram, gozosamente, na sintonia de um conluio que nasceu dissimulado.

Malagueta pediu cachaça, pão e pimenta vermelha, malagueta, donde lhe chegara o apelido. O velho mascava e bebericava aos poucos, manso, medindo lances, atento; fazendo

caretas que demoravam na cara. Quando ia às tacadas firmava apoio a Perus, salvava-lhe a bola, apenas defendendo a sua e encostando a do menino às tabelas. Um joguinho ladrão.

Bacanaço sorria. Funcionavam direitinho, sem supetões, eram tacos de verdade, nascidos para trapacear. Arranjo bom. Malagueta defendendo, o menino Perus se atirando, o entendimento se afinando, certo como um relógio.

As tacadas eram lentas, o joguinho arrastado, encrencado, sem-vergonha.

Homens perderam vidas, casadas se dobraram, novas vidas

P. 170

se esfacelaram. Do marcador, os sinais a giz apagando-se, sumindo ou reaparecendo com casadas em dobro ou multiplicadas por quatro. O bolo crescendo.

Finalistas ficaram Lima e Malagueta, mas quem ganhou foi Perus, rematando certo as bolas dos dois, comendo-lhes as vidas e comendo o bolo, para mais de quatro mil e quinhentos, que as reentradas foram diversas e os parceirinhos iam afoitos.

Quem visse aquela roda e não soubesse, diria que era aquele o natural do jogo. Para quem está do lado de fora, como para os otários de jogo, as muitas coincidências do joguinho são predestinações. Como se não houvesse tabelas, efeitos, puxadas, trucagens e outros recursos que em sinuca se chamam picardia. Assim falam os trouxas e os coiós e os papagaios enfeitados e os mcorongos e os cavalos-de-teta:

- Joguinho ladrão, ganha aqui quem der mais sorte.

E a roda recomeçou.

Bacanaço sorria. Negócio dos bons era ser patrão dos dois. Aqueles não tropicavam, tinham fome, iam, firmes, e sofredor desempregado dá tudo o que sabe no quente do jogo. Firma a tacada, se mexe como piranha atenta, quer morder. E belisca porque vai com juízo. Talento já traz escondido na massa do sangue e juízo a fome lhe dá. Bacanaço examinava o anelão como se não quisesse nada. Chegava-se à mesa, estendia o maço de cigarros para Malagueta.

- Fuma, meu camarada?

P. 171

O velho fazia uma careta, torcia-se numa delicadeza, a mão bailava.

- Com sua licença - piscava o olho raiado de sangue.

Ia bem o marmelo. Mudadas as posições, reaberta a roda, a tramóia ainda ia com Malagueta na defesa e Perus se atirando.

Ponta de lança. O menino funcionava com certeza. Não o encabulava a distância das bolas, a possibilidade negra de tropeçar e entregar sua bola ao gosto dos adversários. Malagueta lhe valia. Sentia-se escudado, que o velho era um amarrador de fibra, ia à tacada e trancava o jogo. Por ali nada passaria. Quando em quando, Perus se sorria:

- Com coisa arrumada nem reza brava pode.

Por isso se atirava firme, confiando no seu taco, nas tabelas, nos efeitos, nas colocações de sua bola, e firmava e dava trabalho aos parceirinhos, tacada sua ganhava desenvoltura, liquidava três-quatro bolas.

- O menino está inspirado - observava Lima.

Perus sorria, os olhos baixavam, disfarçava, dava giz ao taco.

- Não é nada não. Tenho é sorte.

Malagueta repetia goles, sereno acompanhava, sabia onde se desembocava tudo aquilo. Se ele não falhasse, aquele jogo só teria um ganhador. Se ele tropeçasse, o vencedor seria Lima ou Marinho, um outro da curriola que também dominava as coloridas. Sossegassem. Ali só havia uma bossa. Nem Lima, nem Marinho, nem o diabo iriam passar por cima dele. Rebolassem e se esforçassem e se torcessem na mesa. Na continuação, o

P. 172

ganhador era previsto e era um só. Para isso ele estava grudado à retaguarda, trancafiando jogo, dando o que fazer, garantindo a linha de frente para Perus.

Por que Malagueta não derrubara aquela bola quatro? Uma repetição maliciosa, numa bola quatro em diagonal no canto, acordou o inspetor Lima.

- Ué...

Ali tinha coisa. A bola era fácil, fácil, Malagueta não liquidara. Por que raios o velho Malagueta só amarrava o jogo, defendendo e defendendo aquela bola quatro? Lima não era um velho coió. A quem pertencia a bola? Havia coisa.

Lima balançou o indicador no ar e mudou o tom daquela roda.

- Botem fé no que digo, qu'eu não sou trouxa não e nessa canoa não viajo. Tá muito amarrado o seu jogo, seu velho cara-de-pau. Botem fé. Eu pego marmelo neste jogo, arrumo uma cadeia pros dois safados.

Bacanaço se alertou, a mão jogou o cigarro, o rosto se frisou. Diabo. Malagueta facilitara, deixara entrever a proteção. Também não havia outra saída; derrubasse a bola

quatro, teria quebrado Perus num só lance, estariam os dois no buraco. Diabo. Aquele jogo poderia render mais.

- Lugar de ladrão eu costume mostrar - Lima continuava.

Os homens da curriola fecharam as bocas, rostos crisparam-se, os olhos jogaram-se em Malagueta e Perus, ameaçaram. O velho se livrou, teve um cinismo, encarou Lima.

P. 173

- Tem nada não. Eu estou demais nesta roda? Eu sou de jogo e sou de paz. Me retiro.

Nenhuma resposta. Lima cabisbaixo, o cinismo de Malagueta desanuviava as coisas e as embaralhava. Perus, desenhado, sem uma palavra; Bacanaço tamborilando dedos do balcão. O dono do bar olhava, ia haver batifundo. Os bondes rangiam. Não se dizia nada. O tempo custava a passar.

Malagueta ganhou força, começou a parolagem.

- Tem nada não. Esta partida acaba e eu caio fora, me espianto. Não nasci aqui, eu sou do mundo.

Esperou o efeito - veio o silêncio. Então, abusou:

- E se vacilar comigo eu vou lá e ainda ganho esta rodada e tchau. Me espianto.

Bacanaço secundou o disfarce, veio se chegando para Lima.

- Velho, o jogo é jogado. Calhou. O menino é um atirador e está com a mala da sorte — sua palavra valia, que vinha de fora, como torcedor. — O menino emboca, emboca, manda tudo pras cabeceiras. Inspiração. Se daqui a pouco ele tropica: fica torto, tortinho.

- Não sei não - fez Lima.

E o jogo se refez, encrenado, a princípio. Mas a desconfiança pouco durou, que Perus foi às bolas e estraçalhou com vontade. Sabia da única alternativa — escapulir depressinha. Ganhar, apanhar a grana, sumir. Atentou no que fazia, trabalhou, embocou, embocou, quebrou a bola do próprio Malagueta. Ficou só na linha de frente.

P. 174

- E o que vier eu quebro - firmava o pensamento.

Bacanaço sossegou, folgado voltou aos cigarros.

Lima, inconformado, virando o taco na mão. Como não percebera antes? A safadeza já era velha, os dois funcionando à vontade, engolindo as bolas. Como não flagrara, trinta anos de polícia e um tempão no joguinho... que boa-fé fora aquela? Agora não poderia abrir o bico, que os dois não se deixaram pilhar. Os safados.

Três mil em notas miúdas Perus esticou no pano verde, mãos tremiam, desamassavam, retiravam notas da caçapa.

Lima, mordido, mordidinho. Os olhos iam por baixo. Como pôde largar aqueles dois crocodilos? Havia muito que não levava porrada igual. E o pior... jogo acabado, quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se. E não os flagrara. Murmurou entre os dentes:

- Cadelos!

A mão de Perus puxou o zíper do blusão de couro e o menino marchou. Malagueta caminhou, foi ganhando a rua.

- Boas, meus.

Do lado de lá da rua, quase em cima dos trilhos do bonde, o carro freou e os apanhou. Bacanaço meteu-se no banco dianteiro. Contou, demorou, distribuiu. O cigarro na boca se mexeu:

- O que é meu — e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão.

O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois.

P. 175

Receberam. O auto rodava. As notas deram sossego e depois considerações e depois se lamentaram os dois, que a roda de vida no Joana d'Arc poderia ter dado até dez contos. Aquele jogo, de fácil, era um mingau. Não fora o velho Lima...

- O bicho é um escamoso.

Bacanaço estendeu a mão, apontou para as cédulas. Houvesse tranquilidade. Atentassem, começaram a noite sem nenhum e já se ganhara.

- Está de bom tamanho.

E para o motorista:

- Vai tocando, chefe.

P. 176

Barra Funda

O boteco era um, duma fileira de botecos. Pequenininho, imundo, mais escuro e descorado, àquela hora, à zoeira das moscas. Mas havia televisão apresentando luta livre e Bacanaço se ajeitou no tamborete. Perus pediu café com leite.

O velho Malagueta encostou-se à porta do botequim.

Os ombros caíram, a cabeça pendeu para o azulejo, e assim torto o velho ficava menor do que era. Enterrou as mãos nos bolsos. Seus olhos além divisaram avenidas que se estendiam, desciam e desembocavam todas no viaduto por onde os três haviam passado. Haviam andado na noite quente! Bilhar após bilhar, namoraram mesas, mediram, estudaram jogos lentamente. Não falavam não. Picava-lhes em silêncio, quieto mas roendo, um sentimento preso, e crispados, um já media o outro. Iam juntos, mas de conduta mudada e bem dizendo, já não marchavam em conluio. Bacanaço, mais patife, resmungava aporrinhações, lacrava-lhes na cara que a vida na Água Branca poderia ter rendido mais. Espezinhava. E aquela tensão ia ficando grande. Não cuidassem, viria a provocação séria, acabariam se atra-

P. 177

cando e se pegariam no joguinho - um correndo por dentro do outro — na continuação um comeria o outro pela perna.

Malagueta, arisco. Conhecia aquilo como a palma de sua mão. Para a ganância besta não haveria o que bastasse. Um esbagaçaria o outro e juntos se estraçalhariam. O velho os alertou, que era bom o conluio. Trabalhando os três, um pelo outro, rendia mais o joguinho, evoluíam-se trapaças na sintonia do embalo. E nem se atirassem a qualquer jogo como piranhas famintas. Dessem juízo, não bobeassem como coió que nunca enxergou dinheiro. Estavam na força de uma onda de sorte, afiados e firmando - já se ganhara bem na Água Branca. Tranquilidade, que a noite era deles.

Apoiaram, baixaram as cristas. Bateram perna, então, desde o Alto da Pompeia até os começos das Perdizes. Ali jogou Bacanaço, jogo miúdo, de que vieram duzentos cruzeiros e apenas, que o parceirinho se apavorou e parou de estalo. Tomaram, então, as alamedas que descem para a Barra Funda. Vasculharam.

-Ô...

Braços no ar. Cobras do joguinho e tacos muito falados eram saudados assim pelos cantos que percorriam.

Mas era uma noite de sábado e houve outros lados por onde passaram, apequenados e tristes.

Vai-e-vem gostoso dos chinelos bons de pessoas sentadas balançavam-se nas calçadas, descansando.

Com suas ruas limpas e iluminadas e carros de preço e namorados namorando-se, roupas todo-dia domingueiras -

P. 178

aquela gente bem dormida, bem-vestida e tranquila dos lados bons das residências da Agua Branca e dos começos das Perdizes. Moços passavam sorrindo, fortes e limpos, nos bate-papos da noite quente. Quando em quando, saltitava o bulício dos meninos com patins, bicicletas, brinquedos caros e coloridos.

Aqueles viviam. Malagueta, Perus e Bacanaço, ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucavam, os tocavam dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, viradores, sem eira, nem beira. Sofredores. Se gramassem atrás do dinheiro, indo e vindo e rebolando, se enfrentassem o fogo do joguinho, se evoluíssem malandragens, se encarassem a polícia e a abastecessem, se se atilhassem, teriam o de comer e o de vestir no dia seguinte; se dessem azar, se tropicassem nas virações, ninguém lhes daria a mínima colher de chá — curtissem sono e fome e cadeia.

Aqueles tinham a vida ganha. E seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... depender da graça do povo na rua passando. E quando homens, não surrupiariam carteiras nas conduções cheias, nem fugiriam dos quartéis, não suariam o joguinho nas bocas do inferno, nem precisariam caftinar se unindo a prostitutas que os cuidassem e lhes dessem algum dinheiro.

Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem.

Uma noite quente, chata! Zoada de moscas assanhadas nos

P. 179

salões, onde papo se batia e a prosa ia fiada, mas jogo bom não havia. Havia um rumo — à cidade, catar jogo caro. Barra Funda não deu jogo.

Pararam naquele boteco à beira dos trilhos do trem.

Veio o vira-lata pela rua de terra. Diante do velho parou, empinou o focinho, os olhos tranquilos esperavam algum movimento de Malagueta. O velho olhava para o chão. O cachorro o olhava. O velho não sacou as mãos dos bolsos, e então, o cachorro se foi a cheirar coisas do caminho. Virou-se acolá, procurou o velho com os olhos. Nada. Prosseguiu sua busca, na rua, a fuça nas coisas que esperava ser alimento e que a luz tão parca abrangia mal. De tanto em tanto, voltava-se, esperava, uma ilusão na cabecinha suja, de novo enviava os olhos suplicantes. O velho olhando o cachorro. Engraçado — também ele era um virador. Um

sofredor, um pé-de-chinelo, como o cachorro. Iguaizinhos. Seu dia de viração e de procura. Nenhuma facilidade, ninguém que lhe desse a menor colher de chá. Tentou golpe, tentou furto, esmola tentou, que mendigar era a última das virações em que o velho se defendia.

Trabalhava no chão. Estirar-se, arregaçar as calças, expor o inchaço que ia começando nas pernas encardidas. O sapato furado expunha barro. O sapato tinha os saltos comidos de todo. Dando sorte e com sossego, mas com muita picardia, cara-de-pau e mão estendida, pingava alguma grana. Já se ganhava, eta meu Bom Jesus de Pirapora! Da miúda saía para a graúda e ia se bater lá na sinuca.

P. 180

Mas a maré não mandava um azar sozinho, enfiava-lhe estrepe no percurso, vinham guardas que perturbavam, ultimamente atilados como tiras. Os guanacos estavam dispostos a azucrinar. E ansiosos. Surrupiendo uma maçã no mercado, vacilou. Quase escorregara, por bem pouco não o flagraram. A maré castigava com uma crepe dos diabos. Jogo? Adiantava ser um taco, galo de briga, tinindo para as grandes paradas, adiantava? Não havendo capital, sofredor algum tira o pé do buraco. Vida torta, tortinha, feito vida de cachorro escorraçado. Almoço - foram aquelas coisas engolidas com cachaça, lá no Joana d'Arc, dez e tanto da noite.

O cachorro sumia na ponta da rua.

- E a preta?

A preta se chamava Maria e este pensamento bateu-lhe com ternura. Dois-três dias sem ver a preta, que era sua preta e era negra vendedora de pipocas, de amendoim e de algodão – de - açúcar nas noites à luz do cinema do Moinho Velho, com o seu carrinho de coisas e seu lenço à cabeça, e que aceitava Malagueta no barraco da favela do Piqueri. Davalhe boia, comiam e bebiam os dois, davam-se. Como crianças. Mas o velho, patife muitas vezes, furtava-lhe algum. Se a negra surpreendia, estourava e brigavam. Aí, a negra não tinha medo. Mas voltavam-se depressinha. A negra repetia que era negra sem-vergonha muito grande, por ter negócio com branco e por aceitá-lo de novo. Uma curva canalha ficava lá no canto da boca de Malagueta. Bem. Mas agora havia dinheiro, dois contos e mais algum, a noite não havia acabado e era boa a maré. Aquela grana, no fogo do jogo, provavelmente se multiplicaria. E Felipe era seu bom. Pois tornando à Lapa, Malagueta iria ao mercado, iria a Felipe, seu camarada que vendia secos e molhados. Entrariam no bom entendimento. A preta ganharia uma porção de coisas para a fartura de muitos dias. Chegaria ao barraco, já meio

cambaio pela cachaça, o saco às costas pesando e uma alegria enorme haveria de encher o coração da preta.

- Nêga, hoje você não se vira.

Assim parado, se vendo pelo avesso e fantasiando coisas, Malagueta, piranha rápida, professor de encabulação e desacato, velho de muito traquejo, que debaixo do seu quieto muita muamba aprontava, era apenas um velho encolhido.

P. 181

e mais algum, a noite não havia acabado e era boa a maré. Aquela grana, no fogo do jogo, provavelmente se multiplicaria. E Felipe era seu bom. Pois tornando à Lapa, Malagueta iria ao mercado, iria a Felipe, seu camarada que vendia secos e molhados. Entrariam no bom entendimento. A preta ganharia uma porção de coisas para a fatura de muitos dias. Chegaria ao barraco, já meio cambaio pela cachaça, o saco às costas pesando e uma alegria enorme haveria de encher o coração da preta.

- Nêga, hoje você não se vira.

Assim parado, se vendo pelo avesso e fantasiando coisas, Malagueta, piranha rápida, professor de encabulação e desacato, velho de muito traquejo, que debaixo do seu quieto muita muamba aprontava, era apenas um velho encolhido.

P. 182

Cidade

Uma, duas, três, mil luzes na avenida São João!

A curriola formada à esquina era de sete mais uma mulher, que era amiga de um deles. Fala de bordel, falavam de casos passados, antigamente febris para a baixa malandragem. Fulano fez, fez, acabou lá na cadeia; beltrano deu sorte, levantou duzentos contos nos cavalos, arrumou-se na vida — hoje é dono disto e daquilo; mas um outro, seu parceiro, maconhava com exagero e endoideceu - anda aí pelas ruas falando sozinho; sicrana navalhou a cara da outra, que era sua costureira, mas andava com seu homem. Fosse chibar no diabo! Perus nem falava, nem ouvia, nem pensava nos joguinhos de Vila Alpina; longe estava a contar as luzes da avenida, onde bondes passavam rangendo e autos cortavam firmes como tiros. Era costume do menino enumerar coisas. Sabia, por exemplo, quantas bolas cinco fulano embocou em tal partida, quantos bondes Casa Verde passaram em meia hora. Os luminosos se apagavam, se acendiam, se apagavam, um, dois, um... Aquele exercício o distraía

- Vai levar muita porrada se quiser ser um virador, seu coió de mola!

Aquela ouvira uma vez, em Osasco, da boca de Bacanaço. Falhada a atenção, se firmara mal, tropicando e desentendendo as bolas numa parada para mais de uma nota de conto de réis. Bacanaço gozara, azucrinara. O menino não gostava daquele esculacho não. Perdia, e até aí era uma parte — estava perdendo o que era seu. E se sentia muito bem naquela ocupação silenciosa de enumerar coisas.

A curriola de sete se divertia com histórias. Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita, manicurada, viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano. Os bondes passavam.

A cidade expunha seus homens e mulheres da madrugada. E quando é madrugada até um cachorro na praça da República fica mais belo. Luz elétrica joga calma em tudo. Pálidos, acordados há bem pouco, saem a campo rufiões de olhos sombreados, vadios erradios, inveterados, otários, caras de amargura, rugas e problemas... passavam tipos discutindo mulher e futebol e turfe, gente dos salões de dança, a mulher lindíssima de vestido de roda, passos pequenos, berra erotismo na avenida e tem os olhos pintados de verde... “nem é tanto”, diz um, para justificar-se de não tê-la... mas os olhos famintos vão nas ancas... malandros pé-de-chinelo promiscuídos com finos malandros de turfe, ou gente bem-ajambrada que caftinava alto e parecia deputado,

P. 183

- Vai levar muita porrada se quiser ser um virador, seu coió de mola!

Aquela ouvira uma vez, em Osasco, da boca de Bacanaço. Falhada a atenção, se firmara mal, tropicando e desentendendo as bolas numa parada para mais de uma nota de conto de réis. Bacanaço gozara, azucrinara. O menino não gostava daquele esculacho não. Perdia, e até aí era uma parte — estava perdendo o que era seu. E se sentia muito bem naquela ocupação silenciosa de enumerar coisas.

A curriola de sete se divertia com histórias. Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita, manicurada, viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano. Os bondes passavam.

A cidade expunha seus homens e mulheres da madrugada. E quando é madrugada até um cachorro na praça da República fica mais belo. Luz elétrica joga calma em tudo. Pálidos, acordados há bem pouco, saem a campo rufiões de olhos sombreados, vadios erradios, inveterados, otários, caras de amargura, rugas e problemas... passavam tipos discutindo

mulher e futebol e turfe, gente dos salões de dança, a mulher lindíssima de vestido de roda, passos pequenos, berra erotismo na avenida e tem os olhos pintados de verde... “nem é tanto”, diz um, para justificar-se de não tê-la... mas os olhos famintos vão nas ancas... malandros pé-de-chinelo promiscuídos com finos malandros de turfe, ou gente bem-ajambrada que caftinava alto e parecia deputado,

P. 184

senador... vá ver — não passa de um jogador... o camelô que marreta na sua viração mesquinha de vender pente que não se quebra, mulheres profissionais, as minas, faziam a vida nas virações da hora... e os invertidos proliferavam, dois passaram agora, como casal em namoro aberto.

Aqueles faziam São Paulo àquela hora.

Era a hora muito safada dos viradores.

Malagueta, Perus e Bacanaço faziam roda à porta do Jeca, boteco da concentração maior de toda a malandragem, à esquina da Ipiranga, fecha-nunca, boca do inferno, olho aceso por toda a madrugada. Lá em cima, seu luminoso apagava e acendia um caipira cachimbando.

Ali tudo ia bem, por fora. Ponto que vibrava e quem visse e não soubesse, diria que eram, honestamente, um grupo de boêmios folgados, ajeitados em boa paz. Mas o misticismo da luz elétrica, de um mistério como o deles, só cobria solidões constantes, vergonhas, carga represada de humilhação, homens pálidos se arrastando, pouco interessava se eram sapatos de quatro contos, cada um com seu problema e sem sua solução e com chope, bate-papo, xícara retinindo café, iam todos juntos mas ilhados, recolhidos, como martelo sem cabo. Nem era à toa que aquela dona, criaturinha magra, mina bem nova ainda, se apagou no tamborete do canto e trazia nos olhos uma tristeza de cadela mansa... Quando a justa, perua preta-e-branca dos homens da polícia roncava no asfalto, a verdade geral se punha na maioria dos olhos. Lugar de vagabundo é a Casa de Detenção.

P. 185

Vulto magro, ô cadência de malandro, sapateia quando anda, pois, tem muito rebolado, mãos nos bolsos, cigarro no bico, a Teleco na avenida São João. Vestida como homem, era mulher que gosta de mulher. Fina no carteadado, muito firme na navalha, até sinuca ela joga. Uma valente da maconha. Àqueles ombros tarimba sobrava, que foram cinco os anos curtidos no pavilhão feminino do presídio da Alegria. À boca pequena, boquejava-se que lá

Teleco se fartava, e quando em liberdade até estranhou e precisou arranjar uma amiga. A cabeça da mulata era de cabelos lisos, amaciados à pasta. Pela sua panca resolvida de macho, numa briga corria o pé, enganava e não dava o corpo e ali ninguém levava boa vida, o respeito que os malandros davam à sua inversão.

- O rapaz!

Buliu relando no braço de Bacanaço. Catou-o, puxou-o para debaixo do toldo. Teleco, traquejada. O malandro lhe devia coisas não poucas e ela soltou a ladainha. Zanzara de lá pra cá, dera crepe ali, tropicara depois — estava sem nenhum, desempregada.

- Meu faixa, tô desabonado.

Cochicharam, boquejaram.

Bondes passavam jogando. O velho Malagueta gesticulava, com fricotes na parla escarrapachada. Umás três horas já fazia que seus sapatos furados estavam desabotoados, à vontade, e neles dançavam os pés sem meias. Mas o velho nem ligava, folgado. O menino Perus era uma coisa, mas não sabia que era. Modelo, como dizem as mulheres. Malvestido, era verdade, mas

P. 186

nele iam bem os olhos claros, descoroçoados um pouco; ia bem o peito largo se afinando com a altura boa, corpo maneiro de atitude rápida. Um modelo novinho. Até seus andrajos, de certa forma, lhe iam bem. Mas não dava fé, por exemplo, daquela dona que agora na curriola o comia com os olhos. O menino Perus pensava nos joguinhos de Vila Alpina e contava luzes.

Bacanaço lhe escorregou um galo, uma nota de cinquenta, a mulata Teleco enfiou-a no grilo esquerdo, que no outro bolsinho interno da frente da calça trazia o isqueiro, cômodo, pequenino, à malandra. Recolheu sem verificar, largou o agradecimento, ligeira se sumiu.

Os sete da curriola começaram a debandar. Foi-se um e se foi outro e a mulher com seu amigo, a conversa murchou. Ficaram Malagueta, Perus e Bacanaço.

A madrugada geral continuava; lentos, safados passavam.

Deu-lhes a fome do jogo, deu-lhes a gana. Muito necessário multiplicar aquele dinheiro, metê-lo no jogo, que a noite ia alta, a madrugada em marcha. Rodar, funcionar, vasculhar todas as bocas do inferno e depressinha, enquanto houvesse luminosos acesos. Deu-lhes a febre. E se abalaram e nem quiseram saber se iam certos ou errados.

Os três sabiam que depois dos luminosos a cidade lhes daria restos e lixos. Só. E em pensamento divisavam as probabilidades em três-quatro muquinfos onde se arrumariam ou se

entortariam — o Americano da rua Amador Bueno, o Paratodos do largo Santa Efigênia, o Martinelli, o Ideal, talvez o Taco de Ouro...

P. 187

Travessia da avenida São João, seguimento da avenida Ipiranga. Entraram pela Amador Bueno.

A rua estreita, escura. De um lado e do outro, falhas no calçamento, basbaques espiavam e malandros iam a perambular. Mulheres da hora moviam as cabeças para a direita, para a esquerda, para a frente, na tarefa de chamar homem. A pintura nas caras e nos cabelos se exagerava e elas encostavam-se às beiradas, mascavam coisas, fumavam muito. Ficavam nos cantos, intoxicadas, para enfrentar a rua.

— Moreno, me dá um cigarro.

Seus olhos parados, as bocas mascavam, os homens passavam, escolhiam...

As roupas apertando carnes, que com exagero os decotes mostravam. Umas riam, convidavam, cantarolavam, diziam provocações, piscavam os olhos como menina fazendo arte. Quando em quando, um casal se formava, ela caminhava à frente, rumo ao edifício, a chave na mão, o homem atrás. Intoxicadas. A Amador Bueno era triste.

Muita conversa. Sono, fome e vagabundos nos bancos laterais. Muitas falas daquela gente parda e pálida no Americano, famoso ponto de aponto. Um reduto em que batedores de carteira, rufiões, jogadores e o geral da malandragem se promiscuíam com tiras e negociantes de virações graúdas e miúdas. Quando se pretendia um encontro, era o Americano para todas as espécies de múltiplas arrumações. Mil e um conchavos. Ali funcionavam tipos de muitos naipes, desde a malandragem

P. 188

das beiradas das estações até os comerciantes da rua 25 de Março. Tiras decaídos, tiras atuantes, gente da Força Pública compareciam contemporizados à malandragem. Engraxate, manicure, barbeiro ao fundo.

Aquele sábado, entretanto, o dinheiro nas mesas não corria. Jogo nenhum no salão de vinte e tantas mesas.

Sondaram. Os três passearam entre mesas, tensos passavam sem falar, estirando os beiços, chutando coisas do chão gasto. Havia moscas, fumaça, calor. Mesas vazias, tacos em seus lugares, bolas ausentes. Os barulhos das conversas, os pentes dos engraxates repicavam numa batucada, risos chegavam da barbearia. O bulício aborrecia.

- Não deu pé. Vamos girar.

Voltaram à Ipiranga, com a mesma febre marcharam.

Já de longe o distinguiram, entre dois homens, num terno de brilhante inglês, naquela pose sua com só metade da mão no bolso. Chegaram-se, humildes cumprimentaram, buscaram conversa, tiveram modos. Bacanaço, solícito, estendeu os cigarros americanos.

A esquina da Santa Efigênia toparam Carne Frita, valente muito sério, professor de habilidades. Havia na cidade e ainda noutras cidades bons entendedores e tacos atilados com capacidade para fechar partidas, liquidando as bolas. Havia nomes e famas que corriam. Muitos, muitos. Praça, Paraná, Detefom, Estilingue, Lincoln, Mãozinha... Eram artistas do pano verde. Mas Frita... quem entendia de sinuca era ele. Em cima dele

P. 189

foram e gramaram muitos e muito esperto perdeu o rebolado, e muito cobra ficou falando sozinho, esfacelado em volta da mesa, como coruja cega. E muito patrão de jogo caro se perdeu em apostas contrárias, em lances para mais de vinte contos. O homem ganhara tamanho, celebridade; uma curiosidade que se exibiu ensinando até na televisão. Seu nome e fotografia em pose de jogo foram para o jornal numa reportagem que assim dizia: “sinuca de carne frita é falta de adversário!”. Era Carne Frita. Botassem respeito, sentido e distância com silêncio e consideração.

Moço, baixinho, com uns olhos de menino, esguio como os malandros do joguinho que andam quilômetros ao redor das mesas, ninguém daria nada àquele, parado, à esquina da Santa Efigênia, dando um gesto de mão a Malagueta, Perus e Bacanaço. Fossem ver... Perguntassem em Goiás, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio, em Fortaleza... Sua história abobalhava, seu jogo desnorteou todos os mestres.

Quem de sinuca entendia era Frita.

Mas a febre era a febre e queimava e dava pressa.

Despediram-se do maior taco do Brasil, ligeiros e firmes entraram pela Santa Efigênia, rua de virações como outras, àquela hora dormidas. Alcançaram o largo Santa Efigênia, a igreja de um lado, a sinuca do outro.

Os sapatos fizeram um barulhão na escada comprida de madeira. Rápidos, subiam. Veio-lhes, num átimo, a fantasia de brincarem degraus três a três. Perus e Bacanaço iam, lépidos.

P. 190

Malagueta capengou, aguentou-se mal e mal no corrimão, apertou os beijos num esforço. Os companheiros pararam mais acima. Riram:

- Tá caindo do cavalo, velho?

A escada deu-lhes, enfim, o salão.

- Vem cá, moleque!

Piranha esperava comida.

Mal entraram no Paratodos, deram com a voz do negro intimando Perus e o brinquedo acabou-se, e tudo o mais se confundiu, ficou cinzento.

Escuro nas mesas, salão silente, tacos jogados, pontas de cigarros no chão. Luz só no balcão do Paratodos vaziiinho, sem jogo, sem parceirinhos.

Aquele silêncio esquisito de esporro que vai se dar.

Piranha esperava comida.

- Vem cá, moleque!

O negro chamando, apoiado ao balcão. De branco, pele brilhando, chapéu de preço, cara redonda, enorme, onde um riso debochado se escarrapachava.

O menino Perus ensaiou maquinalmente a meia-volta. Bacanaço desaprovou, a mão parou, palma para cima; imprimiu:

- O jeito é enfrentar.

Piranha esperava.

O menino foi e se deu mal, que era Silveirinha, o negro tira. Perus se desnorteava em erradas, começava pela timidez de não dizer nada. Chumbado no chão.

P. 191

Bacanaço se pôs de largo, calmo; Malagueta se foi para o escuro de uma mesa, dobrou-se, aguardou. Jogo? À cata dele chegaram e toparam polícia à boca de espera. Estrepe pesado e duro. Só o homem da caixa contando notas e espiando por cima das lentes redondas como quem nada visse. O homem mais Silveirinha.

Piranha esperava comida.

- Moleque, você já pagou imposto?

Azucrinava, exigia, demorava-se no exame do menino. Ali, cantava de galo, dava cartas, jogava de mão, mexia e remexia, a condição de mando era sua. Infeliz algum abria o bico. Levantou-se, fez a volta ao redor de Perus. Esperou a fala.

O menino tinha um bolo na garganta, feito espeto atravessado. Queria pensar em coisas diferentes, longínquas, estupidamente caçava atar um fio que começava pela mesma

ideia e se estraçalhava logo e tornava ao começo. E assim. Não era de hoje que sentia vontade dos joguinhos de Vila Alpina. Se desse uma sorte... A coisa voltava à garganta, via Silveirinha, o pensamento se perdia. Vila Alpina, outra vez. A Vila famosa na boca de todos os malandros, onde Perus se viraria. Silveirinha. Perdia pensamento. O bolo na garganta. Enviava os olhos suplicantes para Bacanaço, mudamente pedia socorro, as mãos paradas, os músculos da cara parados, a coisa na garganta engordando. Adoraria falar! Mas naquele seu quieto humilhado não engrolava nada. Entrevado.

Piranha espera comida.

Malagueta acompanhava. Aquela zombaria e aquela humilhação eram suas velhas conhecidas. Necessário dinheiro para

P. 192

tapar e a boa conversa de Bacanaço, conhecido dos homens da polícia. Malandro de sua classe sempre contorna esbregue com os homens da lei. Na situação nada boa, Bacanaço não trairia, aguentaria o repuxo, iria temporizar. Nem o menino pegaria xadrez por falta de um entendimento. Aquilo era um conluio, um ali era do outro, diferenças não haveria.

Mas o tempo custava a marchar.

Num lance, o abuso ganhou tamanho. Silveirinha apertava os pés do menino com o tacão do sapato e ria.

No Paratodos, o homem da caixa media os homens, atrás dos óculos de aros de ouro. Mesas esquecidas, luz só no balcão. Nada fazia o homem da caixa senão espiar. Assim eram todas as madrugadas do Paratodos, ponto de Silveirinha. Surgisse malandro desconhecido, cara ignorada, o tira ia ao ataque, exigia com firmeza. Fácil, fácil. Era o comum das noites, e o homem da caixa apenas olhava. Assim era o natural.

Os acintes cara a cara. Pirraçava, achincalhava. Os tacões não comprimiam mais os pés do menino e Silveirinha reconduzia os desacatos.

- Cadê o tutu, moleque?

Pequenos passos de passeio à volta do menino e os risos seguidos. Perus abotoava os olhos espantados em Bacanaço e os pensamentos embaralhavam-se, a testa quente, um peso na testa.

O quê? Viera dar com o lombo no Paratodos a troco de quê? Catar esbregue, confusão? Diabo. E Silveirinha à sua frente, espezinhando. Negro, todo lustrava — pele, sapato, camisa de

P. 193

seda, gravata, terno branco de linho cento e vinte, unhas, dente de ouro...

Diabo. Estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enjeitado. Os dedos se esfregavam com atropelo, a voz não vinha.

- Meu moleque...

Abraçou o menino e era uma tentativa aberta de surrupiar-lhe a carteira como fazem os batedores e o geral dos lanceiros. O tira, mais alto e mais forte e os ombros de Perus se encolhiam, o menino suava no blusão de couro, se defendia arqueando-se com dificuldade.

De longe, Bacanaço. Uma distância infinita eram aqueles cinco metros os separando. A aperreação sobre o menino já fora a bem mais do que devia, era muita folga. Assim faziam os homens da lei quando exigiam. Machucavam à vontade, satisfaziam-se, as aporrinhações só vagabundo sabe. Sim. Se a gente sair por aí contando como é o riscado da vida de um sofredor, os trouxas, com suas vidas mansas, provavelmente dirão que é choradeira. Sim. E quando se manda um danado e folgado daqueles para a casa do diabo, metendo-lhe com fé uma ferrada nos cornos, uma cortada na cara ou um tiro no meio da caixa do pensamento, a coisa enfeia muito, vai-se dar com o lombo na Casa de Detenção. E são abusados e desbocados e têm apetite de aproveitadores. Piranhas esperando comida. Pisando o menino, azucrinando, tentando surrupiar o menino... Os tais da lei. Encarou Silveirinha, a raiva arranhava. Arrumava-lhe um sapo

P. 194

inchado - ô vontade de lhe dar a ripada! Se marchasse de navalha para cima de Silveirinha não seria a fim de fazer carinho não. Iria solar com vontade. O bicho iria gemer, que ele poderia cortar de baixo para cima, era professor da lâmina ligeira - ligeira varando o paletó de linho, correndo direitinho. Haveria o grito, no começo; depois, o cachorro que rebolesse feito minhoca ofendida no chão, onde aguentaria chutes na caixa do pensamento e nas costelas e todo o acompanhamento que se deve dar a um safado. Bacanaço imaginava-o de boca aberta, estirado naquele soalho, a língua de fora, se torcendo feito minhoca partida em duas. Ou um rato abatido a ferro. Seria só dar à navalha. Sangrar. E fim.

Mas dever, não devia. Era um vagabundo — calasse, engolissem o seco da garganta, aturasse e fosse se rebaixar feito cachorrinho. Pedisse jeitosamente: “faz favor”, e desse o dinheiro, entregasse o mocó, o arrego para livrar a cara de Perus. Vontade de cortar, essa era muita. Era um vagabundo, entretanto, e se calou.

Os olhos pequenos de Malagueta pararam no terno branco do tira. Com energia endireitou-se, pôs-se de pé.

- Moleque, toma a tua linha, moleque. Cadê o tutu? - com o dedo mostrava o exemplo: as notas que o homem da caixa contava. — Faz minha vontade, moleque.

Malagueta se continha mal e mal. A perturbação que o menino sofria era muito comprida, larga e pesada. Uma purgação do capeta. Em que buraco caíra o coitado... E estava apagado, apagadinho, não falava um a. Chumbado no chão feito pos-

P. 195

te de iluminação. Silveirinha? Um cadelo. Esperava um gesto só de Bacanaço e já partiria e desempenharia seu papel e iria apanhar ou surrar muito — pensou. Cachorrada tem limite. Imaginava correr o pé por baixo, partiria para Silveirinha já com o taco na mão. Chutaria os rins, o sexo, depois chutaria a cara balofa. Usaria o bico dos sapatos, os chutes valendo.

Estes e outros pensamentos, entretanto, esbarraram com uma realidade e se esfriaram depressinha.

O que viria depois do arranca-rabo? Baixou os olhos, um vagabundo era um vagai e só. Aquilo, aquilo sempre — vadio é o que fica debaixo da sola do sapato da polícia. O velho se fechou; doía mas Malagueta se trancou. Com as mãos e com a cabeça pediu a Bacanaço. Ajeitasse.

O malandro se chegou.

- O menino é gente minha - sorriu, maneiro, mais pedia que falava. - Podemos conversar, chefe?

- De boas falas é que eu gosto, Bacana. Por isso lhe considero — abriu-se no riso gozoso. — Você é meu, Bacana.

A zombaria continuando naquele “Bacana”...

Fazia uns olhos ruins, satisfeitos. Os safados rendiam-se. Mostravam-se agora — eram parceiros, vadios e associados, com Bacanaço à chefia. Carregavam dinheiro.

Bacanaço fez o sinal, mostrou a escada aos companheiros.

- Desguiando. Se raspando.

Os dois desceram, desenxabidos, esbarrando nas coisas, pernas bambas. As orelhas pelavam. Foram esperar no largo.

P. 196

Pedi bebida com desplante, indicou o tamborete, sentaram-se como iguais. Como colegas. O malandro e o tira eram bem semelhantes — dois bem-ajambrados, ambos os sapatos brilhavam, mesmo rebolado macio na fala e quem visse e não soubesse, saber não saberia quem ali era polícia, quem ali era malandro. Neles tudo sintonizava.

Silveirinha e o seu Macieira passeando na mão. Sorria, dava tapinhas, uma cordialidade estabelecida à pressa e a seu jeito.

- Estamos aqui, meu camarada - e para o homem da caixa —, o nosso amigo paga.

Chamando-o de meu camarada, de nosso amigo...

Bacanaço aturou e foi acedendo. Pagou o conhaque. O tira sabia de suas vontades presas e se prolongava nos minutos de prosa fiada, se divertia.

Sentiu que não aguentaria mais, ia explodir, boa coisa não faria. Entregou-se, uma ruga nas sobrancelhas. Abriu o jogo, mostrou a nota de quinhentos.

-E o que se tem.

Pretextou pressa, escorregou a cédula, pediu licença. Ganhou a escada de madeira, o amargo na boca.

Silveirinha rematou a bebida, recolheu a nota, examinou as unhas.

-Até, meu camarada.

Lá no largo, os três ouviram ainda a risada que se escarrapachava forte.

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu,

P. 197

um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam.

Tomaram o viaduto Santa Efigênia maquinalmente, numa batida frouxa e dolorida. Só se ouvia, à frente, o “plac-plac” dos saltos de couro de Bacanaço. A gana do jogo lhes passara de todo e não percebiam o vento quieto e úmido batendo-lhes agora, nas caras e nas pernas. As três cabeças seguiam baixas. Eram três vagabundos e nada podiam. Seguissem, ofendidos.

O velho viaduto Santa Efigênia ficava solene na sua velhice de construção antiga e mais velho, àquela hora de calma. O viaduto velho, os prédios novos, muitos, enormes se atirando em vertical, dormidos agora. Visto de cima, o vale do Anhangabaú era um silêncio grande de duas tiras pretas de asfalto. O menino Perus olhou. Lindo, o vale, aquele silêncio de motonetas paradas, de árvores e de carros em solidão. Lua lá em cima, o menino olhou. Já se percebia, à frente, o contorno do mosteiro de São Bento, também sossegado no seu jeito antigo. Luz elétrica dos postes jogava uma calma...

Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, a moral abaixo de zero. Secos, apenas se olhavam, quando em quando, sem reclamações. Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam.

Uma porrada, fora uma porrada. O velho se adiantou, olhou os dois. Emparelharam-se. Os olhares dos três se acharam e Malagueta, Perus e Bacanaço pararam minutos. O silêncio agora pesava, os três olhavam-se, com pena, palavra nenhuma.

P. 198

Lá embaixo, no vale, um auto roncou, firme, aproveitando a hora.

Havia um padecimento, doía, arrasava.

O velho Malagueta rangeu os dentes, tentou uma careta, necessário dizer alguma coisa, necessário dizer, por exemplo, que não se levassem tanto a sério, apareceu um estrepe, e, afinal, na vida de viradores... A cabeça se mexeu para os companheiros.

- A gente fica até coisa, meus. Aquilo nem é cinismo; é cinidez.

Era nada engraçado. O silêncio pesou mais.

Não era exatamente o dinheiro. Quinhentos cruzeiros não machucam quem se atira a partidas de até dois contos ou atravessa dias sem comer, combatendo em volta da mesa. Dinheiro é do jogo e para o jogo — donde vem e para onde vai. O sofrimento não era pequeno não. Seu tamanho não era o da nota de quinhentos. O que doía era sofrerem uma apoquentação e não poderem malhar o abusado que a vomitara.

Só vagabundo entende aquele espeto. Mocorongo, trouxa, pixote, cavalo-de-teta, otário, vida mansa algum nunca perceberia o que se passava com Malagueta, Perus e Bacanaço. Só um vagabundo.

- A gente inda vai à forra, velhão - Bacanaço deu um tapa no paletó imundo de Malagueta. - Deix' estar. Tenteia, velho.

Só Perus não falou, inteiro no seu quieto.

Angústia parada nos passos lerdos. Marchavam, pálidos, meio cansados. O relógio do mosteiro de São Bento mostrava

P. 199

quase três horas. Poucos vagabundos deitados nos cantos dos portões, cobertos mal, eram amontoados escuros e confusos de panos e folhas de jornal.

Ao Martinelli, sem entusiasmo. Tomaram a Libero Badaró.

O velho salão do Martinelli com seus grandes espelhos laterais do tamanho de um homem, refletindo as luzes brancas, brancas; as paredes trabalhadas à antiga, o ar úmido, o mofo do maior bilhar da cidade. E como o jogo minguisse, o abandono das mesas, dos marcadores e dos tacos alinhados a seus cantos, constrangia. Era um silêncio grande de muitas mesas vazias e de giz esquecido.

Uma voz cortou.

- Charutinho!

O caixa mandava o xingamento sobre um velho, que reboteava à zombaria com uma praga graúda, em italiano. Era um homem bêbado, estropiado, engraxate de mãos imundas, estrangeiro, desses velhos que dormem nos cantos dos bilhares, curtindo fome ou sono, mansamente; e que os malandros e os homens das curriolas xingam, espezinham, chamam de lixo.

- Charutinho!

Aquilo bulia com Perus. Não estava certo esquentar a cabeça de um infeliz com um apelido besta. E era um velho mais velho que Malagueta.

- Charutinho!

A resposta partia em italiano, pronta, violenta, desesperada, o homem batia os pés no chão, ameaçava socos no ar e ficava

P. 200

no meio do salão, cambaio, atrapalhando-se com o apelido e com as pernas, que se desentendiam. Álcool rondava aquela cabeça branca. Houve um momento em que seu nervosismo cresceu e parecia que ele ia chorar.

- Charutinho!

Nenhuma graça. Os três percorreram mesas, marcharam para os fundos, ocuparam o mictório. Perus se exasperou com os berros que vinham do salão.

- Esse cara xingando merecia uma lição.

- Merece — sustentou Bacanaço.

Malagueta, alerta, com a cabeça em seu lugar. Vinham quentes que pelavam do Paratodos e não cuidassem, ficariam fulos com os gritos do caixa. Acabariam explodindo e se atracando com o gaiato, que a raiva mais cresceria. Quebrariam o homem. E para quê? Inutilmente armariam esporro. Estavam já numa onda de azar raiado, houvesse cuidado. Recomendou juízo.

- Deixe pra lá essa zonzeira.

A resposta vinha em italiano. Mandava uma praga.

- Lazzarone!

Saíram do mictório, mudos, crispados, andaram, ganharam o vale do Anhangabaú, onde tudo era dormido e só se via um olho aceso no alinhamento dos prédios da rua Formosa — sozinha, a janela maior do Salão Ideal. Caminharam para ela.

A madrugada geral esfriara, pelas ruas de São Paulo corria um vento úmido, aquele vento das madrugadas...

Os luminosos ainda resistiam, os postes de iluminação com

P. 201

seus três globos ovalados eram agora de todo silentes, e atiravam sobre a cidade um tom amarelo, desmaiado, místico no sossego geral da hora. Para os lados do viaduto do Chá e do Teatro Municipal, os luminosos, em profusão, jogavam cores, faziam truques, acendiam e apagavam uma repetida festa muda.

Perus não perdia do pensamento o caixa xingando o velho. Repetiu, sozinho:

- É um cadelo. Será que ele não tem pai?

No Ideal, deserto, sem jogo, lhes deram uma notícia toda boa. Rondara por ali, não fazia quinze minutos, uma diligência conjunta da rude e da rone — rondas noturnas especiais, que do salão arrancaram de supetão cinco malandros dormindo nos bancos e os trancafiaram, que com aquela polícia não havia conversas, arregos ou arrumações. Malagueta, Perus e Bacanaço haviam escapado por uma asa de barata.

Luz da esperança lhes brilhou.

E entenderam que a maré de sorte lhes voltara, de repente, à grande, gorda e generosa. Pois, até a polícia mais perigosa e séria não evitavam, sem querer?

Uma vontade súbita os tomou. A cidade não dera jogo, dera prejuízo e até estrepe no caminho? Não havia nada não. São Paulo era grande e eles, três tacos, tinindo para o que desse e viesse. Haveria jogo em algum canto. Faziam fé.

E foram afoitos à rampa íngreme da praça Ramos de Azevedo, catariam uma condução, carro, bonde, qualquer coisa. A subida era dura, mas a marcha era batida, confiante. Iam a Pinheiros.

P. 202

Pinheiros

Na rua comprida, parada, dormida — vento frio, cemitério, hospital, trilhos de bonde; bar vazio, bar fechado, bar vazio...

Malagueta arriava a cabeça no peito, lesado, mãos nos bolsos. Bacanaço à frente, vestira o paletó e ia como esquecido dos companheiros. E nem o menino Perus falava.

E caminhavam. Topavam cachorros silenciosos, chutavam gatos quizilentos, urinavam nos tapumes, nos escuros.

Andaram muito, magros e pálidos. E sentiram-se cansados e com fome e sonados. Não lhes acontecia nada. Nenhum boteco aberto. Como aquele silêncio os calava... Não falavam, não assobiavam, um não olhava para o outro.

Pinheiros dormia de todo; nem gente, nem carros, na rua Teodoro Sampaio nenhum bonde passava. Em pensamento, Malagueta, Perus e Bacanaço xingavam Pinheiros.

Cães latiam na madrugada e um galo cantou.

Tinham pressa, mas iam lentos e até chutavam coisas do caminho. Bar fechado, bar fechado e aquele mais adiante já também. Esta repetição os desgostava, os encabulava, metia-lhes pensamentos bestas.

P. 203

Silêncio os baixa a zero e cigarro nada resolve, só afunda o pensamento errado, amargo, que embota a malandragem, numa onda de coió.

Dinheiro nos bolsos havia, que sobrava algum das divisões de Bacanaço e da exploração de Silveirinha, mas por dentro iam batidos, batidinhos. E Malagueta, Perus e Bacanaço curtiram aquela de pensar.

Uma vez, quando o menino Perus era um menino e trabalhava no brilho de um sapato, que sua viração era engraxar, um safado roubou um aleijado esmoleiro na porteira do trem e o infeliz botou a boca no mundo. Os gritos botaram o larápio a correr para bem longe da Lapade-baixo. O bicho vinha aos pinotes, tropicando e chocando-se e chutando coisas que lhe atrapalhavam a corrida, e se apavorou e jogou a grana roubada — era tudo pixulés, caraminguás, notas de um, de dois, de cinco cruzeiros. Aos pés do menino Perus. A rua estava azoada e a polícia chegou não querendo prosas fiadas. Houvesse explicações e imediatamente. O atrapalhação ingrata que foi justificar aquele dinheiro... Assim sempre, pensava Perus, trabalhando para os outros, curtindo as atrapalhadas dos outros. Papagaio come milho, periquito leva a fama. Como um pé-de-chinelo, como um dois de paus. Para que esperar um dia de maré de sorte? Para que pretender os joguinhos caros e bons de Vila Alpina? O menino

Perus achava que seria sempre um coió-sem-sorte, sofredor amansando a vida deste e daquele. E lhe chegava a ideia velha, solução pretendida, única saída dos momentos de fome.

P. 204

- Um dia eu me apago.

Roubaria uma grana, se enfiaria num trem para Perus, onde ficaria quieto, para de lá não sair mais. Aturaria a tia, o amásio bêbado, a vidinha estúpida e sem jogo, a enorme fábrica de cimento de um lado, o casario mesquinho do outro. E iria se fanar com uma ocupação na fábrica, com uma enxada, com o diabo. Sua hora de dormir seria dez horas. Lá em Perus, o menino não curtiria madrugadas e fome, nem se atiraria como um desesperado à primeira viração que surgisse. Malandragem não dera pé.

Mas o joguinho virava, sorria, chamava, dava-lhe um parceirinho fácil em duas partidas de duzentos e cinquenta cruzeiros. Os pensamentos bons iam embora, arranjava um patrão, caía na sinuca. Ganhava um tanto, se arrumava por uns dias. Na continuação, de novo se estrepava, o joguinho castigava. Perus combatia, entretanto. Doía-lhe na pele ver o capitalzinho juntado ir-se minguando, pingado fora de seu bolso, feito coisa do alheio. Desnorteava-se nas tacadas, com pouco estava sem nenhum, arruinado, sem dinheiro e sem patrão. Dias depois, se mortificava com lamentações novas.

Bacanaço andava agora com uma mina nova, vinte anos. Morena ou ruiva não se sabia, que ficava loira de cabelos oxigenados, porque o mulato preferia loiras. Fazia a vida num puteiro da rua das Palmeiras, tinha seu nome de guerra - Marli. A mina lhe dava uma diária exigida de mil, mil e quinhentos cruzeiros, que o malandro esbagaçava todos os dias nas vaidades do vestir e do calçar, no jogo e em outras virações. Quando lhe trazia menos

P. 205

dinheiro, Bacanaço a surrava, naturalmente, como fazem os rufiões. Tapas, pontapés, coisas leves. Apenas no natural de um cacete bem dado para que houvesse respeito, para não andar com bobice na cabeça e para que não se esquecesse preguiçando na rua, ou bebericando nos botecos, ou indo a cinemas, em vez de trabalhar. Obrigação sua era ganhar - para não acostamá-la mal, Bacanaço batia-lhe. Nas surras habituais, o porteiro da pensão da Lapa surgia, assustado. Bacanaço o encarava.

- Olhe, camarada: entre marido e mulher, ninguém bote a colher.

E se o homem perguntava, solícito:

- O seu negócio deve ser cuidar de sua vida — e abria os braços - ou é cuidar da minha?

O tipo se ia, cabisbaixo, desenxabido, para o mesmo lugar donde viera.

Se a desobediência se repetia, o cacete se dobrava. Bacanaço se atilava em crueldades mais duras. Para começo a trancafiava no quarto e partia para a rua, onde se demorava horas. Ia à sinuca, ia andar a fim de pensar bem pensado; a mulher que lá ficasse aguentando fome e vontades. Voltava tarde, bebido e abespinhado, usava o cabo de aço e agia como se Marli fosse um homem. Proibia-a de gritar. Malhava aquele corpo contra as paredes, dava-lhe nos rins, nos nós e nas pontas dos dedos. Encostava-lhe o cigarro aceso nos seios. Às vezes, Marli urinava.

Na outra noite a mulher seguia para o bordel, dolorida,

P. 206

pisada. Na cama, os fregueses costumavam perguntar o que eram aquelas marcas pretas no corpo.

- É amor — e olhava para o teto —, vamos logo.

E retomava a linha da produção, cadelinha obediente, pronta a entregar o que ganhava. Tudo. Mulher de malandro. Se preguiçasse, de novo era trancafiada e batida.

Mas Bacanaço, agora descendo lento a rua Teodoro Sampaio, não pensava assim. Chegavam-lhe, em pensamento, as coisas boas, numerosas, que dava àquela mulher. Era um protetor. Sacou-a da cadeia várias vezes, arranjou-lhe habeas corpus, negociou com tiras do setor de Costumes, tratou com este e com aquele. Mil e uma atrapalhadas. Obteve-lhe um quarto de bordel, entendeu-se com os policiais do trottoir, deu-lhe um lugar na malandragem, deu-lhe luz, que diabo! Uma tonta a quem precisou até ensinar como proceder com um homem na cama. Gastara muito dinheiro com aquela Marli, uma criança, uma otária, que nem roubar os fregueses sabia... Um estrepe, uma viagem errada, que só lhe dava trabalho e lhe esquentava a cabeça. Uma trouxa que mal o merecia, malandro maduro e fino.

Tinha em sua mira uma prostituta de fama, um pedaço de mulher com quem já ensaiara namoro de olhos vivos, lá na avenida Duque de Caxias. Mulher com uma situação, um apartamento, fregueses de quilate, políticos e outros bichos, vestida como madame. Arisca como manhosa, gata, atraía otários como só mulher que quer e sabe, consegue. Tivera vários coronéis, gente da alta, que lhe davam mesadas de trinta, quarenta contos

P. 207

por mês. Era alta e loira e Doroteia e o seu dinheiro era muito. E sem amásio, que era mina exigente também. Muito malandro tentara a conquista e ficara falando sozinho. E pelo começo dos olhares interessando-se, aquele medir-se de corpos, à malandra, mudamente sintonizando vontades... Aquilo seria um caso. Doroteia era loira fornida, de grandes ancas que mexiam, iam e vinham numa batida temperada, manhosa. Uma égua de raça, que corria na boca e na pretensão de grandes malandros.

- Um mulherão na cama.

E um rendimento graúdo.

Para a fantasia de Bacanaço, aquela mulher lhe daria por baixo, baixo, para começo de boa conversa, um carro de passeio. E quatro mil cruzeiros por dia.

Quase quatro horas da manhã. Terminaram a Teodoro Sampaio, com mais um pouco, Malagueta, Perus e Bacanaço estariam no centro do bairro, alcançariam o largo de Pinheiros.

Havia em Pinheiros, junto ao posto maior de gasolina, a Pastelaria Chinesa, fechadíssima de rumor e movimento, que se plantava defronte aos pontos iniciais dos bondes e ônibus, que dali seguiam para todos os cantos da cidade. A Chinesa fervia, dia e noite sem parar, que ônibus expressos vindos de longe, ou caminhões de romeiros de São Bom Jesus de Pirapora e de Aparecida do Norte ali faziam escala para reabastecimento, paradas, baldeações... Ali se promiscuíam tipos vadios, viradores, viajantes, esmoleiros, operários, negociantes, romeiros, condutores, surrupiadorezinhos de carteira, estudantes, mulheres da vida,

P. 208

bêbados, tipos sonolentos e vindos da gafeira famosa do bairro, o Tangará; apostadores chegados do hipódromo de Cidade Jardim... Sobressaíam-se em número os japoneses, calados, cordiais, laboriosos, em trânsito para o mercado de Pinheiros ou para a vida do comércio nas lojas, nos armazéns, nos botequins. Os japoneses, com suas caras redondas e seus modos de falar sorrindo e meneando a cabeça, eram os donos do bairro. A Chinesa, um ponto central, dia e noite. Movimentos vibravam, vozerio, retinir de xícaras, buzinas. Corriam ali muitas modalidades de negócio miúdo e graúdo. Tabacaria, prateleira de frutas, engraxates, banca de jornais e livros e revistas e folhetos de modinhas e histórias de Lampião, de Dioguinho e revistas japonesas, restaurante popular ao fundo, davam assuntos e oportunidades. E aproveitadores proliferavam na confusão, desde o homem triste que vendia maçã de brinquedo até o virador loquaz que aplicava engodos, contos aos caipiras, aos pacatos, aos basbaques, vendendo-lhes terrenos imaginários ou penduricalhos milagrosos, adornos reluzentes ou falsas peças de tecidos famosos com auréola inglesa. Chegado de

outros cantos da cidade, dos interiores de São Paulo e do norte do Paraná, o dinheiro ali corria.

Entraram, tinham fome, Bacanaço os convidou, pediram pratos feitos, chamados sortidos. Vieram pratos fundos, cheios — arroz, feijão, farofa, rodelas de tomate, miúdos ensopados. O mulato não gostava de farofa e Malagueta aproveitou-a. Disseram-se coisas, olharam o movimento, a encabulação sumindo. O

P. 209

velho comia com pimenta e bebia cachaça, Perus apreciava guaraná, Bacanaço bebia cerveja gelada.

Comido o primeiro prato, sentiram ainda fome, pediram outro. Veio-lhes depois sono e cansaço. Bebericaram café lentamente. Cansados e sonados de verdade, esfregavam os olhos, bocejavam, deixaram-se ficar, sentados.

Estiveram tempo sem fim, embrutecidos na madorna arrastada. Malagueta pendeu a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos, encolheu-se na cadeira; Perus tamborilava num garfo, devagar; Bacanaço espiava, fumava.

No balcão comprido da Pastelaria Chinesa, os ruídos do movimento prosseguiam. As pernas dos homens atrás do balcão não tinham sossego.

Levantaram-se, lerdos, dividiram as despesas. Saíram.

Havia luz lá em cima e se subissem, a escada lhes daria o salão.

- Por mim, a gente ia já pra Lapa - e Perus justificou-se -, tá quase amanhecendo, mora.

Dos lados do mercado chegava um vento leve, frio. Pouca e fraca névoa sobrava da madrugada. Clarões iam surgindo.

Para o velho Malagueta, subir ao salão, tanto lhe fazia. Curtir duas ou três noites de sono exigia o mesmo — botava uma cachaça na cabeça e saía à luta.

Luzes se apagaram nas ruas. Uma palpitação diferente, um movimento que acorda ia-se arrumando em Pinheiros.

Primeiros pardais passavam.

Perus acompanhava os dois, mas olhava o céu como um

P. 210

menino num quieto demorado e com aquela coisa esquisita arranhando o peito. E que o menino Perus não dizia a ninguém. Contava muitas coisas a outros vagabundos. Até a

intimidade de outras coisas suas. Mas aquela não contava. Aquele sentir, àquela hora, dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava, pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem.

Perus olhava. Agora a lua, só meia-lua e muito branca, bem no meio do céu. Marchava para o seu fim. Mas à direita, aparecia um toque sanguíneo. Era de um rosado impreciso, embaçado, inquieto, que entre duas cores se enlaçava e dolorosamente se mexia, se misturava entre o cinza e o branco do céu, buscava um tom definido, revolvía aqueles lados, pesadamente. Parecia um movimento doloroso, coisa querendo arrebentar, livre, forte, gritando de cor naquele céu.

Entrou no salão, mal reparou nas coisas, foi para a janela. Uma vontade besta. Não queria perder o instante do nascimento daquele vermelho. E não podia explicar aquele sentir aos companheiros. Seria zombado, Malagueta faria caretas, Bacanaço talvez lacrasse:

- Mas deixe de frescura, rapaz!

Foi para a janela, encostou-se ao peitoril, apoiou a cara nas mãos espalmadas, botou os olhos no céu e esperou, amorosamente.

Veio o vermelho. E se fez, enfim, vermelho como só ele no céu. E gritou, feriu, nascendo.

P. 211

Já era um dia. O instante bulia nos pelos do braço, doía na alma, passava uma doçura naquele menino, àquela janela, grudado.

—Vamos brincar? — Bacanaço chamava.

Sabia que aquele momento tinha vários nomes e se ria por dentro e desprezava quando lhe diziam “é o nascimento do dia”. Os outros nomes também eram frouxos. Gostava um pouco de aurora, um pouco só, quando se falava baixo e sério. Sabia o que tinha de lindo aquele momento e mesmo querendo contar a alguém não conseguiria. Não haveria jeito, com palavras difíceis ou escolhidas ou modo arrumado, que reproduzisse aquele vermelho. Não era coisa de contar. Era de ficar vendo, quieto, parado, esquecido. E bobo.

-Vamos brincar?

Era um salão repintado, de mesas novinhas e vazio àquela hora, só com o dono, um homem solícito, que lhes ofereceu as bolas e informou que o salão tinha só um mês e meio. Mesas excelentes, tacos oficiais, giz americano.

Ordem. Bolas, mesas, marcadores, tacos - tudo novo, limpo, a convidar. O colorido das bolas já distribuídas, alinhadas no pano verde. Chamando.

- Ei, vamos brincar!

O menino se voltou.

Pegaram nos tacos, passaram giz, tacaram sem vontade. Brincavam, malabarismos, manobravam com displicência, esqueciam-se de marcar pontos, invertiam tacadas, espantavam

P. 212

o sono, riam, brincavam. Passatempo, bate-bola, leite de pato, sem nenhuma importância.

No finzinho daquela partida de brinquedo, houve necessidade de Perus aplicar um golpe de vinte pontos. Embocar de estalo a bola seis na caçapa do canto, foi tarefa de um golpe, e a bola branca correu, mansinha, por toda a mesa, fez colocação natural na bola sete, a preta de muito valor. Firme, um atirador que era, Perus embocou o sete duas vezes.

Agora, não se brincava, sérios iam ao jogo. Malagueta espetava, aplicava sinucas repetidas em Bacanaço. O mulato se defendia, hábil, deixava péssima a situação de jogo para Perus e o menino tentava uma bola de valor, caprichava, não queria erradas.

E naquele leite de pato que deu em joguinho sério, um começava a medir o outro com intenções, e safadezas no pensamento começavam a bailar, tímidas, nascendo, roendo, devagar.

O dono do bar limpava o balcão, entretia-se com pequeninas arrumações e quando em quando, punha os olhos na mesa em que o jogo corria. Então, assobiava para disfarçar, como fazem os balconistas quando, furtivos e discretos, fiscalizam fregueses. Se o olhar de soslaio encontrava-se com os dos malandros, o homem dissimulava jogando solitudes:

- Desejam alguma coisa?

Num desses constrangimentos, Bacanaço fez um deboche:

- Um “simca-chambord” verde e branco. O senhor tem pra vender?

As intenções secretas iam ganhando corpo.

P.213

Malagueta media as duas forças - Perus, um atirador; Bacanaço, um atirador. Bem. Se se batessem com ele num joguinho a valer, muito provavelmente fritaria os dois; primeiro, um; depois, o outro. Trancar-lhes-ia o jogo com tamanha amarração intrincada e tantos espetos seguidos, que ambos ficariam como baratas tontas, sem bolas a jogar. Dar-lhes-ia

sinucas repetidas, que aquelas mesas eram novas e grandes, mesas oficiais e nelas só um jogador habituado fecharia jogo. Logo... Pediu cachaça. Engendrou — que jogo lhes proporia? Vida, não. Vinte-e-um, não. Disputa só com as bolas seis e sete, era viável...

As safadezas cresciam, incluíam arrumações, dissimuladas, trapaças grossas.

Bacanaço pediu um avental para proteger a calça de linho. Imaginava também um jogo valendo uma grana. Afinal devia tomar-lhes o dinheiro; não fora ele quem os patroara? Engendrou - que jogo lhes proporia? Vida, não. Água Branca? E não era o patrão? Iria perder tempo em Pinheiros? Não, não, nada disso. Malandro vive é com dinheiro. Golpe certo seria quebrá-los através de um marmelo — sugeriria um torneio, uma terceirada e para o jogo partiria ligado com Perus. Perus e ele, trapaceando, comeriam Malagueta. Depois, bem depois, encarar e desacatar o menino seria fácil. Bacanaço era taco melhor, dar-lhe-ia uma vantagem qualquer no marcador e no jogo, estraçalharia Perus. O dinheiro passaria todo para sua mão. Afinal, Perus não lhe dera tanto trabalho lá no Paratodos? Pois. Ambos lhe deviam favores e muitos. E jogou o verde à espera do maduro.

P. 214

- Sinuca a passatempo é mancada. A gente perde a sensação.

As ruindades, em Perus, reduziam-se em tamanho, cresciam em intensidade — imaginava o vinte-e-um. Queria o vinte-e-um, joguinho que toma tempo. Queria o vinte-e-um, joguinho em que era um artista. Não queimaria um só cartucho à toa, malharia os dois homens enquanto houvesse sinuca no mundo e quanto quisesse. Perderia, talvez, noutras modalidades. No vinte-e-um, ganharia sempre. Era o seu jogo. Habilidades de combinações, evoluiria aos borbotões, fino e certo, naquela mesa boa e nova. Bolas finas, embocaria todas. É. No quente de um vinte-e-um... Mas não sentia coragem de convidá-los. Buscar, buscava; mas não encontrava jeito com que iniciar o desacato. Como chamá-los para o jogo, o seu jogo? Afinal, Bacanaço era o patrão e Malagueta, coitado, ajudara-o tanto na Água Branca. Entretanto, mesmo Perus não conseguia afastar a ideia de tomar-lhes a grana. Disse, fingindo apenas concordar, mas ia intenção nas palavras:

- Sinuca a passatempo é jogo de trouxa.

A gana picava-lhes, crescia muda, ganhava malícias, ficava sutil, se escondia num disfarce. Reaparecia, violenta, numa bola sete difícil. Ia, frouxa; voltava dobrada em tamanho. Momentos em que lhes parecia uma vontade estúpida, errada, desnecessária. Noutros, à malandra, chegava risonha, cínica, traquinagem natural do jogo.

Egoísmo é fatal no jogo, um jogador sabe. E o malvado cresceu-lhes a pouco e pouco, minando, fez negaças, manhas,

P. 215

rodeou, rodeou... ficou agressivo, certo, definido, total. E exigiu.

Malagueta, Perus e Bacanaço preparavam-se para se devorar.

O dono do bar arrumava pequenas coisas, corrigia o alinhamento das garrafas. Embromava.

Foi quando surgiu no salão um tipo miúdo, lépido, baixinho, vestido à malandra, terno preto, gravata estreita, sapatos pequenos de bicos quadradinhos. Desses sujeitos que fazem suas coisas muito à pressa, passos curtos, rápidos, jeitosos, com o bigodinho aparado que costumam pendurar na cara.

Bacanaço deu-lhe de olhos, fez um estudo.

- Esse tostãozinho de gente aí é algum otário oferecido.

O homem cumprimentou o dono do bar, sorriu, bebeu lá o seu copo, veio se encostando à mesa. Num minuto batia papo com Bacanaço.

- Olá, parceirinho, está a jogo ou está a passeio?

Perus sofria. O homem era Robertinho, dos maiores tacos de Pinheiros, um embocador, fino dissimulador de jogo. Conhecera-o no Aimoré, muquinfo da rua Teodoro Sampaio, e haviam se dado bem. Camaradas.

- Depende de um entendimento, meu.

Camaradas. Em pensamento, Perus pedia a Bacanaço, não marcasse jogo. Robertinho, um bárbaro, piranha manhosa e o pior - escondia jogo. Se quisesse, bolava um plano, passava duas- três horas perdendo, malandro de capital, que era. Depois, mordida, dobrava paradas, ia à forra - largava o parceirinho falando

P. 216

sozinho, sem saber por que perdera. Bacanaço e Malagueta o desconheciam, aquilo era um esbregue que o mulato ia arrumar. E a mais e mais, naquele salão, naquelas mesas, conhecidas de Robertinho como a palma de sua mão... Tacar ia como um professor.

- Duas de duzentos e cinquenta.

Diabo. Bacanaço agora propusera jogo; Malagueta, a seu mando, se bateria com Robertinho. O velho se espatifaria depressinha, perderia uma, duas, dez, vinte partidas, todas.

Cairia de quatro. Robertinho jogava três vezes mais que o velho, na lógica natural do jogo. O estrepe! E Perus não podia evitar o encontro...

-Vamos lá, parceiro - Robertinho já desatava o paletó.

Quando o malandro deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação, ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo. Assim fazem os malandros entre si; é regra. E, regra, Perus não podia avisar Bacanaço, nem Malagueta. Não devia entregar Robertinho, que o jogo era muito bom para ele. Nada poderia dizer. Se abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra “cagueta”, que é o que mais dói para um malandro. E ainda arrumaria briga séria. Bacanaço ia entusiasmado, aticando. Perus sofria. Não podia arrancar os companheiros daquele lobo e, em havendo jogo, já sabia na ponta da língua a continuação negra daquela parada — Robertinho ia-lhes deixar tortos, tortinhos, sem dinheiro para um café. Nem Bacanaço, nem Malagueta, nem Perus teriam força de jogo para o seu ritmo.

P. 217

- Jogo o jogo caro, meu - o homem miudinho dobrava preço. - E meu jogo não tem estia: se ganhar, não dou; se perder, não quero. Topa, parceirinho?

Jogo seu não dava consolos, nem os pedia.

Bacanaço dirigia com rompante, autorizou Malagueta, botou-o na mesa.

- O meu empregado é empregado velho. Joga. Estia não se dá e não se leva, que isto aqui é jogo de homem e não de esmoleiro. A quanto?

Quinhentos cruzeiros. Perus suspirou fundo. O buraco em que caíram, ô estrepe inesperado! Não havia saída, era esperar sentado, arrasado. Assistiria a Robertinho ganhar uma partida, duas, ou quarenta. Para o malandro, bom realizador, o trabalho seria o mesmo. E Perus não poderia dizer um a. Para começo, o dinheiro de Malagueta se esbagaçaria. Depois, Robertinho morderia o de Bacanaço. E depois...

Mas Robertinho era terrível e deu-lhes o açúcar. Na dissimulada, deixou-se ao gosto de Malagueta, perdeu-lhe três partidas de quinhentos, pagou-lhe, maneiro, concordando. Media-lhe o jogo, estudava.

-Você está inspirado, velho.

Bacanaço vibrava diante do parceirão arranjado. Aquele perderia muito, Malagueta se conduzia bem naquela mesa. Talvez arrecadasse quatro-cinco contos naquele jogo imperdível. Maré de sorte, maré grande. E aticava:

- Firme, velho!

P. 218

Perus conhecia a malícia e apenas olhava, esperava o rebote de Robertinho, que certo, quebrando tudo, viria quando o malandro bem entendesse.

Mas Robertinho, piranha, perdeu mais duas partidas. Bacanaço bebia cerveja, fazia festas, dava estalos no ar.

- Firme, Malagueta!

Perus, descoroçado, a seu canto, seguia os movimentos dos homens, que se dobravam na mesa para as tacadas. Esperava o rebote. O contra-ataque viria, iria doer, Malagueta tropicaria, Bacanaço murcharia como um balão furado. Previa. Uma certeza desencantada ficava nos olhos claros do menino.

- Vale um conto? Valendo?

Dobrou-se o preço, Bacanaço acedeu. Perus alerta, o golpe viria. Malagueta foi às bolas.

Gramou ali como um danado. Mas quem ganhou foi Robertinho, ainda dissimulando, pequena vantagem no marcador.

Bacanaço propôs dobrar. Fizeram dois contos por partida. Foram às bolas. Malagueta conduziu:

- A saída é sua.

Robertinho começava a mostrar os dentes de piranha. Efeitos na bola branca com puxadas. Jogava uma bola de valor, embocava-a de estalo, já preparando uma outra, que era a bola da vez.

Diante daqueles começos de tacada longa, Malagueta se apavorava, Bacanaço se punha atento, Perus mais amuado. O velho não conseguia prender aquele suspiro comprido. O jogo não estava prestando...

P. 219

O outro passava giz na cabeça do taco e ia firme ao jogo atirado. Duas, três dezenas de pontos por tacada, ou alguma coisa a menos. Um atirador como poucos, aquele Robertinho. Estraçalhava.

Duma surtida do malandro, Malagueta não aguentou, fez careta e se benzeu:

- Osso quebrado, nervo torcido, carne rendida, assim mesmo eu te cozo. Sai de mim, azar do capeta!

Robertinho só sorriu:

- Não é nada não, meu parceiro.

Ganhou dois, quatro contos. Forrou o perdido, apanhou a linha de frente, ganhou o seu embalo de jogo. Bacanaço mordido, não acreditava no joguinho, sua teimosia era de pedra. Atirava.

- Dá-lhe, Malagueta! Corre por dentro do homem, velho!

O velho ganhava impulso, fazia uns pontos, tacada boa, espetava em seguida, sua especialidade, largava situação péssima para o adversário. Bacanaço se alentava, jogava elogios novos.

- Manda pras cabeças, velho!

Era quando Robertinho tomava fôlego, embalava o jogo, embocava uma bola de valor, dava colocação à bola branca, construía ângulos, enormizava a diferença no marcador. Era um osso duro de roer, estava tinindo. Um professor.

Malagueta meneava a cabeça, lesou.

- Deus me livre e guarde.

Bacanaço mordido, mordidinho, teimava, botava agora o seu dinheiro no fogo do jogo.

P. 220

Robertinho beliscava, dominando as coloridas no pano verde.

Malagueta deu fé, buscou Bacanaço, arrastou-o a um canto, falou baixo. Propôs parar jogo, já se perdera muito, o joguinho virara, ingrato. O mulato pediu o dinheiro de Perus, recebeu-o, jogou-o na mesa. Largou a palavra final.

- Nada disso, velho! Não paro o jogo perdendo. Vai lá e joga o jogo.

Malagueta quis falar, recomendar juízo, engrolou alguma coisa. O mulato cortou, rasgado:

- Vai pro fogo, velho! Tou mandando...

Bolas batucando. O jogo ia e vinha, vinha e ia e daquilo não saía. Perdia Malagueta. Mais fumava Bacanaço.

Robertinho ganhava. Classe, jogo limpo. Respeito ao parceiro, era um taco. Pouco falava, sério e firme nos seus passos pequenos, rápidos, em torno da mesa. Olhava para as bolas, para o marcador, não motivava encabulações, desacatos, perdas de atenção. Jogava para ele, não assobiava, não cantarolava, acatava Malagueta. Jogava o jogo.

Perus emendava cigarros. Não era de hoje que conhecia bem aquele estilo de jogo e a picardia de seu dono. Fora muito azar caírem nas unhas de um professor.

Acabou o jogo. Malagueta olhava o chão.

- Joguinho morfético!

Robertinho abotoou o paletó, foi para o balcão beber um copo, pagar tempo e despesas. Conversava, calmo. Nem ao de

P. 221

leve era um homem saído de um jogo de três horas e meia. Sossegado, batendo papo. Um taco.

Não falaram em estia, que trato é trato. Bacanaço se lembrou de um galo que trazia no bolsinho da calça. Havia cinquenta cruzeiros para o ônibus.

No tamborete do balcão, Robertinho não os olhava; conferia o troco. Depois, cofiou o bigodinho aparado.

Quando o passaram de largo, não o cumprimentaram.

Lentos, nas ruas. As cabeças pesavam, seguiam baixas.

P. 222

Lapa

A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos.

Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados.